

Rossana Maria Seabra Sade

ANEXO AO PROCESSO Nº 405/98-CM

DEFESA DE TESE EM: 28/06/2002

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O "Deficiente" em seu Mundo: Um Estudo
de Caso de uma Trajetória de Vida

Marília
2002



ROSSANA MARIA SEABRA SADE

**O "deficiente" em seu mundo: Um estudo de caso
de uma trajetória de vida.**

MARÍLIA

2002



ROSSANA MARIA SEABRA SADE

**O "deficiente" em seu mundo: Um estudo de caso
de uma trajetória de vida.**

Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia e Ciências da Universidade
Estadual Paulista "Júlio de Mesquita
Filho", Campus de Marília, para obtenção
do título de Doutor.

Orientador: Dr. Mauro Cherobim

MARÍLIA

2002

1410001386



Sade, Rossana Maria Seabra

O "deficiente" em seu mundo: Um estudo de caso de uma trajetória de vida/Rossana Maria Seabra Sade.- Marília, 2002

Tese (doutorado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências-Universidade Estadual Paulista, 2002.

Bibliografia:

Aos meus pais, Clotilde e Waldemar, pela contribuição.

A minha mãe, Clotilde, que, mesmo distante, não me furtou apoio;

Aos meus irmãos e sobrinho Alekssander pelo apoio que de maneira própria e

especial souberam guiar meus passos para a execução desse trabalho.

Aos meus amigos, Nicanor e família e aos Profs^o Antônio e Hugues, que

tanto me contagiaram com perseverança.

Aos meus filhos, Pablo e Mariana pelo amor e compreensão;

Ao meu pai, Waldemar Sade (in memorian);

À minha mãe que, mesmo distante, não me furtou apoio;

Às minhas irmãs e sobrinho Alekssander pelo apoio que de maneira própria e especial souberam guiar meus passos para a execução desse trabalho.

Aos meus amigos, Nicanor e família e aos Profs^o Antônio e Hugues, que tanto me contagiaram com perseverança.

AGRADECIMENTOS

Ao Doutor Mauro Cherobim pela contribuição.

À querida colega, Dr^a Fátima Inês Wolf de Oliveira que, com preciosas sugestões, possibilitou-me um caminhar mais seguro para a finalização desta etapa da jornada;

À Doutora Ana Maria Freire pela concordância em participar da argüição e valorizar este trabalho, contribuindo e me enriquecendo com sua sabedoria;

Ao Doutor Raul Aragão que me privilegiou com sua participação como membro de banca.

Aos queridos colegas do Departamento de Educação Especial da Unesp de Marília.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, sua Coordenação e funcionários.

À chefia do Departamento de Educação Especial da Unesp de Marília e à Secretária do departamento pela compreensão, apoio e tolerância.

Ao querido Nicanor e sua família.



Em primeiro lugar é preciso resistir aos sonhos ilusórios e ser realista: prometer o realizável, como passo de uma caminhada mais longa, mas que vai na boa direção e aproxima do projeto histórico. Bons são os sonhos que transfiguram a realidade e levam a transforma-la, enganosos são os que a mistificam. Portanto articular os dois níveis: o micro e o macro. Pensar no global e agir no particular. A grande utopia toma corpo na pequena utopia.

Clodovis Boff

SADE, R.M.S. O "deficiente" em seu mundo: Um estudo de caso de uma trajetória de vida. 2002. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.

RESUMO

Este estudo verifica, compreende e elabora a história de vida familiar, escolar e de trabalho de um indivíduo "deficiente mental" e se propõe a analisar os valores simbólicos estabelecidos pelas instituições-família, escola e trabalho- constatando em que extensão esses valores auxiliam na formação da identidade desse homem. Visto que há uma grande lacuna, nos estudos sobre Educação Especial, quanto às questões referentes à formação da identidade do deficiente, esta pesquisa chama a atenção para o problema a partir do relato de vida.

A metodologia utilizada foi estudo de caso etnográfico, que a partir dos registros do diário de campo, a análise dos dados e a elaboração das categorias permitiram a traçar a trajetória de vida desse homem construída através dos fatos e da memória.

Para fundamentação teórica a pesquisa baseou-se nos postulados da Psicologia e Sociologia, percorrendo à Educação Especial, em estudos de pesquisadores como Glat (1995), Fonseca (1987), Nunes (1987), Omote (1994), Bueno (1993), Otto (1993), Carlo (1999), Denari (1997), Kassar (1999) e Carvalho (1988). Elaborou-se assim, a trajetória de vida e

delineou-se o modo de construção da identidade através da história contada e recontada pelo homem estigmatizado de "deficiente mental moderado".

ABSTRACT

The present study verifies, understands and elaborates a family, school, and work history of a "mentally challenged" individual and it intends to analyze the symbolic values established by the institutions – family, school and work – noticing up to what extent these values help forming the identity of this man.

Considering that there is a big gap in studies about Especial Education, regarding to the questions of forming the mental deficient individual's identity, this research calls attention to the problem based on a life report of a individual rated so.

Starting from the registration of the field notes, the analysis of data and the elaboration of the categories allowed the life trajectory, built through facts and memory, to be tracked.

The research is theoretically based on Psychology, Sociology, Special Education, from studies by Glat (1995), Fonseca (1987), Nenes (1987), Omote (1994), Bueno (1993), Otto (1993), Carlo (1999), Denari (1997), Kassar (1999) and Carvalho (1988).

The life trajectory and the construction of the identity were, thus, elaborated by means of the history told by the moderate "mental deficient stigmatized" man.

RESUME

Questo studio ha come obbiettivo verificare, comprendere e elaborare la storia di vita familiare, scolastica e di lavoro di un individuo "deficiente mentale". Si propone anche di studiare i valori simbolici stabiliti dalle istituzioni familiari, scolastiche e di lavoro, verificandosi come questi valori aiutano nella formazione dell'identità di questo uomo.

Si chiama anche l'attenzione a questo spazio vuoto negli studi della storia del deficiente mentale, partendo dalla sua visione di mondo, perché c'è un grande spazio vuoto nella ricerca sull'educazione speciale, riferendosi alla formazione dell'identità del deficiente.

La metodologia utilizzata è stata lo studio dei casi etnografici che hanno permesso rivelare le caratteristiche della ricerca in tutti i suoi aspetti familiare, scolastico e di lavoro.

Dopo i dati ripresi attraverso i registri di campo, la prossima tappa è stata l'analisi dei dati e l'elaborazione delle categorie che hanno permesso l'elaborazione del tragitto di vita di questo uomo costruito durante la sua storia e la sua memoria.

Per la base della ricerca abbiamo preso appoggio tecnico nella psicologia e anche nella educazione speciale ricorrendosi a ricercatori come Glat (1995), Fonseca (1987), Nunes (1987), Omote (1994), Bueno (1993), Otto (1993), Carlo (1999), Denari (1997), Kassir (1999) e Carvalho (1988).

L'evoluzione dello studio há portato all'elaboratezza del tragitto di vita e di come l'identità è costruita, formandosi attraverso la soggettività che si è delineata.

La storia è raccontata dall'uomo considerato "deficiente mentale moderato".

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	05
RESUMO	08
ABSTRACT	10
RESUME	11
SUMÁRIO	13

INTRODUÇÃO

APRESENTANDO MINHA CAMINHADA	15
------------------------------	----

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

1. Princípios gerais da pesquisa de abordagem etnográfica	27
1.1. Primeiros passos para a realização da pesquisa:	28
1.2. Minha percepção como pesquisadora	
O olhar e a escuta:	31
A Visita	32
1 – Máscaras e Meandros Institucionais	
1.1. Família	37
1.2. Trajetória educacional: O saber e o poder	59
1.3. Segredo: Universo do Trabalho	80

2. Vida Cotidiana: Papéis Sociais	92
3. Diferentes Formas de Olhar: Normal-Patológico	101
4. O Homem e a Serpente	
O desafio: Deficiência e Sexualidade	113
5. Caminhos do Imaginário e da Memória:	
Encontros e Desencontros	123
6. Construção da Identidade	
Estigma: O ciclo vital	129
Considerações Finais	
A busca	137
Referências Bibliográficas	146
ANEXO	164

INTRODUÇÃO

APRESENTANDO MINHA CAMINHADA

O interesse a respeito de Instituições surgiu durante estágio em Psicologia Industrial na graduação em Psicologia. Através de entrevistas e da participação em programas de treinamento, foi-me possível avaliar a realidade massificante dos operários de uma fábrica de plástico e perceber como sua saúde mental era tolhida pela opressão de um trabalho repetitivo e pouco gratificante.

Em 1983, após, concluída a graduação, trabalhei em uma escola especial para crianças e adolescentes psicóticos como técnica de sala de aula.

A precariedade no atendimento, com espaço físico inadequado e alunos que permaneciam muitas horas fechados em salas de aula, facilitava a eclosão de crises que conturbavam todo o grupo. Além disso, a equipe era formada por pouco profissionais preparados. A grande maioria era de recém-formados em Psicologia e estagiários. Tais fatores, somados a outros, levaram-me a questionamentos sobre a formação da Identidade do deficiente e como estas estruturas se instalavam e alienavam as pessoas.

No ano de 1985, fui morar na Itália. Um dos propósitos era conhecer o movimento da antipsiquiatria, do grupo ligado a Franco Rotelli, sucessor de Franco Basaglia, precursor do referido movimento na Itália.



Por um ano e meio vivenciei esta experiência em Trieste, cidade ao norte da Itália, participando de trabalhos nos Centros de Saúde, acompanhamentos terapêuticos, grupos de estudos, seminários e congressos.

Para se compreender o movimento e suas ações, faz-se necessário conhecer as concepções teóricas de seu idealizador, Franco Basaglia.

Nascido em 1924, em Veneza, onde, ainda estudante, milita na Resistência Italiana e acaba preso até o final da Segunda Guerra. Terminada a guerra, Basaglia ingressa como professor na Faculdade de Medicina de Padova. Lecionou Psiquiatria Clínica por 13 anos, renunciando à carreira acadêmica em 1961. Ao falar sobre experiência nesse período ele informa que os pacientes da clínica psiquiátrica eram adestrados e condicionados a agir de modo a conservar a ordem social à qual pertenciam, fato, segundo ele, condenável.

Incompatibilizado com as práticas adotadas pela clínica universitária, prestou concurso em 1961 para a Direção do Hospital Psiquiátrico de Gorizia, sendo aprovado e indicado para dirigir o mesmo.

Da experiência de Gorizia nasceu o livro "Instituição Negada", obra-prima da psiquiatria alternativa contemporânea, em que Basaglia e colaboradores estabelecem as relações entre a violência do hospital psiquiátrico e a violência global dos nossos sistemas sociais.

De acordo com Amarante (1996), nos finais da década de 60, em meio ao clima revolucionário dos movimentos operário e estudantil, que

envolviam a Europa, o trabalho em Gorizia alcança repercussão em vários países.

Em 1968, ao constatar a inoperância e a violência do hospital psiquiátrico, Franco Basaglia denuncia que o sistema não serve à terapêutica, mas ao controle social de certos segmentos marginalizados da população e lidera a iniciativa de fechamento do hospital provincial. A equipe técnica então, encaminha à administração municipal a reivindicação de que as atividades do hospital sejam definitivamente encerradas, sendo tal pedido rejeitado pelo poder local.

Após saber da decisão, a equipe dá alta coletiva aos internos e se demite em massa. Uma nova direção é empossada e, readmite muitos internos, ocasionando um retrocesso no trabalho que vinha até o momento sendo realizado.

Não podendo contar com um clima político-social favorável, o trabalho de Basaglia em Gorizia chega ao fim.

Três anos depois, em 1971, Basaglia e sua equipe assumem o Hospital Psiquiátrico Regional de Trieste e, então, dá-se um salto qualitativo em relação a Gorizia, visto que se inicia um processo de desativação do manicômio com a gradual reinserção do internado em seu núcleo social. Como estrutura de suporte, criam-se centros externos pela defesa da saúde mental, recebendo estreita colaboração das forças populares, políticas e culturais.

Em 1976, o Hospital Psiquiátrico de Trieste é oficialmente fechado, não aceitando mais novas internações. Toda a assistência passa a ser

realizada nos centros territoriais, nos grupos-apartamento e no serviço de emergência do Hospital Geral.

Todo o debate e as repercussões provenientes do trabalho conduzido por Basaglia em Trieste levam à aprovação, em 13 de maio de 1978, da Lei n.180, Lei da Reforma Psiquiátrica Italiana, que fica conhecida como "Lei Basaglia".

Franco Basaglia dirige o Hospital em Trieste até novembro de 1979, sendo substituído por Franco Rotelli. Vai para Roma, capital da região de Lazio, dando início à implantação da reforma. No ano seguinte, aos 56 anos (em agosto de 1980), Basaglia morre em Veneza. O movimento se estrutura, tornando-se referencia mundial.

As idéias de Franco Basaglia e a participação no movimento abriram-me novos espaços para refletir sobre como as Instituições contribuem para a formação da Identidade do deficiente e como a família e a escola auxiliam esse processo.

No verão de 1986, conheci em Trieste um casal de técnicos franceses: ele era psicólogo e ela, pedagoga. Os dois lá estavam num estágio para conhecer e vivenciar o movimento da anti-psiquiatria.

O interesse em conhecer o trabalho alternativo de Instituições escolares para portadores de transtornos emocionais, aproximou-me desse casal. No inverno de 1987, fui a Nellun, a convite desses profissionais, proferir uma palestra a respeito do Movimento e conhecer a Instituição educacional que desenvolvia um trabalho alternativo com psicóticos. Essa escola era situada no meio de um bosque, havendo duas

casas muito amplas; em uma delas os alunos faziam atividades durante o dia como música, dança, pintura, culinária, etc. e na outra, os alunos dormiam.

Nessa instituição, trabalhavam pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, professores e outros profissionais envolvidos com a área. A proposta principal de trabalho era reintegrar o psicótico à família e à sociedade.

No segundo semestre de 1987, retornei ao Brasil e, no início de 1988, comecei a trabalhar em uma escola especial para portadores de deficiência mental, cuja proposta era profissionalizante, um trabalho de integração e socialização dos alunos. Por um ano trabalhei como psicóloga, realizando diagnósticos, encaminhamentos de alunos para as turmas, fazendo acompanhamento desses alunos e dando orientação aos professores.

Baseada nessas experiências surgia, cada vez mais forte, a preocupação como estes indivíduos estigmatizados pela sociedade. Qual era o meu papel dentro desse contexto? Como a escola especial contribuía na manutenção da deficiência? Retomei minha passagem por Trieste e me propus a resgatar aquela experiência e aproveitá-la em nossa realidade.

Assim como a reforma psiquiátrica “nega a psiquiatria enquanto ideologia”,

Na medida em que percebe-se que esta tende a fornecer justificativas teóricas e respostas práticas a uma realidade que a própria ciência contribui para produzir, nas formas mais adequadas à conservação do sistema em que está inserida. (Basaglia, Franca 1981:xxii)

A educação especial também produz e conserva um modelo estabelecido pelo sistema. Mudar as normas e as leis não assegura a mudança de suas práticas segregatórias.

Para Basaglia, segundo Amarante (1996), mudar a psiquiatria é mudar a instituição e suas práticas, pois, mudando-as, transforma-se o saber psiquiátrico. Os primeiros passos da desinstitucionalização, devem desconstruir o paradigma problema-solução, envolvendo e mobilizando nesse processo os atores sociais envolvidos na questão.

Basaglia queria provar que era possível uma outra prática psiquiátrica, sem abrir mão da teoria que ele elabora, apoiando-se em outros campos do saber, como a filosofia e a epistemologia.

Por sua formação no campo da fenomenologia e do existencialismo, procurou Basaglia abordar a doença mental como,

Relação do indivíduo com o seu corpo, sua maneira de vivê-lo, objetivá-lo e de ser fundamentalmente sujeito da experiência corporal. Prisioneiro da ótica positivista da qual ainda hoje a cultura médica é impregnada, o corpo resulta pura inércia e passividade. É preciso superar a nítida dicotomia alma e corpo, criando uma possibilidade de conquista de uma subjetividade. Basaglia, Franca (apud Barros, 1994, P.58)

Nota-se, então, que Basaglia pretendia elaborar não apenas saberes teóricos, mas cultura. Queria gerar novas práticas e políticas culturais na psiquiatria e na sociedade, na concepção de doença mental, introduzindo

mudanças significativas em sua época, sendo acima de tudo, um grande humanista.

O grande reformista estabeleceu novas formas terapêuticas – acompanhamentos; colocação de ex.internos no mercado de trabalho, conforme as aptidões e desenvolvimento de cooperativas pertencentes aos Centros, tais como bar, salão de beleza, teatro, hortas, etc. Ele sabia que as atividades de lazer e moradia são fatores de reintegração do indivíduo no social. Só a partir do momento em que o “doente mental”, em Trieste, ganhou dignidade como cidadão, quando houve escuta de sua voz e de seus anseios, altera-se sua posição: torna-se um homem com quem o relacionamento era de igual para igual, apresentando necessidades iguais às de qualquer homem na sociedade (família, amor e, principalmente, a liberdade). “A liberdade é terapêutica” esta é a frase que deu força para a derrubada dos muros dos manicômios na Itália.

Estas questões permearam minha caminhada profissional e a dicotomia entre meu conhecimento teórico e a minha prática impulsionaram-me para que, em 1990, cursasse Especialização em Deficiência Mental da Universidade Federal do Paraná. Naquele momento, haviam amadurecido muitas idéias e passei a perceber um especial espaço no campo da pesquisa, buscando subsídios teórico-práticos para continuar exercitando meus “juízos” acerca de instituições e formas de atendimentos.



Passei um ano freqüentando disciplinas ligadas à área da excepcionalidade e concluí o curso com uma monografia, cuja temática era o atendimento alternativo ao psicótico.

Concluída essa etapa, para tentar responder a muitas perguntas formuladas e dar maior profundidade aos pressupostos que a minha prática não conseguiu responder, fui buscar o Mestrado em Educação Especial na Universidade Federal de São Carlos.

O interesse pelas formas de atendimento ao deficiente mental e pela formação da sua Identidade, levou-me a elaborar um projeto de pesquisa para investigar o cotidiano de uma instituição que se propunha à educação de pessoas portadoras de distúrbios emocionais, por uma abordagem do tipo pesquisa etnográfica.

Para coleta de dados, participei durante um ano como estagiária de uma escola especial em Curitiba. Após a análise dos dados, elaborei minha dissertação intitulada: "Um estudo descritivo de uma Instituição educacional para pessoas portadoras de distúrbios emocionais".

Em todo o processo de mestrado, confrontei-me com as questões da saúde mental no âmbito da educação.

Após o término do mestrado, surgiu a oportunidade de meu ingresso, como docente, na Universidade Estadual Paulista – Câmpus de Marília, na área de Educação Especial.

Posteriormente, para tentar responder a questões, que permeavam meu universo acadêmico, participei do processo de seleção de doutorado na área de Educação com concentração em Educação Especial na UNESP-



Campus de Marília, com o projeto intitulado "História Negada", pesquisa pela qual se buscava compreender a história de vida do deficiente mental a partir de seus relatos, tentando dar-lhe direito de voz e (re)construir sua história.

Meu interesse pelo tema da tese é, então, parte desta trajetória como psicóloga, professora, estagiária e cúmplice da clientela especial que compartilhou comigo suas angústias e suas vidas e com quem aprendi a riqueza destas interações, impulsionando-me à realização deste trabalho.

Meu olhar se dirige, portanto para o adulto com deficiência mental com intuito de compreendê-lo como um ser desprovido da máscara de deficiente. Tal desafio levou à confrontação de meus valores e ao desenvolvimento da pesquisa a partir do ator principal para fazer dele o porta voz de sua história.

A maioria das pesquisas faz dos indivíduos pesquisados co-atores. Suas histórias, anseios e buscas são recontadas pelo outro, havendo um apagamento de sua memória e história.

Conforme Pollak (1988) a memória é um fenômeno construído social e individualmente e contribui com a formação do sentimento de identidade que é a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria. A memória acaba sendo, portanto, um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de

continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na própria reconstrução.

A questão principal do problema, portanto, é a manipulação da identidade pessoal e social, por promover não só a estigmatização destas pessoas tidas como deficientes mentais como o esquecimento de sua memória.

Sendo assim, a instituição especial, dentro desse processo, faz o seu papel, destinando-se àqueles que necessitam de um atendimento especializado e particularizado na aprendizagem. Isto é, objetiva atender aqueles que são portadores de algum tipo de deficiência que os impede de aprender no ritmo e nos padrões considerados normais.

Entre as várias deficiências, a deficiência mental é a mais prejudicada no que tange às exigências do grupo social, pois se caracteriza por um comprometimento da área cognitiva, dificultando o desempenho esperado em um indivíduo "normal" frente às demandas sociais, como educação, trabalho, esporte, em uma sociedade competitiva e excludente como a nossa.

Conseqüentemente, segundo Paula (1996), a deficiência mental é encarada como se faltasse ao indivíduo à própria essência da humanidade, a racionalidade.

A educação especial parece ter incorporado em seus programas a mensagem de que o portador de deficiência mental é irracional, demente, faltando-lhe inteligência. Dentro dessa prerrogativa, ele passa a ser digno

de caridade e o Estado deve assumir sua tutela e interdição, o que muitas vezes vai contra os direitos inalienáveis da pessoa humana.

A contradição está presente no discurso de filósofos, educadores e políticos, refletindo os diferentes compromissos e visões da sociedade. A exemplo do que ocorre com a educação geral, torna-se patente um estreito relacionamento entre a educação do deficiente e o modo de organização das instituições escolares especiais.

A instituição escolar, conforme Ezpeleta (1989), é o produto de uma permanente construção social. Na escola interagem muitos processos sociais: a reprodução de relações sociais, a criação e transformação de conhecimentos, a conservação, a destruição da memória coletiva, o seu controle e apropriação pela instituição, a resistência à luta contra o poder estabelecido, entre outros.

A realidade cotidiana das escolas sugere que não se trata de uma relação fixa, "natural". Nela, invariavelmente, os professores e alunos interiorizam valores e conteúdos, em que entram em jogo interesses e histórias imediatas e mediatas da escola e dos sujeitos envolvidos.

Ainda segundo Ezpeleta (1989),p.60,

Toda forma social viva, toda instituição é, de fato, história acumulada, rearticulada. É produto de todos os setores sociais engajados nela, síntese de práticas e concepções criadas em diversos momentos do passado, cujo aparecimento atual não é homogêneo nem coerente. Para tornar intelegível o presente, é preciso procurar no passado o sentido dos acontecimentos e conhecimentos atuais, criando possibilidades de um fazer histórico real.

Rearticulando a trajetória de vida, recontada pelo próprio sujeito, personagem desta peça, a presente pesquisa tem por objetivo verificar, compreender e elaborar a história de vida familiar, escolar e de trabalho de um indivíduo "deficiente mental". Também se propõe a analisar os valores simbólicos estabelecidos sobre deficiência pelas instituições familiar, escolar e de trabalho, constatando como esses valores auxiliam na formação da Identidade deste homem.

Este trabalho também visou levantar questionamentos e promover discussões sobre as implicações da educação especial na formação da Identidade do portador de deficiência mental. Pretendeu-se, também, despertar a atenção para este espaço vazio, nos estudos da história do deficiente, a partir do seu relato de mundo.

Como a educação atravessa o momento em que a legislação está voltada para inclusão, torna-se incoerente o pouco envolvimento do deficiente neste processo. Tal atitude muitas vezes reflete a própria situação de exclusão e silêncio daqueles que a sofrem e reproduzem o papel de deficiente mental.

Visto que há uma grande lacuna, na pesquisa em Educação Especial, quanto às questões referentes à formação da Identidade do deficiente, buscou-se fundamentação teórica principalmente na psicologia e na sociologia. Na educação especial recorreu-se a pesquisadores como Glat (1995), Fonseca (1987), Nunes (1987), Omote (1994), Bueno (1993), Otto (1993), Carlo (1999), Kassar (1999), Carvalho (1998).



TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

1. Princípios gerais da Pesquisa de Abordagem Etnográfica

Após diversas análises e pelas características do estudo, considerou-se que a abordagem que melhor preenchia os requisitos da pesquisa era a etnográfica, com um estudo de caso.

Segundo André (1995), o estudo de caso tem aparecido na pesquisa educacional, porém dentro de uma concepção bastante estreita, ou seja, um estudo descritivo de uma unidade.

O estudo de caso etnográfico só vai surgir recentemente, na literatura educacional, numa perspectiva de aplicação especial. Para preencher os requisitos da etnografia, o objeto de estudo deve estar bem delimitado (uma pessoa, um programa, uma instituição etc), enfatizar um conhecimento particular, exigindo uma base teórica consistente, preparo e disposição pessoal.

Ainda, segundo André (1995, p.49),

“O estudo de caso etnográfico possibilita uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade complexa, por outro lado demanda um trabalho de campo intenso e prolongado, requer tempo e recursos por parte do pesquisador”.



1.1.1.PRIMEIROS PASSOS PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA:

A pesquisadora, por um ano, encontrou-se semanalmente com seu sujeito de pesquisa. Esses encontros realizavam-se no período da tarde, duração média de 2 a 3 horas por encontro, o que permitiu descobertas de aspectos novos ou pouco conhecidos do problema estudado.

A localização do "sujeito" para desenvolvimento da pesquisa, foi feita por intermédio da diretora da APAE de Marília - SP, a quem pedi auxílio. Era necessário localizar um aluno ou ex.aluno da APAE, com o seguinte perfil: idade superior a 40 anos, boa memória, nível razoável de linguagem, que tivesse passado por algumas instituições escolares e, atualmente, estivesse trabalhando.

Ela conversa com a assistente social e fornece-me o telefone de uns oito alunos, sendo a grande parte deles ex.alunos. Eram sete homens com idade entre 40 e 49 anos e uma mulher de 41 anos; um com diagnóstico de autista e os outros com deficiência mental moderada.

Após realizar a análise das fichas indicadas, entrei em contato com os respectivos familiares. A seleção foi delineada pelo perfil destes indivíduos, a partir do seu nível cognitivo de compreensão, seus relatos, linguagem e memória.

Também foi avaliado o interesse da família em estar se envolvendo na pesquisa, a história educacional do sujeito e, atualmente, o fato de estar em algum tipo de atividade de trabalho.



Nicanor apresentou o melhor perfil, bom nível de entendimento, fala compreensível e muito interesse em participar. Havia passado por diversas instituições educacionais e estava trabalhando.

A família de Nicanor também demonstrou interesse em meu trabalho e ele ficou muito entusiasmado. Como havíamos combinado, saíamos uma vez por semana e, em alguns encontros, ficamos em sua casa, e em outros fazíamos passeios. A cada encontro procurava coletar informações sobre sua trajetória de vida, através de conversas com ele, mãe, irmãs, pai, amigas, prima e tio.

O primeiro encontro foi na casa de Nicanor. Ao chegar, esperavam-me ele, a mãe e o pai, todos bastante atenciosos. A mãe e o pai falam bastante, Nicanor escuta e, em muitos momentos, quando fala, a mãe é sua tradutora, dizendo: *ele quis dizer isto*. Como se verifica, em diversos momentos ao longo do trabalho, Nicanor se ausenta da conversa ou solicita para a mãe explicar determinado assunto, embora ele converse de forma espontânea quando estamos sozinhos. Neste momento, parece que Nicanor não tem censura, sentido-se livre para dizer o que pensa.

Após este primeiro encontro começaram nossas saídas semanais, estratégia usada para possibilitar um envolvimento maior com Nicanor, dando-lhe possibilidades de se expor, visto que nas visitas em que a família participava das nossas conversas, Nicanor ficava inibido. Sua mãe monopolizava os assuntos, chegando ele, em determinados momentos, a retirar-se da sala. Também não poderia tornar-se uma visita para a família. Nessas saídas fomos a diversos lugares, o que lhe propiciou estar

com conhecidos de Nicanor, retornar à Apae, interagir com ele na sociedade, ampliando a construção do estudo de caso.

A pesquisadora também recorreu a documentos da APAE tais como, ficha de ingresso na Instituição, análise da ficha de anamnese e roteiros de atividades desenvolvidas pelo aluno na fase profissionalizante, além de realizar reuniões com a diretora da Apae e com a Assistente Social.

Com Nicanor foram analisados fotos e documentos tais como carteira de motorista, diploma do mობral e carteira de passe-livre de ônibus, álbuns de fotografia, porta-retratos.

Na análise dos dados obtidos e registrados nos diários de campo formularam-se categorias iniciais. Para tanto foi necessário ler e reler o material até se chegar a uma espécie de "impregnação" do conteúdo. Essas leituras sucessivas possibilitaram a divisão do material, sem, contudo, perder de vista a relação desses elementos com os outros.

De acordo com as recomendações de (MICHELAT, 1980 apud André, 1986, p.48), ponto importante nesta etapa é a consideração tanto do conteúdo manifesto quanto do conteúdo latente do material. É preciso que a análise não se restrinja ao que está explícito no material, mas procure ir mais a fundo, desvelando mensagens implícitas, dimensões contraditórias e temas sistematicamente "silenciados".

1.2. Minha percepção como pesquisadora

O olhar e a escuta:

Incorporei a máscara de pesquisadora, com um discurso sempre pautado na teoria. Ao começar a minha trajetória de saídas com Nicanor, aflorou em mim uma série de conflitos. Reflito neste momento sobre a brincadeira de ser Deus, de Moreno.

"Construíram, sobre uma mesa, um céu com cadeiras amontoadas, de maneira a chegarem até o teto. Moreno fez o papel de Deus e seus amigos assumiram o papel de anjos. Subiu até o alto da pilha sustentada por seus colegas. Moreno assumiu tanto seu papel que quando já estava lá em cima, pediram-lhe para voar, e ele o tentou, porém, ao lançar-se ao ar, em consequência da queda, fraturou o braço". (Moreno, Vol I, 1946)

Ao começar a pesquisa, eu me sentia um pouco Deus, cheia de verdades, certezas e boas intenções. Nicanor era oprimido pelo sistema e eu, a sua libertadora. Fui subindo nas cadeiras e os anjos invisíveis, criados pela minha onipotência, foram sustentando minha subida. Cada encontro era um momento de subir, porém me sentia desequilibrando, ao ficar impaciente com a presença de Nicanor. Em determinadas situações fiquei constrangida por estar em sua companhia, necessitando comunicar: *"ele é o rapaz com que eu saio"*, procurando justificar sua presença comigo. Eu não conseguia ver através da sua aparência, o ser que ele de fato era. Lancei-me no ar e, ao cair, comecei a enxergar Nicanor. Até então eu não escutava Nicanor e sim, sua deficiência. Foi assim que eu, em determinados momentos, reproduzi para o trabalho muita teoria e pouco de Nicanor.

A VISITA

Em um de nossos encontros fui convidada para conhecer a Doceria onde Nicanor trabalha com a irmã e o cunhado. Ampliando minhas relações no universo de Nicanor, também percebi como nossos vínculos estavam-se solidificando. Nicanor diz: *"minha irmã te convidou para lanche. Ela quer conhecer, a amiga que passeia comigo"*.

Chegamos à Doceria. Nicanor me apresenta para a irmã e o cunhado, e ela diz: *"esta é a amiga que passeia com você? Veja como você é feliz! Há uma amiga só para passear"*.

Depois eu e Nicanor nos sentamos, a garçonete chega para nos servir e fala: *"Chefinho, hoje você é convidado e sua professora também. Podem escolher o que querem comer e beber"*.

Após o lanche, Nicanor me convida para conhecer a Doceria. Ele e a irmã me mostram onde fazem os doces. A irmã comenta sobre o trabalho de Nicanor: ele arruma as compras; antes de abrir a loja, limpa o chão e coloca lixo para fora. As moças funcionárias, são muito atenciosas com Nicanor e todas o chamam de chefinho e comentam comigo que ele fala muito de mim.

No final da visita, ao tentar pagar o lanche, Nicanor assim se expressa: *"Você é minha convidada, e eu sou o chefe"*. Nicanor se despede de mim e permanece na Doceria para ajudar a irmã até o final da tarde.

Para André (1995), o estudo de caso deve ser bem definido e enfatizar o conhecimento particular, devendo o pesquisador estar atento ao seu contexto e às inter-relações como um todo, à sua dinâmica como um processo, uma unidade em ação.

Sendo um aprender e um refletir a cada momento, cada passagem manifesta emoções, tornando a pesquisa mais humana e suave.

O pesquisador mantém contato direto com o cotidiano, realizando aí a coleta de dados, através da observação participante. Esta postura é definida por SCHWARTZ e SCHWARTZ, (apud Cicourel, 1980, p.96) como:

"um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica.

O observador está em relação face a face com os observados e, ao participar da vida deles no seu cenário natural, colhe dados. Assim, o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificado por este contexto".

Segundo Becker (apud Cicourel, 1980, p.96), os sociólogos, em geral, e também outros cientistas utilizam a observação participante, quando estão especialmente interessados em compreender uma organização particular ou um problema substantivo e não demonstram as relações entre as variáveis definidas abstratamente. Eles tentam fazer a sua pesquisa teoricamente significativa, mas partem da idéia de que não sabem "a priori" o suficiente sobre a organização para identificar os problemas relevantes e hipóteses, que precisam descobrir no decorrer da pesquisa.

Segundo BOGDAN e BIKLEN (apud André, 1986, p.30-31),

"As observações devem envolver uma parte descritiva e uma parte mais reflexiva. A parte descritiva compreende um registro detalhado do que ocorre (no campo), ou seja:

1. Descrição dos sujeitos. Sua aparência física, seus maneirismos, seu modo de vestir, de falar e de agir. Os aspectos que os distinguem dos outros devem ser também enfatizados.

2. Reconstrução de diálogos. As palavras, os gestos, os depoimentos, as observações feitas entre os sujeitos ou entre estes e o pesquisador devem ser registrados. Na medida do possível deve utilizar as suas próprias palavras. As citações são extremamente úteis para analisar, interpretar e apresentar os dados.

3. Descrição de locais. O ambiente onde é feita a observação deve ser descrito.

4. A duração de eventos especiais. As anotações devem incluir o que ocorreu, quem estava envolvido e como se deu esse envolvimento.

5. Descrição das atividades. Devem ser descritas as atividades gerais e os comportamentos das pessoas observadas sem deixar de registrar a sequência em que ambos ocorrem.

6. Os comportamentos do observador. Sendo o principal instrumento da pesquisa, é importante que o observador inclua nas suas anotações as suas atitudes, ações e conversas com os participantes durante o estudo.

- Parte reflexiva das anotações inclui as observações pessoais do pesquisador, feitas durante a fase de coleta: suas especulações, sentimentos, problemas, idéias, impressões, pré-concepções, dúvidas, surpresas e decepções. As reflexões podem ser de vários tipos: Analíticas. Referem-se ao que está sendo "aprendido" no estudo, isto é, temas que estão emergindo, associações e relações entre partes, novas idéias surgidas.

- Metodológicas. Nestas reflexões estão envolvidos os procedimentos e estratégias metodológicas utilizadas, as decisões sobre delineamento do estudo, os problemas encontrados na obtenção dos dados e a forma de resolvê-los.

- Dilemas éticos e conflitos. Aqui entram as questões surgidas no relacionamento com os informantes, quando podem surgir conflitos entre a responsabilidade profissional do pesquisador e o compromisso com os sujeitos.

- Mudanças na perspectiva do observador. É importante que sejam anotadas as expectativas, opiniões, preconceitos e conjecturas do observador e sua evolução durante o estudo.

- Esclarecimentos necessários. As anotações devem também conter pontos a serem esclarecidos, aspectos que parecem

confusos, relações a serem explicitadas, elementos que necessitam de maior exploração”.

Segundo André (1986), para a referida autora, a fase mais formal de análise tem lugar quando a coleta de dados está praticamente encerrada. Nesse momento, o pesquisador deve ter uma idéia mais ou menos clara das possíveis direções teóricas do estudo e parte, então, para “trabalhar” o material acumulado, buscando destacar os principais achados da pesquisa.

O primeiro passo nessa análise deve ser a construção de um conjunto de categorias descritivas. O referencial teórico de estudo fornece, geralmente, a base inicial de conceitos a partir dos quais é feita a primeira classificação dos dados. Para formular essas categorias iniciais, é preciso ler e reler o material até chegar a uma espécie de “impregnação” do seu conteúdo MICHELAT (apud André, 1986, p.48). Essas leituras sucessivas devem possibilitar a divisão do material em seus elementos componentes, sem, contudo, perder de vista a relação desses elementos com todos os outros componentes.

Outro ponto importante nesta etapa, para o qual também me mantive atenta, era o fato de não me prender apenas às anotações. Deveria lê-las várias vezes e tentar analisar todos os seus aspectos, desvelando mensagens implícitas.

Ao fazer leituras sucessivas, foi utilizada uma forma de codificação, isto é, uma classificação dos dados de acordo com as categorias teóricas iniciais ou segundo conceitos emergentes.



Esse trabalho resultou em um conjunto de categorias, que foram reexaminadas e modificadas no momento subsequente. Após a classificação e a organização dos dados, estes foram apresentados de forma mais clara e coerente possível, revendo-se as idéias iniciais, reavaliando-as, o que dava origem a novas idéias.



1 - Máscaras e Meandros Institucionais

1.1– Família

A vida do indivíduo em sociedade transcorre em instituições, em que encontra suporte e apoio e estabelece vínculos afetivos, que vão formando representações sociais. Tais representações se estabelecem a partir dos papéis sociais desempenhados, sendo marcados pelo paradigma social estabelecido pelo modo de as diversas Instituições se comportarem em relação ao deficiente, formando sua Identidade.

Como desde os primeiros anos de vida, o indivíduo vai construindo sua Identidade, esta é marcada pelo meio e a deficiência vai sendo reforçada pelos parâmetros da normalidade.

Este primeiro capítulo tem, como foco, as Instituições que permearam a trajetória de vida de Nicanor, já que a família a primeira célula Institucional, foi o primeiro contato para o desenvolvimento desta pesquisa.

Em uma tarde quente de verão, cheguei à casa de Nicanor, para conhecer a ele e à sua família. A casa é localizada em um bairro de classe média da cidade, é de alvenaria, possui grades altas de ferro e nelas estão pregadas duas placas: uma oferecendo serviço: conserta-se fogão e a outra, vende ou troca-se a residência. Paro em frente ao portão, leio as placas e toco a campainha.

Ao soar a campainha, uma porta abre-se e visualizo uma senhora com face angelical, corpo franzino e cabelos grisalhos, que sai e vem ao

meu encontro logo atrás surge um homem de estatura mediana, cabelos lisos, mãos pequenas e dedos curtos, usa óculos com lentes muito espessas, e possui um belo sorriso. Os dois se aproximam para abrir o portão, e me estendem a mão. Apresentam-se, Nicanor e Dona Aurora sua mãe. A senhora de voz macia e baixa me abraça e me beija, convidando-me para entrar.

Os dois me acompanham até a sala. Na entrada da casa fica a garagem, onde há dois carros, um Fiat e um Chevette. Nicanor aponta para o Chevette e, todo orgulhoso, me diz: "este é meu carro, Você sabe, eu possuo carteira de motorista, tirei em Campinas". Nicanor me acompanha até o sofá, senta-se ao meu lado e começa a me relatar sobre sua carteira:

"Aqui na cidade não se pode tirar carteira de motorista especial. Meu irmão me levou para Campinas onde mora meu primo, para eu tirar minha carteira".

"Fomos no serviço de trânsito e lá um senhor me acompanhou nas provas de rua, eu me saí bem. Agora já venceu de novo a carteira, tenho que guardar dinheiro para ir a Campinas renovar minha carteira de motorista, aqui não dá para renovar. Eu ando ruim da minha vista, não sei se vou passar e nem dirigindo estou. Eu gostava de andar de Vespa, eu ia por tudo, depois vendi para comprar o carro, mais pretendo comprar outra. O trânsito anda muito perigoso".

O pai de Nicanor entra na sala, vem ao meu encontro. Nicanor se parece muito com o pai. Ele se apresenta: "Sou Samuel. A minha família é de descendência judaica". Após a apresentação, ele senta-se próximo a sua esposa, Nicanor cala-se frente à presença dos pais. Sr. Samuel, de estatura baixa, tem expressão firme e é muito falante.

Ele relata sobre sua profissão atual, arrumador de fogão, e depois fala sobre o tempo em que trabalhava na Fepasa.

"Eu trabalhei até me aposentar como maquinista, parava pouco em casa, hoje participo mais e posso ajudar a Aurora, que não anda boa de saúde, ela foi operada da vesícula e esta em fase de recuperação. Minha filha mais velha que é assistente social e mora em São Paulo, veio para ajudar a cuidar da mãe. Nicanor também coopera nos afazeres domésticos."

Nicanor é uma figura terna, com laços afetivos bastante sólidos com a família. Recordo-me, então, do poema de Kalil Gibran:

Vossos filhos não são vossos filhos.
São os filhos e as filhas da ânsia da vida por
si mesma.
Vêm através de vós, mas não de vós.
E embora vivam convosco, não vos pertencem.

Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,
Porque eles têm seus próprios pensamentos.
Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;
Pois suas almas moram na mansão do amanhã, vós não podeis visitar
nem mesmo em sonho.
Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias passados.

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas
vivas.
O Arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda a Sua
força para que Suas flechas se projetem, rápidas e para longe.
Que vosso encurvamento na mão do Arqueiro seja vossa alegria:
"Pois assim como Ele ama a flecha que voa, ama também o arco que
permanece estável.

O poema trata da trajetória de vida dos filhos. Gibran reconhece que os pais podem outorgar o amor, não os pensamentos. Estes são livres e

não se pode prendê-los. A alma mora na mansão do amanhã. A família do deficiente, no entanto, tenta por todas as vias morar nesta mansão, abrigando o corpo e a alma do deficiente. O amanhã fica preso no passado, e o deficiente, muitas vezes, para sobreviver se adentra de acordo com a cultura, que estabelece o modo de agir, pensar e sentir.

Como o portador de deficiência mental pode ir para mansão do amanhã, se sua mente é aprisionada no tempo através da cultura que é estabelecida pelas Instituições? Segundo Chinoy (1975, p.59), tal cultura pode ser entendida como *"padrões normativos que definem o que se entende por... modos de ação ou de relação social adequado, legítimo ou esperado"*.

Estas normas ou regras penetram todas as áreas da vida social e influenciam desde a maneira como comemos à nossa postura sexual.

A maioria das ações de qualquer pessoa reflete a presença de alguns padrões de comportamento aceitos e ela aprendeu de outros e de certa forma são partilhados. Esses padrões aprendidos na família e na escola conferem ao deficiente seu status.

A partir destes padrões aprendidos e partilhados, suas ações parecem iguais, e, se observarmos o comportamento dos deficientes, podemos perceber uniformidade também na forma de interagirem, nas atividades que desenvolvem e até no seu discurso. Isso se comprova pela visita que fizemos, eu e Nicanor, à APAE. Ao chegarmos, ele sorri e vai à sala de recepção. A Diretora vem ao nosso encontro e nos leva até a sua sala. Nicanor começa a conversar com ela.

"Eu quero voltar aqui para aprender a estofar sofá. Eu posso ganhar um bom dinheiro e juntar para ter minha casa. Lembra, Dona Leila, quando eu estudava aqui? Eu fazia tijolos. A minha professora era muito legal. Depois minha família me tirou da Apae e eu fui trabalhar no Bar, que meu pai comprou".

O comportamento normatizado de Nicanor evidencia-se no encontro com os colegas da Oficina pedagógica da APAE. Todos com idade acima de 30 anos, sentados em volta de uma mesa, esperando dar o sinal para irem embora.

Quando entramos na sala, todos sorriram para mim e para Nicanor. A nossa presença rompeu o marasmo que se mantinha no ambiente. Todos estavam quietos, alguns alunos com a cabeça debruçada sobre a mesa, seus rostos passavam uma mensagem como de um lamento triste que ecoava no ar. Nicanor começa a conversar com os colegas sobre a atividade que estavam fazendo, empilhando e selecionando ganchos de metal. Após relembrem o tempo que trabalhavam na Olaria da APAE e falam de alguns amigos daquele tempo.

O discurso destas pessoas é preso ao passado, suas perspectivas evidenciam o domínio das Instituições a que pertencem, a família e escola. A família tem um papel preponderante na manutenção destas normas, conservando estas pessoas presas ao papel de boazinhas e obedientes. A escola dá continuidade ao processo de conservação desta estrutura e um exemplo dessa é a padronização do comportamento: todos acomodados à espera do sinal, com a professora que, sentada em um canto da sala, observa e se mantém à parte daquele processo. Segundo Berger e Luckmann (1991, p.177), "a identidade é definida como

localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada, juntamente com este mundo”.

Tal mundo tende a fazer o deficiente incapaz e sem voz, passando a instituição, a ser seu elo com a sociedade. Por toda a vida ele vai passar por instituições e estabelecer com elas relações de dependência.

De acordo Heller (1991), as relações que aparecem na vida cotidiana podem ser classificadas em dois grupos distintos: as baseadas na igualdade e as baseadas na desigualdade. As relações de desigualdade podem ser relações de dependência. Os indivíduos, no decorrer de suas vidas, ocupam vários lugares na escala social, porém, para o indivíduo deficiente mental, o lugar estabelecido permanece inalterado, como se pode ver na seguinte passagem do discurso da mãe de Nicanor:

“Ele vendia pipoca. Um dia uma mulher brigou com ele, ficou muito assustado com o ocorrido e não quis mais vender pipoca. Nós também não quisemos que ele continuasse exposto a estas pessoas. Ele é muito bonzinho, não sabe se defender”. Nicanor sobre este episódio se posiciona assim: *“Eu gostava do meu carrinho de pipoca. Meu ponto era perto da Doceria da minha irmã. Uma vez eu estava trabalhando e chegou uma mulher, queria paçoquinha e havia acabado. Eu disse que não tinha, ela brigou comigo. Eu fiquei assustado e larguei o carrinho e fui para a Doceria. Hoje penso em arrumar outro ponto para ir com meu carrinho, ele é todo de inox, está novo, mais minha mãe tem medo de vir outra pessoa e brigar comigo”.* Esta declaração mostra como muitas vezes Nicanor fica preso aos medos de sua mãe. Se por um lado à instituição permeia esta relação, por outro lado cria outros laços de dependência.

Para Mead (1971), a família é uma organização padronizada de dois sexos, em que o homem desempenha um papel mantenedor da mulher e da prole, papel esse que se tornou condição primeira de sua humanidade e possui poder explícito dentro da relação familiar.

A mulher é incumbida dos afazeres domésticos e dos cuidados com os filhos e o marido, demonstrando um poder implícito na relação, sendo o lar seu território de domínio. O modelo de família de Nicanor é esse, os papéis sociais estão bem estabelecidos e a figura feminina é marcante na estrutura familiar, composta de três mulheres, a mãe, duas irmãs, além do pai e um irmão, que influenciaram e interferiram na formação da identidade de Nicanor.

A Instituição familiar é a primeira célula na formação da identidade de um indivíduo, pois a vivência emocional dos pais, seus anseios, frustrações, esperanças, expectativas e idealizações são internalizadas no interior dessa instituição.

Segundo Laing (1969), os pais são interiorizados como íntimos ou distantes, juntos ou separados, próximos ou longínquos, amigos, inimigos, etc.

O filho deficiente vai ocupando esse lugar estabelecido dentro da família, amoldando-se muitas vezes a uma das figuras parentais, como se pode perceber pelo comportamento da mãe e pelos reflexos na forma de ser de Nicanor voz macia, comportamento paciente, andar lento, sempre gentil e cortês.

O deficiente mental vai assumindo os estereótipos, tornando ambígua sua identidade internalizando o seu lugar na família. Laing (1969) vai tratar assim o conceito de família internalizada: cada membro dela encarna uma estrutura derivada das relações entre os diversos membros. Observa, porém, que o que se internaliza é a família como sistema, esse conjunto de relações da família que pode ser assumido pelo corpo, pelos sentimentos, pensamento, sonhos, etc, estabelecendo nela seu lugar e seu papel.

Conforme Fernández (1990), tal adjudicação de lugar é ignorada pelo conjunto das pessoas que participam desse processo, assim como em um cenário hipnótico não se diz ao hipnotizado o que deve ser, mas se assinala o que é, aí residindo a eficácia do mandato.

Para a mãe de Nicanor o cenário hipnótico está sempre presente, no seu discurso e nas suas intervenções, direcionando a conversa e, em alguns momentos, tornando-se sua tradutora. O direito de expressão do filho é sutilmente negado. Ele, hipnotizado, cala e espera a mãe falar por ele, apenas concorda com as coisas que a mãe diz e algumas vezes solicita à mãe, o relato de um fato. Quando a conversa está bastante calorosa entre a mãe e a pesquisadora, com pouca participação de Nicanor, ele se levanta e sai da sala. Durante o relato que a mãe faz do trabalho da filha de São Paulo;

"Ela trabalha como assistente social com mães aidéticas, é um trabalho desgastante, ela pediu aposentadoria e voltou para Marília, para ficar próxima da família, mais o pessoal do trabalho dela vive pedindo para ela voltar". Nicanor levanta e vai

para cozinha fazer um café. A mãe nem se dá conta da ausência e continua a falar, agora, sobre o trabalho de Nicanor na Doceria.

Basaglia (1979, p.88) refere-se ao silêncio, observando que, "O oprimido não tem voz, encontrar o código da não voz é muito difícil".

Esse processo simbólico da família assumir o direito à palavra do deficiente, representa uma das formas de elaborar a perda do filho idealizado, que foge dos padrões estabelecidos pela sociedade. Os pais de uma criança deficiente estão em eterno luto pela perda do filho "normal" que não veio.

A maternidade, de acordo com Maldonado (1976), constitui um momento existencial de grande importância na trajetória feminina.

Muito mais que um fato biológico, o nascimento de um filho traz expectativas, emoções e planos.

O período da gravidez, repleto de pensamentos mágicos, estabelece um clima de euforia e fantasia com a espera do filho. A família projeta suas idealizações, anseios e desejos neste novo ser, principalmente a mãe, cujo filho, prolongamento do seu corpo vai tendo a imagem construída a partir da sua.

Para Mannoni (1988), o nascimento de um filho vai ocupar um lugar entre os sonhos perdidos da mãe, que deseja, durante a gravidez, a repetição ou recompensa de sua própria infância. A imagem fantasmática do filho se sobrepõe à imagem real do mesmo. Esse filho sonhado nasce com a incumbência de fazer diferente o que na história da mãe não deu certo ou dar continuidade ao que deu.



A mãe de Nicanor fala:

"ele era muito comprometido, todo mole, não segurava a cabeça, babava, enxergava muito pouco e qualquer batida na cabeça desmaiava. Como meu marido trabalhava na Fepasa e eu não pagava bilhete, fui em muitas cidades procurando tratamento para ele, mais quem melhorou Nicanor foi um padre. Um dia viajamos de trem até uma cidade próxima daqui, depois fomos de charrete até a Vila onde morava um padre que era tido como milagreiro. Ao chegarmos lá, havia muitas pessoas, esperamos um pouco até ele nos atender, quando chegou nossa vez, ele rezou e abençoou meu filho e nos mandou embora. Ao chegarmos de volta no trem, Nicanor estava mais firme e depois foi melhorando. Por volta dos sete anos foi para Apae, há 40 anos atrás, todo tratamento era difícil e nós tínhamos poucos recursos financeiros para tratar Nicanor. Hoje vejo que ocorreu um milagre com ele, como ele era e o homem que se transformou, não dá para acreditar."

A mãe deve elaborar a perda do filho idealizado que se tornou real e a frustração narcísica de colocar no mundo um filho deficiente. Depois da provação da gravidez e do parto, deveria vir a compensação que faria dela uma mãe realizada.

A chegada do filho deficiente, porém, frustra suas expectativas de realização e felicidade e, para aplacar a culpa por esse nascimento, ela constrói a trajetória para o filho: ser bonzinho, ingênuo pois, através desse papel, será mais bem aceito na sociedade, mesmo alienando-se e assumindo seu lugar de deficiente.

Refletindo sobre as idéias de Basaglia, percebe-se que as estruturas institucionais alienam e depois se transformam em asilos de indivíduos risonhos e dependentes.

Na estrutura familiar encontra-se a figura paterna, muitas vezes opressiva e arbitrária, como se pode perceber na seguinte situação: no escritório do despachante, Nicanor quer saber sobre a renovação de sua carteira de motorista e, depois de receber explicação, ele pede um cartão para entregar ao pai. Ao sairmos, solicita que eu fale com o pai sobre a renovação da carteira de motorista.

"Meu pai não entende bem o que eu explico. O moço disse que eu não preciso ir para Campinas, posso renovar aqui minha carteira. Meu pai não entende. Se você explicar para ele, vai te ouvir".

Esses fatos citados informam sobre o papel dos pais na vida de Nicanor. A mãe, em muitos momentos, faz-se tradutora dele; o pai, em atitude autoritária, pouco o escuta, tornando-o um sujeito com pouca voz e pouca escuta.

Esta família traz em muitos momentos sentimentos de insegurança e fragilização, tentam compensar o filho, protegendo-o da vida, como se percebe no incidente do carrinho de pipoca, em que a mãe informa que: *"ele não sabe se defender"*. O medo e a insegurança estão sempre presentes dentro do discurso familiar.

Alguns autores afirmam que existem diferenças entre a reação e percepção dos pais e das mães sobre o filho deficiente. Para Mannoni (1988), é a mãe, muito mais que o pai, quem trava uma árdua batalha contra a indiferença social. O pai é geralmente alguém omissos e cético quanto à trajetória do filho deficiente, afastando-se do drama familiar. Através da profissão, o pai de Nicanor pôde se manter ausente, como ele

mesmo declara: "eu trabalhava na Fepasa e viajava para São Paulo, ficava pouco em casa".

O resultado desta união-trabalho e afastamento possibilita a separação deste filho e propicia um papel resignado de homem e pai, em que a autoridade e a figura paterna se tornam preservadas. E o processo de separação mais fácil. Conforme Miller (1995), é difícil manter-se afastado, arriscando que o filho cometa erros ou falhe, sendo a separação um período de perda e elaborações.

Ainda segundo Miller (1995), as crianças "normais" crescem e saem de casa, se separam naturalmente. Com o filho deficiente, a tarefa de encontrar caminhos que propiciem esta separação cabe aos pais.

Na família de Nicanor, a separação ocorreu parcialmente. Ele sai sozinho, trabalha fora, na Doceria da irmã e possui carteira de motorista. Todos esses fatos convergem para a independência, porém o controle da família sobre ele é constante, como se percebe nas atitudes da família, a irmã chamando-o de Ni, bonzinho; a mãe mandando-o trocar de roupa; o pai com atitudes negativas como se nota na questão da renovação da carteira de motorista. São situações da vida cotidiana que, ao longo da vida dos indivíduos deficientes vão marcando seu papel e lugar de forma estática e dependente, mesmo que algumas vezes esta dependência possa vir mascarada por um tratamento carinhoso de superioridade, matizado de ironia, a palavra *Chefinho*, usada pela irmã e pelos funcionários da Doceria ao referir-se a Nicanor.

Estas relações vão se estabelecendo e formando a Identidade do deficiente, pelas interações de seus membros, envolvendo os sentimentos de uns pelos outros, influenciando-se mutuamente e desenvolvendo raízes dentro da família e do lar.

Na família de Nicanor, composta de pai, mãe e duas irmãs e um irmão, ele é o caçula da prole. O lugar estabelecido para ele dentro de sua história, é pré-determinado pela proteção e dependência. Suas irmãs dispensam-lhe muita atenção.

A figura feminina, marcante na vida dele, exerce poder sobre seu comportamento: a mãe e uma das irmãs o controlam em casa, a outra irmã, no trabalho.

Como dona de casa, a mãe exerce poder privado, conforme Perrot (1992) está voltada à família, exercendo múltiplas missões, entre elas a gestão da vida cotidiana. Ainda segundo Perrot, como as mulheres não têm o poder, elas têm poderes e investem no privado, no familiar e mesmo no social. Reinam no imaginário dos homens. Nicanor vive sob as asas de três mulheres e busca uma boa moça para casar, segundo o modelo da mãe e das irmãs. Como não encontra este perfil idealizado, entra em conflito.

A moça sonhada e idealizada percorre os sonhos de Nicanor, porém as amarras com que foi sendo envolto ao longo dos anos só lhe permitem dizer: *"Um dia vou encontrar uma boa moça, quando eu conseguir guardar dinheiro"*. Reprime seus desejos de homem, impõe-se comportamentos contrários aos seus impulsos e anseios, ao mesmo tempo inatos e adquiridos, porque

o processo de socialização e as exigências que lhe são impostas só lhe permitem sonhar.

O dinheiro para Nicanor ganha significado fundamental: é a forma de alcançar seus sonhos e sua independência, podendo então assumir o seu lugar no mundo dos adultos e se libertar do vínculo de dependência da mãe e das irmãs. Sendo o dinheiro o símbolo de liberdade da sociedade moderna, Nicanor incorpora este modelo e procura um dia concretizá-lo.

De acordo com Miller (1995), as irmãs mais velhas do deficiente tendem a tornarem-se "pequenas mães" e o irmão mais velho costuma assumir responsabilidades maiores.

A deficiência do bebê vai lhe dar um status que irá percorrer as raízes de sua história, firmando-se a partir do lugar onde nasceu e do modo como estabeleceu as relações sociais.

Como semente levada para bem longe do lugar onde nasceu, Nicanor busca sua terra, seu chão, para brotar.

No homem os comportamentos não são inscritos apenas geneticamente, mas são inscritos pela sua história e suas raízes, possibilitando a sua integração com sua cultura.

Ter raízes é pertencer a um lugar e pertencer, segundo o dicionário, significa "ter um lugar legítimo", lugar conquistado, seguro. Nicanor nasceu em Dois Vizinhos, veio morar em Marília ainda muito pequeno e não gosta de ficar longe da cidade *"conheço pessoas e todos os lugares da cidade,*

vou para onde eu quero, sei ir por tudo, gosto de passear, vou ao supermercado olhar as mercadorias. Visito meu tio, vou visitar minha amiga”.

Como o sujeito, aprisionado na servidão de seu papel, assegura a estabilidade familiar e mantém a união da família, logo a cidade se torna um porto seguro e ele assume o papel de deficiente bonzinho e atrapalhado que, embora aprenda pouco, ganha direito de ir e vir.

Na medida em que a mãe solicita que o filho seja “inteligente”, atrás de sua fala está, de acordo com Mannoni (1988), o filho que permanecerá como uma sombra, sendo atribuído um lugar preciso à sua inteligência na fantasia materna. A relação mãe-filho vai se construindo através de um prisma deformante.

O indivíduo não sabe que é chamado a desempenhar o papel de deficiente para satisfazer o desejo inconsciente da mãe.

Ainda segundo Mannoni, para o deficiente mental, a inteligência é a sua deficiência e isso irá ocupar a mãe a tal ponto que, diante dos outros, o que falta ao filho será sempre complementado por ela.

Todo o desejo de despertar do filho vai ser tolhido pela mãe até que ele se convença ao fato de que é incapaz. Na medida de sua incapacidade ele ocupa a mãe e é amado por ela.

A mãe confirma isso em sua fala:

“ele está desaprendendo a ler, o pouco que lê é sobre o que lhe interessa, ex. anúncios de carro. Eu procuro ensinar, ele me diz: você não é minha professora, eu quero voltar a escola, lá vou fazer lição, como quando eu fiz o Mobral. Sinto falta da APAE, lá eu estudava, praticava esportes e tinha meus amigos”.

Ele tenta se libertar das amarras da família, mas é rendido. Necessita do amor da mãe. Se continua sem o saber, não ameaça sua mãe, continuando reservado seu papel .

Conforme Fernández (1990), na cena de aprender existem dois lugares: um onde está o sujeito que aprende e outro onde se coloca o personagem que ensina, detentor do conhecimento. O sujeito, antes da aprendizagem, não é sujeito, só vai sê-lo porque aprende.

Ainda segundo Fernández, a pessoa ao nascer é um feixe de possibilidades capaz de atrair e captar o conhecimento que tem que ser transmitido a ele e nele reconstruído. O homem, como um ser histórico, a cada geração acumula conhecimentos sobre a anterior e vai se tornar humano porque aprende.

Para Paín (1985), aprendizagem é um processo que permite a transmissão do conhecimento de um sujeito que sabe a um outro que vai chegar a ser sujeito, exatamente através da aprendizagem.

Nicanor se posiciona. Quer que sua aprendizagem seja realizada na escola, não pela mãe; a aquisição do conhecimento acadêmico deve ocorrer âmbito escolar, na relação professor-aluno. Quando nega à mãe permissão para lhe ensinar, busca dar a ela limites, tentando mostrar-lhe que o papel que quer desempenhar não lhe agrada. Tenta impor sua vontade, busca quebrar as algemas que o prendem ao ambiente familiar. Diz ele:

"à noite eu pego papéis e caneta e fico escrevendo ou fico na frente de casa conversando com meus colegas, a gente conversa sobre um monte de coisas, conto

sobre meu trabalho na Doceria, as pessoas que vão lá. Sabe eu não gosto de assistir televisão ”.

Rabiscando papéis, recusa ajuda da mãe, que pretende alfabetizá-lo novamente. Busca a aprendizagem dentro do seu universo simbólico, estabelecendo significante e significado, a partir de sua história, através do ato de faz de conta. Rabisca o papel, em um ritual de escrita, dissimulando o papel de pouco inteligente, aquele que não aprende ou que desaprende, fazendo um disfarce para si mesmo, do papel de bobo que lhe foi modelado pela cultura das diversas instituições com que interagiu e interage.

As Instituições sejam elas pedagógicas ou familiares, têm ciência de seus limites, porém precisam fazer os outros pensarem e encenarem essa limitação, para preservarem o seu status. Uma das formas de fazer o deficiente assumir seu papel é através do Silêncio institucionalizado, da palavra não ouvida.

O discurso da institucionalização se opõe ao discurso do indivíduo, por deixar escapar sua “realidade” e dar lugar a uma palavra ou máscara enganadora. Sendo a sua palavra a palavra da Instituição, o indivíduo torna-se mero reprodutor e o advento da palavra do indivíduo se encontra assim comprometido.

Em muitos momentos, Nicanor se calou deixando apenas a mãe, irmã ou o pai falarem e, em outros, solicitou que a mãe falasse e explicasse por ele. Outras vezes, entrou na conversa falando de diferente

assunto ou calou-se procurando não demonstrar opinião. Mais de uma vez se manteve à sombra do discurso.

Percebe-se que o universo simbólico de Nicanor é permeado pelo significado valorativo dos rótulos que lhe atribuem, quando diz:

"trabalho na Confeitaria, e sou o Chefinho de lá, todos me chamam assim. Eu gosto de ser chamado de chefinho, porque eu sou mesmo o chefe, até uma conta eu tenho. Quando meus amigos vêm me visitar, podem comer e marcar na minha conta".

"Eu também estou aumentando minha renda. Ajuntando latinhas para vender e pretendo voltar a vender paçoquinha, o lucro é bom, posso vender a 50 centavos, minha mãe faz, mais minha vizinha esta pensando em comprar uma máquina de fazer paçoca".

Seu discurso revela contradições. Ao mesmo tempo, que gosta de ser chamado de chefe, confirma em sua fala o seu posto, como não acreditasse muito, cita argumentos, como sua conta aberta na confeitaria para os amigos, confirmando sua autoridade de chefe sem chefia, com salário abaixo do mínimo, desempenhando um papel social de acordo com seu status de deficiente.

Sua história social contribui para melhor compreensão, do espaço relacional de Nicanor com o mundo, pois nesta perspectiva, a constituição histórica pode ser analisada pela interpretação de duas faces: a familiar e a social.

A história familiar determina o modo pelo qual a história social dele se torna singular. Alienado ao desejo do outro e a si mesmo, a história do deficiente mental é escrita a quatro mãos. Em vista disso, apresenta um discurso sem opinião, vazio e repetitivo, como o de Nicanor, em quase todos os encontros fala sobre sua carteira de motorista, do seu carro

Chevette, da paçoquinha que a mãe faz ou, então, se mantém em silêncio.

Nas eleições para prefeito, em 2000, Nicanor votou. Um pouco antes das eleições, ele dizia: *"vou votar no meu conhecido para Vereador, pois todos são iguais. Eu voto em quem eu conheço, assim fazem alguma coisa"*. Essa era opinião ouvida do pai e da mãe e, posteriormente, ele a reproduzia.

Atos como votar, tirar a carteira de motorista e possuir chave de casa asseguram seu papel como cidadão, já que, segundo Bueno (1993), é um indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado. Direitos esses camuflados por atos que lhe oferecem um lugar como cidadão e, em contradição, um laudo de que não pode auto prover; o mesmo sistema que lhe assegura o voto e a carteira de motorista especial o faz resignar-se à condição de dependente.

Como um filme em câmara lenta passa a vida para ele. Todo seu movimento e suas ações estão encadeados por familiares, mãe, pai, irmãos e irmão, moldando um clima de aparente "normalidade" e tranquilidade, buscando um ponto de equilíbrio. A impressão que se passa, porém, é de que, a qualquer momento, este ponto pode romper -se e desestabilizar a família. Os pais são velhos e doentes, os irmãos possuem suas vidas e o lugar de Nicanor sedimentado, pode ser até quando preservado? Como?

Nicanor exulta ao comentar que: seu aniversário está chegando, que ele e a família querem comemorar com uma bela festa. *" Eu gosto de festa e no meu aniversário vai todo mundo conhecido"*.

No dia de seu aniversário a irmã dona da Doceria, trouxe bolo e docinhos. Além de mim e da Diretora da APAE, convidados, compareceram à festa seu irmão, sua outra irmã, sobrinhas e alguns vizinhos, todos comemorando os 45 anos do Ni. *"Ele é muito querido por todos, é a fala da mãe: sempre tranqüilo e bonzinho. A gente conhece caso de pessoas igual ao Ni que são agressivas, quebram objetos da casa e ele é tranqüilo, é nosso companheiro".*

Ele faz seu papel de cidadão e contribui para que a sua família apresente-se unida. Para Miller (1995), esta família oferece a este membro um status privilegiado como não pode realizar certas coisas, recebe um tratamento especial, é o companheiro e, como a família sempre frisa, o bonzinho.

A irmã mais velha de Nicanor diz para a mãe:

"Nós devemos agradecer a Deus por ele ter nascido bom, não ter maldade, é uma criatura especial. Pensar como ele era comprometido e como hoje ele está, não dá para acreditar."

Conta Nicanor: *"a minha festa de aniversário foi muito legal, vieram alguns amigos e a minha família, minha irmã organizou tudo, trouxe o bolo com velinhas e os salgados da Doceria, meu irmão e minhas sobrinhas trouxeram refrigerantes, todos cantaram parabéns e ganhei alguns presentes, ex. uma carteira, chaveiro, camiseta. É muito bom fazer aniversário, foi uma pena que você não pôde vir, mais a gente guardou um pedaço de bolo para você."*

Através de mensagens subjetivas, a pessoa sente-se amada, pois a atenção de todos é voltada só para ela. Estes momentos vão confirmando para o deficiente mental a manutenção o seu papel de dependente. Para Basaglia (1985), após ser frustrado e oprimido, é distraído em festas, bailes e atividades variadas.

Conforme reconhece Bettelheim (1988), poucos de nós podemos descobrir o que somos sem ter de verificar o quê e quanto podemos fazer, não por que os outros mandam, mas sim pelas escolhas que, sozinhos, fazemos.

Quanto mais dependente do outro, mais rebaixada é auto-estima e menos independente se torna em suas atitudes e desejos, como se percebe nesta fala do Nicanor:

"quando for mais velho pretendo guardar mais dinheiro para comprar uma casa, como comprei meu Chevette, estou amassando latinha e se achar um bom ponto, volto a vender pipoca com meu carrinho". Com 80 reais por mês e vendendo latinhas, mascara sua dependência, almejando realização e independência.

A história deste indivíduo é estreita e abstrata. É a história de vida acoplada à deficiência, através de uma fachada de "normalidade". Expressa seu papel social, os seus valores e as relações sociais nas quais a vida se insere.

As máscaras vão sendo construídas através desses papéis e refletidas no grande palco que é a sociedade. Todas as etapas de vida pelas quais pode passar um indivíduo: escolarização, profissionalização, casamento, velhice, etc. no caso de Nicanor, são acompanhadas e vividas pelos familiares e pela perspectiva do desconhecido. Ocorrendo incertezas, medo, tristeza, raiva e contradições, que poderão variar de acordo com a família. A mãe relata: *"ele sai sozinho, conhece tudo, porém é perigoso ele continuar com o carrinho de pipoca, ele não sabe se defender das pessoas. Como aconteceu no caso da senhora que gritou com ele porque havia acabado a paçoca".*

A partir dos depoimentos de Nicanor tem-se a impressão de que o deficiente sob a proteção da Instituição familiar e das outras Instituições constroem sua história e sua Identidade social através de seu silêncio e de sua memória.

Nos primeiros anos de vida, o indivíduo vai construindo sua identidade num meio que, de certa forma, lhe é adverso e que marca a todo o momento sua diferença e incapacidade em relação aos ditos "normais". Enquanto a criança "normal" apreende o que lhe é designado, o deficiente mental vai codificando sua posição de dependência e inferioridade e, portanto, de dificuldade, necessitando das Instituições como seu porta-voz e mediador.

1.2 - Trajetória educacional: O saber e o poder

Nos relatos de Nicanor a educação é referida como momento especial em sua vida. Já que é tão importante, o tratamento do tema proposto deve vir precedido de uma reflexão sobre a trajetória da educação especial, facilitando o repensar de como a história da educação especial reflete na história educacional de Nicanor, mesmo reconhecendo tratar-se da história dos poderosos, isto é, dos técnicos, dos professores, etc. e nunca da dos alunos.

A educação especial é o porta-voz do saber daquele que "não sabe". Partindo desse princípio, pode-se dizer que a educação especial, desde seu início, é em si repressiva. O Estado sempre usou o sistema para oprimir os deficientes e moldá-los.

Durante muitos séculos, os deficientes mentais e os doentes mentais foram confundidos todos como "anormais da razão" e algumas vezes também apontados como "possuídos pelo demônio". Segundo Pessotti (1984), o primeiro momento da história desta trajetória é teológico, resultante da expansão do cristianismo por toda a Europa. Até então, a deficiência mental ou outros tipos de deformidades não constituíam um problema: a sociedade simplesmente ignorava-os, tendo como prática o abandono dos portadores de alguma anormalidade, o que não constituía uma violação moral, por se enquadrar na ética social vigente, embora ainda hoje, de forma velada, ainda se possa constatar essa exclusão social.

A primeira instituição a abrigar pessoas deficientes mentais foi criada, por volta do século 13. Tratava-se de uma colônia agrícola na Bélgica. (Carlo,1999)

A primeira legislação sobre direitos e cuidados cotidianos necessários aos deficientes, que distinguiu juridicamente o deficiente e o doente mental, foi a *Praerogativa Regis*, de Eduardo II da Inglaterra, de 1325.

Na era cristã, a religião passa a assegurar a salvação e a felicidade a quem seguia seus preceitos de bondade e amor para com seus semelhantes. Instalou-se a caridade cristã. Houve amparo aos desprotegidos e marginalizados, isolando-os da convivência social em asilos ou hospícios, em que se depositam os loucos, mendigos, dementes, leprosos, indiscriminadamente. O pecado era visto como a causa de tais deformidades.

Por volta de 1534, Sir Anthony Fitz-Herbert distinguiu, pela primeira vez, os loucos dos idiotas, o que representou o primeiro passo em direção a uma visão organicista e genética da idiotia. A visão organicista e a especulação médica sempre foram características marcantes e se encontram subjacentes a inúmeras práticas dirigidas à criança deficiente mental.

Cabe, entretanto, ressaltar que só no século XIX, segundo Bueno (1993), iniciou-se o atendimento educacional aos deficientes mentais. O médico educacional, Jean Marc Itard, mostrou a educacionalidade de um "idiotista" denominado "selvagem de Aveyron". Itard trabalhou durante

cinco anos com Vitor, uma criança de 12 anos, menino selvagem capturado na floresta de Aveyron, no sul da França, por volta de 1800.

Em 1846, Seguin editou seu livro "Traitment Moral Hygiene et Education Idiots" e, em 1907, "Idiocy and its Treatment By Physiological Method". Nestas obras apresentou um programa sobre educação de deficientes para escola residencial.

Outra contribuição na evolução da educação de portadores de deficiência mental foi o trabalho da médica italiana Maria Montessori, que aprimorou os processos de Itard e Seguin desenvolvendo um programa de treinamento para crianças com retardos mentais nos internatos de Roma. Montessori enfatizou a "auto-educação" pelo uso de materiais didáticos que incluíam, entre outros, blocos, encaixes, recortes, objetos coloridos e letras em relevo.

Ainda na Europa, destacou-se Alice Descocudres, 1928, médica belga, que elaborou uma proposta curricular para os retardados mentais leves. Sua orientação era a de que as atividades educativas deveriam ser desenvolvidas em ambiente natural, mediante instrução individual e grupal, focalizando fundamentalmente deficiências sensoriais e cognitivas.

Em 1874, no Brasil, o Hospital Juliano Moreira foi um dos primeiros a iniciar a assistência aos portadores de deficiência mental. Em 1900, no Rio de Janeiro, durante o IV Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, o Dr. Carlos Eiras apresentou a monografia intitulada "Da Educação e Tratamento Médico Pedagógico dos Idiotas". Por volta de 1915 foram publicados três outros trabalhos sobre a educação de deficientes mentais.

Em 1940 criou-se a New York State Cerebral Palsy Association e, em 1950, foi criado o National Association for Retarded Children (NARC) com o objetivo de proporcionar atendimento às crianças e jovens com retardo mental. A NARC exerceu grande influência em vários países, tendo sido a inspiradora da criação das Associações de Pais e Amigos de Excepcionais (APAEs) no Brasil.

Tais Instituições surgem no Brasil no início do século XX. Mazzotta (1996) apresenta dados históricos, identificando a primeira Instituição particular especializada no atendimento de crianças com deficiência mental, o Instituto Pestalozzi, criado em 1926 no Rio Grande do Sul. Como as Instituições possuíam caráter filantrópico, atendiam através de convênios.

Como ocorreu na Europa dos séculos XVIII ao XIX, a incorporação dos conhecimentos científicos e da idéia de modernidade racional no interior das Instituições valoriza o discurso científico.

Kassar (1999) aponta que a organização das instituições privadas especializadas no atendimento à educação especial, com a formação das primeiras classes especiais, ocorreu neste clima.

As classes especiais públicas surgem pautadas na necessidade científica da separação dos alunos normais e anormais, almejando a organização de salas de aula homogêneas, proposta de uma pedagogia dita científica e racional.

Ainda segundo Kassar, foi com esses pensamentos que Helena Antipoff, na década de 30, abre o Instituto Pestalozzi de Minas Gerais,

com base científica e assistencialista. Através de um discurso científico e moderno, características do movimento industrial das sociedades capitalistas, tornam-se presentes as propostas de organização educacional.

Com o crescimento das cidades (a partir da década de 30), decorrente da industrialização, também começa a preocupação com a escolarização da população. Essa preocupação oficializa-se na Constituição brasileira de 1934, ficando estabelecida, pela primeira vez, a competência da União, traçando as diretrizes da educação nacional, e estabelecendo como competência, tanto da União como dos estados, a difusão da instrução pública em todos os seus graus.

Após esse período, ocorre um crescimento das escolas públicas. Como o número de crianças deficientes matriculadas é bastante pequeno, só a partir da década de 1970 acontece aumento das classes especiais.

Com poucas classes especiais é fundada, então, em 1954, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira Associação de Pais e amigos dos Excepcionais - APAE.

Muitas campanhas são organizadas a favor dos deficientes, tais como Campanha para Educação do Surdo Brasileiro - CESB, em 1957, Campanha Nacional de Educação e Reabilitação dos Deficitários Visuais - CNERDV, em 1958, e Campanha de Educação do Deficiente Mental - CADEME, em 1960, todas subordinadas ao Ministério da Educação e Cultura.

Segundo Kassar, a preocupação do Estado brasileiro com a educação especial instala-se, em 1961, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (Lei 4.024/61). Neste momento já existe no país uma organização do atendimento ao aluno com deficiências em instituições particulares de caráter assistencial e algumas classes especiais em escola pública.

Através da LDB/61 se estabelece a distribuição de serviços entre as instituições privadas (que se responsabilizam pela clientela mais comprometida) e as instituições públicas (atendendo à clientela menos comprometida) ocorrendo a normatização, porém o conflito já então constatado entre a escola pública e privada continua.

Contextualizando o fato historicamente, há o relato da mãe de Nicanor:

"Quando ele era pequeno, não havia quase atendimentos e escola especial eram poucas, só nas cidades maiores. Nicanor vai para APAE, com mais de 7 anos por volta de 1965".

Em 1967, a primeira Constituição após o Golpe de Estado de 1964 prevê o estabelecimento dos planos nacionais de educação e a Emenda Constitucional de 1969 estabelece a execução desses planos nacionais, assim como dos planos regionais de desenvolvimento. Em 1971, a Lei Educacional 5.692, em seu artigo primeiro, assume a responsabilidade do, agora, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Nota-se nesse momento grande influência do pensamento liberal. A orientação tecnicista marca profundamente a Lei 5.692/71, conforme Saviani (1988), completando o ciclo de reformas educacionais destinadas

a amoldar a educação brasileira ao rompimento político imposto pelo golpe militar de 1964, mantendo a ordem socioeconômica.

A educação especial, dentro desta proposta tecnicista, não se apresenta clara, apenas é proposto tratamento especial, porém no parecer do CFE 848/72 enfatiza-se a importância da implementação de técnicas e serviços especializados adequados para atendimento ao aluno excepcional.

"Adequado", segundo o dicionário Bueno (1996), tem os seguintes sentidos: tornar próprio, conveniente, oportuno, acomodar, apropriar. Trata-se, então, de um termo que, dentro dos diversos sentidos, passa para a educação especial objetivos como acomodar, apropriar, tornar próprio, assim se devendo realizar o atendimento das pessoas diagnosticadas como deficientes mentais, ganhando força nas rotulações e nos atendimentos voltados para técnicas especializadas que deveriam acomodar e adequar esses indivíduos especiais.

Conforme análise dos registros do diário de campo, Nicanor, na década de 70, está freqüentando a APAE, relatando sobre este período que:

"Aprendia a ler e escrever. Minha professora era muito bacana. Eu tinha meu caderno, livro para fazer leitura, um estojo com canetas e lápis. Fazia lição, pintava as figuras e colava recortes das revistas. Depois de um tempo eu fui para a Olaria da APAE, pegava os tijolos e empilhava, também ajudava na confecção dos mesmos."

As estratégias de ensino que a professora de Nicanor utilizava eram bastante infantilizadas, inadequadas para a idade de Nicanor que, na época, estava com aproximadamente 12 anos. Atividades voltadas para

acomodação, bem dentro da perspectiva tecnicista da época, em que havia um grande esforço para as Instituições não governamentais assumirem a educação especial, através de Instituições como a APAE. Como se constata, esse sistema todo conduz a educação para a manutenção da deficiência e não para formação de um aluno crítico, valorizando suas habilidades e potencialidade.

Conforme Kassar (apud Silva, 1995, p.92), no Ano Internacional das Pessoas Deficientes, organizado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1981, o Ministério da Educação sugere a participação ativa das organizações não governamentais no processo de "integração social", praticamente delegando a elas a responsabilidade de desenvolvimento de oficinas de produção.

Na década de 1980, vive-se no Brasil a reconstrução da sociedade democrática marcada por 21 anos de ditadura militar, abrindo novos caminhos para educação e para educação especial.

No governo Sarney (1985-1990), criou-se a Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), em 1986.

Mazzotta (1996), aponta uma outra ação de âmbito nacional na educação especial que é a Portaria CENESP/MEC n.69, de 1986, a qual estabelece normas para prestação de apoio técnico e financeiro a instituições públicas e privadas. Essa portaria também atribui à educação especial responsabilidades como parte integrante da educação geral.

A Constituição de 1988 continua priorizando o atendimento do aluno com deficiências no ensino regular e reafirmando a participação das instituições particulares.

Na LDB/96 anuncia-se como "alternativa preferencial", a ampliação do atendimento ao deficiente na própria rede pública de ensino, que ocorrerá independentemente do apoio previsto à iniciativa privada (art.60, parágrafo único).

Ao delinear esta caminhada histórica, percebem-se, ainda hoje, diversas lacunas dentro da Educação Especial, no que se refere ao duplo papel da história; aquela relatada pelo discurso do outro e a história relatada pelo discurso de seus próprios personagens, sujeitos rotulados e estigmatizados, cujo direito de voz é restrito a sussurros. Pergunta-se qual é o lugar, então, destas pessoas no cenário sócio-educacional do país?

Sujeitos deste cenário, como Nicanor, são enquadrados dentro da Educação Especial como "especiais", independentemente de estarem na escola especial ou regular. Após a escola especial passam para classe especial da escola regular. O estigma "especial" e o seu destino estão marcados e pontuados nesta peça teatral que se chama Vida, sofrendo o processo de estigmatização que, para Goffman (1988), é como um traço único que se impõe à atenção, direciona-se a percepção global do indivíduo e serve de justificativa ou explicação de qualquer conduta num raciocínio circular.

Gradativamente constrói-se a estigmatização. Identificado o "desvio da norma" ou as marcas significativas de diferença, o rótulo ou a marca se impõe ao indivíduo que, marcado, separado, aprende grande parte dos códigos do grupo. A sociedade, por outro lado, cria, passo a passo, um descrédito em relação a estes, baseada em visões de mundo que delimitam os comportamentos dentro da norma estabelecida. Nesse contexto, o indivíduo torna-se marginalizado cada vez mais até ser segregado.

A Instituição escolar especial dentro desse processo faz o seu papel. Segundo Queirós e Ramos (1979), a educação especial destina-se àqueles que "necessitam de assistência particular, no processo de aprendizagem e desenvolvimento", o que contribui para o tratamento diferenciado, sendo separados dos meios "normais" e "regulares" de ensino. Pressupõe-se que, através da segregação, será possível melhorar a qualidade de vida dessa parcela da população, classificada como "Deficiente Mental" pelo poder do técnico e, na Instituição escolar, como "aluno portador de necessidades educativas especiais".

A mãe de Nicanor relata:

"Ele ficava em casa, era muito comprometido, entrou na APAE aos sete anos, permanecendo até chegar no profissionalizante. A APAE diz que ele ficou menos tempo, eles não lembram direito todos anos que Nicanor passou lá". Nicanor relembra o tempo que trabalhava na Olaria: "Eu fazia tijolos, gostava muito desta atividade, possuía muitos amigos e o pessoal da escola eram amigos. Também participávamos de competições esportivas, era divertido. Eu fui trabalhar no Bar que meu pai comprou e saí da APAE".

A oficina dentro das etapas pedagógicas é o último nível pelo qual o aluno passa, a profissionalização, podendo permanecer nesta etapa por muitos anos. As oficinas, trabalham com atividades muitas vezes desatualizadas, como fazer almofada, lixar madeira, separar arame, etc.

Como o mercado de trabalho pouco absorve essa mão de obra e o salário dentro da Instituição é simbólico, o aluno se mantém nestas oficinas por tempo indeterminado, executando atividades mecânicas e criando um ritual diário em que a indolência do sistema faz com que se mantenham os calmos e tranqüilos no processo.

Depois da APAE, Nicanor relata:

"Frequentei classes especiais em duas escolas regulares, participei do programa do Mobral, obtendo em (1978) meu diploma. Mostra orgulhoso seu atestado de "alfabetizado". Eu estudava no Mobral à noite, durante o dia trabalhava no bar do meu pai, ajudando minha mãe. O horário na Escola ia até tarde, porém chegava a tempo de conversar com o pessoal que ficava no bar e depois ajudava a fechá-lo. No mobral aprendi um pouco a ler. Eu tinha vários amigos e todos conseguiram o diploma."

Homem civilizado e adulto, recebe o diploma do Mobral, cujo valor a sociedade pouco reconhece, ainda que seja considerado um manto de cidadania, não o desviando da condição de desamparado e da sua Identidade de "Deficiente Mental".

Nesse jogo, cada qual tem seu lugar definido. Um conhecimento construído e um poder que circula de acordo com a posição que cada um ocupa, com seu status social.

Segundo Basaglia (1979, p.75-76) o status que uma pessoa incorporou vai dominar toda relação. "Quando um professor ensina a seu

aluno a disciplina de matemática ou aritmética, explica à criança que $1+1=2$, e as crianças perguntam por quê, o professor que cresceu com a lógica que se acabou de ver, não sabe responder por que $1+1$ evidentemente dá 2. Essa é a lógica do poder e da opressão que o professor transfere para a criança. O problema é que o professor não sabe que sua liberdade como professor é ensinar que $1+1$ pode não dar 2, mas 3, 4 ou 10, dependendo do que se deseja com $1+1$.

A realidade não se compõe de um jogo de somas como $1+1$. Ela é um produto histórico-social, porque aquilo que hoje é 2 amanhã pode ser 10”.

O que se põe em discussão hoje em relação às situações é a contradição que se exprime entre o saber e o poder.

A função da Instituição escolar deveria ser a de manter viva essa contradição com o aluno e transmitir através dessa contradição não o seu poder, mas o seu saber. Ainda segundo Basaglia (1979), a relação de poder torna-se fundamental frente à impossibilidade de resolver a contradição entre o poder e o saber. Então, enquanto não for alterada a relação de poder, estaremos sempre doentes, sempre mais loucos, seremos sempre mais crianças e não seremos pessoas, porque quem mandar determinará sempre o nosso pensamento em um único sentido, e, aí $1+1$ será sempre 2.

Enquanto houver o dono do saber e o outro for simples fonte de dados qualificáveis, quantificáveis, interpretáveis, serão sempre

"marginalizados", "oprimidos" ou "desviante" dentro dos papéis sociais estabelecidos.

Pareceres como os de Nicanor estarão sendo dados. Não possuindo condições de se *auto prover*, a Educação Especial continuará neste espaço sombrio de auto gerir a deficiência, através dos técnicos e das técnicas.

A APAE na vida de Nicanor é o referencial de suas amizades, de histórias e recordações. Nicanor traz as fotos da sua participação em competições esportivas pela APAE no Dona Benta Clube, relembra os amigos e os tempos em que tinha uma participação educacional.

"Diz: Sinto muita saudade de meus amigos. Nesta foto estou jogando futebol, sou o goleiro, não deixo entrar muita bola. Fazíamos educação física uma vez por semana. Essa foto é de minha amiga competindo natação, havia muitas atividades esportivas na semana do excepcional.

A foto do nosso jantar de encerramento da semana do excepcional, todos os alunos vestiam roupas novas. Veja como estamos bonitos. Eu estou ansioso para voltar para o Centro de convivência da APAE, estou na lista de espera, devo começar agora em 2002".

Buscando reencontrar seu lugar, que o mundo aqui fora não lhe ofereceu, esmagado pela sociedade, o diferente, o deficiente representa o espelho da imperfeição e das limitações. Seu mundo Institucionaliza-se e seu referencial é a escola especial, espaço dentro do qual se sente seguro e aceito, segregado e excluído, sendo a Instituição especial seu começo e seu fim.

Segundo Amaral (1994, p.30), "Um sobrevivente é aquele que passou pela catástrofe e a ela sobreviveu. Representa também a ferida

narcísica em cada pai, em cada profissional, em cada comunidade. Representa um conflito não disfarçado, não escamoteável, explícito em cada dinâmica de inter-relações”.

Nesta dinâmica pela manutenção da normalidade, as Instituições de Educação Especial estão preocupadas em controlar, vigiar e sempre estar medindo desempenho e a disciplina.

Para Foucault (1989), as instituições disciplinares caracterizadas pelo modo de organizar o espaço, de controlar o tempo, de vigiar e registrar a conduta e o indivíduo, de modo sutil instalam o adestramento. A partir de métodos mais adequados e estratégias especiais, buscam dar uma outra conotação, um outro conteúdo, “uma outra forma” ao indivíduo deficiente. Designado como diferente, inapto para algumas atividades e dependente de outras, foge aos padrões da “normalidade” estabelecida, devendo ser educado e treinado pela Instituição, modelado para alcançar o padrão da normalidade e modificar o traçado estipulado pelo CID-10¹, compreende-se que os *“indivíduos nessa categoria são lentos no desenvolvimento da compreensão e uso da linguagem e suas eventuais realizações nessa área são limitadas. Realizações nos cuidados pessoais e habilidades motoras estão igualmente retardadas e alguns necessitam de supervisão durante a vida toda. O progresso em trabalhos escolares é limitado, porém uma proporção desses indivíduos aprende as habilidades básicas necessárias para leitura, escrita e cálculo. Como adultos, as pessoas moderadamente retardadas são usualmente capazes de fazer trabalhos práticos simples. Uma vida completamente independente na idade adulta é raramente alcançada”*.

¹ Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento.



Como não se reduzir a uma sigla, com uma definição tão fechada, com tantas características tão bem delineadas, negando todo um processo de desenvolvimento bio-psico-social. Depois de ter um nome de batismo, torna-se o nome de sua classificação reduzindo-se a apelido e diminutivos como Ni.

De acordo com Bueno (1993), essa totalidade do indivíduo, estreita e abstrata, passa a ser somente a sua marca divergente e negativa. As histórias desses indivíduos são verificáveis em suas anamneses, nos relatórios escolares, são histórias de suas deficiências, dificuldades, fracassos, crises emocionais e atitudes sociais inadequadas. Na vida, nada são, nada valem e pouco representam.

Como se incluir em um mundo excludente? Ou o deficiente se amolda ao seu modelo ou é confinado nas Instituições fechadas que, segundo a definição de Goffman (1961), o lugar onde um grupo de pessoas é condicionado por outras, sem ter a menor possibilidade de escolher seu modo de viver.

Fazer parte de uma Instituição total significa estar sob controle do outro, sem que se possa intervir para modificar o curso e o andamento da Instituição.

Há duas faces na escola especial; a aberta, voltada para mostrar para a sociedade seu papel de "amiga do deficiente" papel também veiculado na mídia e a fechada, a que controla e governa.

Em sua trajetória pela APAE, Nicanor foi categorizado e rotulado, atualmente espera pelo seu ingresso no Centro de convivência, conforme

se percebe quando diz estar ansioso porque vai retornar à escola, rever amigos e aprender uma profissão.

Assim, mantendo viva a busca de sua emancipação, que para a maioria se dá pela profissão e pelo trabalho, para Nicanor significa a volta a mesma Instituição de que um dia saiu.

A mãe de Nicanor questiona que não existe lugar para o adulto com problemas, referindo-se ao fato de que o filho possui um problema e, sendo assim, necessita de um lugar diferenciado nas Instituições, confirmando o que Foucault (1989) nos diz "cada pessoa no seu lugar e em cada lugar, uma pessoa".

Segundo Tomasini (1994), a distribuição espacial dos indivíduos na Instituição é realizada de acordo com o perfil de cada um, seu desempenho, o grau de deficiência que possui. Caracterizados, cada um ocupará seu lugar que o definirá na hierarquia do saber e das capacidades.

Nelas os adultos são distribuídos no espaço das Oficinas, cada um com uma função pré-determinada e controlada pelo professor. Nicanor gosta de ir visitar APAE e, a uma destas visitas, fomos juntos. Quando chegamos à Oficina, encontramos os alunos, cada um em um lugar estabelecido pela rotina da Instituição.

Alguns arrumavam jornais, outros desamassavam arame e outros verificavam se havia ficado bom. A professora circulava (pela sala, fiscalizando as atividades que são pouco criativas e pobres em estimulação, ficando longe a função profissionalizante.



Em um mercado competitivo e exigente, em que o perfil procurado pelo mercado corresponde ao de sujeitos criativos e versáteis, a escola especial continua formando sujeitos adestrados e treinados. A trajetória do deficiente mental, com baixo nível cognitivo, contribui para o rebaixamento do potencial criativo e pensamento abstrato em defasagem. A instituição escolar, então, instrumentaliza-o para não assumir nenhuma profissão, apenas ser mais um dependente do sistema, pois seu saber é limitado pela sua classificação.

O saber, como processo, compromete-se em frases como as da mãe de Nicanor: *"Ele está desaprendendo, cada dia lê menos e não escreve quase nada"*. Reflexões como essas autorizam a pensar que ele está desaprendendo o que talvez nunca tenha aprendido.

O mundo que lhe cobra desenvoltura não lhe permitiu desenvolver suas reais capacidades, sempre o viu como um deficiente, com QI abaixo da média, um incapacitado.

"Em cada um de nós, podemos observar uma particular modalidade de aprendizagem, quer dizer, uma maneira pessoal para aproximar-se do conhecimento e para conformar seu saber. Tal modalidade de aprendizagem constrói-se desde o nascimento, e através dela nos deparamos com a angústia inerente ao conhecer-desconhecer".(Fernández, 1990, p.107)

Aprendizagem é um processo de construção. Se a escola especial não estivesse tão preocupada em "Normalizar", buscaria espaços criativos, possibilitando trabalhar com o processo e não com o fim. Nessa escola, o desejo e os interesses nas atividades são relegados e o aluno deve se enquadrar nas Oficinas que a escola possui. Para Nicanor, este espaço se

restringiu à Olaria, ainda que acalente outros sonhos, como se percebe em sua fala: "*gostaria de ser estofador. Também pensa em fabricar um relógio para marcar o gás avisando quando vai terminar.*" Sua vontade é expressa, mas perde na não escuta do outro.

Os programas desenvolvidos pelas Instituições de Educação Especial são mantidos e aceitos como coerentes para o indivíduo classificado como deficiente mental aquele que não tem opções na sociedade normalizada, onde deficiência mental é vista como um funcionamento intelectual significativamente inferior à média, acompanhada de limitações significativas no funcionamento adaptativo.

Ainda que o discurso teórico educacional seja de igualdade e inclusão, o sistema segrega e exclui para, depois, incluir o sujeito moldado dentro dos padrões estabelecidos culturalmente.

O processo de aprendizagem no contexto educacional de acordo com Paín (1985, p.11) "*se inscreve na dinâmica da transmissão da cultura, que constitui a definição mais ampla da palavra educação*".

Ainda segundo Paín, pode-se atribuir à educação funções interdependentes. Pela função mantenedora, a educação reproduz no indivíduo o conjunto de normas que regem a ação. Estes conjuntos levam a aquisições culturais, possibilitando a manutenção de sua história.

A função socializadora possibilita ao indivíduo a utilização de utensílios, da linguagem, do habitat e transforma-o em sujeito social normatizado aos padrões do grupo com o qual se identifica.



A função repressora na educação tem caráter antagônico. Se por um lado permite a continuidade funcional do homem histórico, por outro garante a sobrevivência do sistema que rege a sociedade, constituindo-se em instrumento de controle, cujo objetivo é reproduzir o lugar que cada classe ocupa no sistema socioeconômico.

Pela função transformadora, inerente às contradições que o sistema produz, a aprendizagem ocorre como instância alienante e como possibilidade libertadora.

Como a pessoa que “não aprende” realiza poucas das funções sociais da educação, a sociedade desenvolve um certo constrangimento frente à deficiência, principalmente a mental, aflorando nas pessoas sentimentos de piedade, medo, receio e repulsa que determinam atitudes frente a essas pessoas. Quanto mais submisso for ao sistema, mais ganhos haverá nas inter-relações, reforçando comportamentos como os de Nicanor. Estigmatizado pelo sistema, cumpre seu papel e como não conseguiu sobreviver fora da Instituição, hoje busca seu retorno. Em vista disso, o indivíduo torna-se sua deficiência e sucumbe ao seu fracasso acadêmico e, tal como descreve Sara Paín, aliena-se para poder se libertar.

Nicanor constantemente fala que possui carteira de motorista, pontuando que ela é especial. A carteira lhe assegura seu status como adulto e o termo especial, o estigma da diferença, é justificado na designação emitida por uma médica psiquiatra da Instituição APAE, através do parecer (portador de Retardo mental moderado CID 10 F 71,

sem condições de se prover por conta própria). Tal parecer ajudou a fechar as portas do mercado de trabalho para Nicanor.

Fatos como esse, levantam a sugestão sobre o tipo de mão de obra que as Escolas estão preparando e, ainda, concluir que a sociedade permanece com estratégias e mecanismos para que a exclusão seja mantida de forma sutil.

De acordo com Bueno (1993), dentro dessa perspectiva, o sujeito passa a ser somente sua marca divergente e negativa. Na medida em que não possui história enquanto ser social, apenas como ser patológico, a sociedade o transforma em pessoa incapaz de gerir, administrar, dividir e doar. Ele é, por definição Institucional, não só desamparado, mas um sujeito isento de responsabilidade, não podendo dirigir e administrar seus atos, vontades e desejos.

Segundo Aquino (apud Guirado, 1996, p.57), o poder de caráter positivo/ produtivo não se apropria de nada, nem retira. Adestra. Por meio de tão sutis recursos de bom adestramento, cria comportamentos, "fabrica" indivíduos. (Nicanor possui esse perfil moldado educacionalmente, cordato e compreensivo).

O deficiente adulto, após sua trajetória educacional busca o mercado de trabalho e a sua inserção nele. O mercado, sendo competitivo, vai selecionar seus futuros atores e, como o deficiente mental possui um status, representando o papel de coitadinho, aquele que possui baixo nível cognitivo, que não possui bom nível de adaptação, sujeito excluído, em busca de um lugar e de um destino, resta-lhe voltar

para Escola Especial, lugar de acolhida e manutenção das contradições entre o saber e o poder.

Todo ser humano tem objetivos, necessidades e sonhos, independente de seu nível intelectual, e tenta realizá-los no universo do trabalho. Ao deficiente mental, isso lhe é negado.



1.3 -SEGREDO: Universo do Trabalho

O poder estabelecido nas Instituições de que se tratou até o momento aparece de forma implícita; porém, no universo do trabalho, apresenta-se de forma explícita, pois a igualdade e os direitos são para os que pertencem ao mercado, que participam da sociedade de forma ativa.

O discurso da Declaração Universal dos Direitos do Homem escreve que toda pessoa tem direito não apenas ao trabalho, mas à livre escolha e a condições satisfatórias de trabalho; todos têm direito, sem discriminação, a um salário igual para um trabalho igual; qualquer pessoa que trabalhe tem direito a uma remuneração justa, que assegure, a si e a seus familiares, uma existência condigna.

Conforme Otto (1993), todo ser humano possui necessidades que precisam ser supridas, objetivos a serem atingidos, projetos sonhados para serem colocados em prática, independente de seu nível intelectual, seu tipo de personalidade, seu grau de cultura.

O homem, através do trabalho e da liberdade de ir e vir, mantém funções de equilíbrio para sua personalidade, por meio da sua realização profissional, garantindo a articulação com a realidade e com seu grupo social, adquirindo o status de pessoa capaz e criadora. O deficiente mental, porém, "acorrentado" pelo universo da profissionalização das escolas especiais, não consegue quebrar as barreiras estabelecidas pelo poder tecnológico.

Szasz (1994, p.31) coloca que:

"A modernidade é a mãe de gêmeos. Um deles é a ciência, a tecnologia e o governo limitado. O outro é o adulto fisicamente capaz, mas improdutivo – e os esforços dos homens produtivos para controlá-lo e sustentá-lo".

Convém aqui aludir ao parecer, expedido pela psiquiatra de maio de 2001, sobre Nicanor (não tem condições de prover-se por conta própria). Com este parecer, que portas do mercado de trabalho podem ser abertas para ele? Qual a mão de obra que as Escolas Especiais formam? Auxiliares de empilhar jornais, lixadores de madeira, desentortadores de arame, recheadores de almofadas, etc. trabalhos adequados para indivíduos sem condições de prover-se, com perfil de deficiente e dependente.

A dependência adulta leva à cooperação social, sendo fonte de confortos e de desconfortos.

De acordo com Szasz (1994), apresenta a palavra "produtor" para designar aquele que ganha seu próprio sustento, trabalhando; a palavra "não-produtor", para designar a pessoa que não trabalha, ou que é economicamente dependente de terceiros (família ou sociedade), e a palavra dependente, pessoa incapaz física ou socialmente.

Ainda segundo Szasz, essa classificação tem caráter dúbio, pois um deficiente mental como Nicanor possui um físico sadio, mas é um não-produtor e, também, dependente, pois mesmo com apoio econômico não está apto a administrar sua vida de forma socialmente aceita, conforme se constata no parecer da psiquiatra sobre ele.

Foi sua família que abriu espaço para ele no mundo do trabalho. O pai relata:

"comprei um bar, por sugestão do médico de Nicanor, que dizia: "que na APAE não iria se desenvolver com aquelas pessoas muito comprometidas era bom para o meu filho ter uma atividade". Nesta época Nicanor estava com 17 anos, no bar ajudava sua mãe nas compras de mercadorias, pagava, ficava com os fregueses atendendo até fechar o recinto. Após os 18 anos o pai vendeu o bar.

"Eu ainda não estava aposentado, estava ficando muito pesado para minha esposa cuidar do bar, só ela e Nicanor. Ele ficou contrariado com a venda do estabelecimento, gostava muito do bar. Nicanor diz que quando puder vai guardar dinheiro para comprar de novo o Bar".

Ele saiu do trabalho onde era proprietário para tornar-se empregado da irmã que é proprietária de uma Doceria com o marido. Nesse local Nicanor trabalha no período da manhã, exercendo a função de "quebra galho" (passa pano no chão, joga lixo, vai pagar alguma conta, troca dinheiro no Banco).

"Nicanor se queixa que o cunhado lhe paga pouco, apenas 80 reais e que ainda recebe atrasado. Gostaria de outro emprego, mas reconhece que não está fácil. Agora, voltando para Apae, vou aprender uma profissão, gostaria de ser estofador".

"Quem não tem, não existe", segundo o provérbio, quem não tem dinheiro, na sociedade capitalista, é apenas um dependente e muitas vezes é tido como incompetente.

Szazs define competência pessoal como padrões comportamentais mínimos que uma sociedade moderna deve esperar dos adultos implicitamente dotados de direitos e de cidadania.

Nicanor, para ser respeitado como cidadão, deveria ganhar um salário que lhe desse condições de sustentar-se, adquirindo esse nível de competência.

Como o salário é simbólico, não há possibilidade de Nicanor viver com ele e adquirir sua independência financeira. Homem de 45 anos, ainda que almeje sua casa, sua vida como adulto e a sua realização profissional, deve cumprir as normas restritas à sua deficiência, estabelecidas pela sociedade.

Conforme Szasz (1994), o adulto que não se engaja em uma atividade que os outros valorizam, admiram e apreciam, opta por ser alguém dependente. Nicanor, ao perceber sua inutilidade, começa a sentir-se inferior aos irmãos e aos amigos, passando a invejar sua capacidade e sucesso e, então orgulha-se da forma que é chamado na Doceria "Chefinho", fugindo da constatação de sua baixa auto-estima. Ele se defende através da fachada, de um rótulo, mostrando para o social que é um ser capaz, alienando-se à realidade que lhe é imposta.

No final do primeiro manuscrito, Marx trabalha com o conceito de alienação. Referindo-se às condições históricas da produção capitalista, diz que nessas condições o trabalhador se aliena em relação ao produto do trabalho; à sua própria atividade; ao ser genérico; e ao outro homem².

Essa alienação em relação ao ser genérico, traduz-se numa alienação em relação à natureza e em relação a si mesmo, alienando-se de sua própria história, havendo, portanto, um esvaziamento de sua vida.

² Marx, C., "O trabalho alienado" (1º Manuscrito), in Fernandes, F. (org), *Marx/Engels: História*, São Paulo, Ática. 1983.

Quando o objeto lhe é negado, na medida em que o objeto materializa a sua subjetividade, o capitalismo priva o sujeito de sua subjetividade e humanidade.

Sujeito desumanizado vai reencontrar o seu lugar nos trabalhos "assistenciais", com salários irrisórios, funções pobres em criatividade e ricas em rotinas, confirmando a sua dependência pessoal e material, como é o trabalho de Nicanor.

Conforme D'Incao (apud Silveira, 1992, p.210-225), o desejo do indivíduo está implicado nessa alienação como se sua vida, sua própria história estivesse regida por um "destino" que não só lhe ultrapassa individualmente, como ultrapassa a própria história social efetiva. Alienação interna e externa deste sujeito deficiente que constrói sua história estigmatizada, como incapacitado.

Se para ser aceito no mundo do trabalho é preciso estar adequado na ordem social estabelecida, não fugir à norma é o primeiro mandamento. Para o deficiente, porém é romper as barreiras do patológico, da deficiência concebida como doença.

O discurso de normalidade não se restringe apenas ao da instituição familiar e escolar, ele vem também do saber do técnico, que se utiliza de recursos como testes de coeficiente de inteligência e termos específicos como portadora de necessidades especiais, etc.

...o que importa é descobrir rapidamente o diferente e isolá-lo para confirmar que não somos nós (os sadios, os normais, os bons cidadãos), isto é, a estrutura de nossa organização social, que produzimos as contradições. (Basaglia, 1986, p.79). O homem no pelourinho.

Contradições estabelecidas pela ordem social normal são questões que envolvem temporalidade, cultura, sociedade e economia. Conforme D'Incao (apud Hirano, 1992, p.257), os pontos temporais fixam a contagem de uma temporalidade que marca o início de uma trajetória a partir da qual os acontecimentos da vida cotidiana têm um ponto de partida, podendo envolver uma referência aos fatos reais ou imaginários.

A prefixação dos pontos temporais leva os atores sociais a terem elementos de certeza, colocando na prática do cotidiano a possibilidade de ordenamento da vida cotidiana dentro de um padrão social de normalidade. Existe perda da noção de limite do social e do culturalmente estabelecido; parte-se do mundo da realidade para o mundo da fantasia (almejando um dia outra forma de viver) privilegiando estar dentro das regras estabelecidas no mundo adulto.

Ainda, segundo Hirano, as instituições sociais cobram de todos nós, aquilo que devemos ser: uma imagem semelhante ao modelo de conduta socialmente estabelecido e culturalmente sinalizado por meio de valores simbólicos presentes na micro cena da vida cotidiana.

Em várias saídas com Nicanor, pude constatar como ele é aceito e respeitado através dos vínculos de amizades estabelecidos. Em um dos encontros, ao chegar à sua casa, ele, ao me cumprimentar mostra-me um papel, com um endereço. Ao lhe perguntar de quem era, respondeu-me: *"é o endereço de uma amiga e que gostaria de ir visitar. Ela possui uma lanchonete"*.

Vamos caminhando até a lanchonete localizada no centro da cidade, ele me conta que a moça morava em São Paulo e é amiga de sua irmã mais velha. Ela viera morar na Cidade a convite da sua irmã e estava hospedada na casa de sua prima. Ela é muito simpática e ele gosta muito de sua companhia.

Ao chegarmos lá, ele fica alegre e entra, saudando a moça que, no momento, está ocupada. Ao ver Nicanor, ela abre um sorriso cumprimentando-o: *"Olá, Ni, como está?"* Ele responde satisfeito:

"vim te visitar e conhecer o lugar que você montou a lanchonete e se precisar posso vir te ajudar. Liane sorri e agradece após pede para ele esperar um pouco, ela esta ocupada atendendo." Sentamo-nos e aguardamos um pouco. Ela retorna e oferece-nos café e suco. Nicanor pede um suco sem gelo, que bebe com prazer e continua a conversa com Liane:

"eu gosto muito de passear e vou vir aqui muitas vezes te visitar". Liane sorri e pede licença para ir atender outros fregueses. Nicanor pede a conta e Liane diz que é cortesia, somos convidados. Ao irmos embora Nicanor comenta: *"Veja como ela é bacana. Não cobrou nada. Sabe, eu tenho muitos amigos."*

Segundo Guirado (1995), estas relações têm como objeto imediato a reeducação da alma do indivíduo para que se livre de tendências desviantes. Para tanto é que se priva o indivíduo da possibilidade de dominar seu tempo, seu lazer e seu fazer.

Tudo é realizado em nome dos benefícios para o deficiente, que representa uma ameaça a sociedade "Inteligente".



Nesse contexto, encontrar espaço para o trabalho produtivo do deficiente é uma busca nas lacunas desta hierarquia. Um dos grandes desafios é se fazer humano em um ambiente cada vez mais desumanizado. O local de trabalho, então é a última trincheira onde funcionam as mais rígidas regras morais e de convivência e onde os códigos de comportamento são sutis, mas absolutamente vigentes, tanto que as pessoas têm medo de aparecer demasiadamente, de colocar sua voz. Nicanor quer voltar à APAE para aprender uma profissão, busca estar apto ao mercado, porém o que pensa em aprender é estofar sofá, retornando ao espaço que o poder lhe reservou.

Os códigos vigentes são estabelecidos pelo poder que, sob a ótica de Foucault (1988), põe em jogo relações entre indivíduos ou entre grupos. O termo "poder" designa relações entre indivíduos, através de um conjunto de ações que se permeiam formando uma sucessão. Tratando-se de um modo de ação de alguns sobre os outros, as relações de poder não estão acima da sociedade, mas sim inseridas e arraigadas em toda a malha social, principalmente frente ao mercado de trabalho, em que as marcas estigmatizantes continuam atuantes nas relações de poder.

O poder hoje se faz também através das redes de computadores e das ferramentas da tecnologia, como Internet, o telefone celular, fax, entre outros, sendo obstáculos e sintomas concretos de impessoalidade e competência. Como o deficiente mental dentro deste amálgama mantido

pelo sistema, consegue sobreviver e ser incluído como fundamenta as Regras e Leis atuais?

Neste momento se faz necessário repensar as recomendações dos organismos internacionais, principalmente as Normas Uniformes sobre a Igualdade de Oportunidades para Pessoas com Deficiências (1993) e a Declaração de Salamanca (1994). Conforme Edler (1997), no texto da Declaração de Salamanca fica claro que as necessidades educativas especiais constituem um processo explicável pelas diferenças inter-individuais.

No centro do ideal da *educação para todos*, as propostas de educação inclusiva, que constam da Declaração de Salamanca, apontam para um espaço que integre a educação especial ao mundo do trabalho. A inclusão do deficiente mental na sociedade, pelo caminho do trabalho, parece aproximá-lo ao que se chama de "normalidade". Entretanto, este processo se torna prejudicado, quando nos confrontamos com uma sociedade que tenta excluir o "diferente" de seu meio.

Nesse espaço se encontram todos os alunos, com ou sem deficiências, mas que, certamente, em algum momento de sua escolarização apresentam necessidades educativas especiais, ainda que por pouco tempo.

A construção desse espaço comum, em que os relacionamentos devem estabelecer-se em níveis de igualdade vai gerar relações sociais de poder que são expressas em vários níveis, tanto na economia como nas organizações de trabalho, modificando as relações materiais e ideológicas.



Como ser deficiente mental e ser produtivo são situações incompatíveis, o mercado seletivo, oferece-lhe o subemprego ou deixa-o à margem e aos cuidados da profissionalização em escolas especiais como a APAE.

Conforme enfatiza Meletti (1997), esses fatores revelam, a complexidade da organização da nossa sociedade em que, para problemas sociais não resolvidos, buscam-se "soluções" precárias na ambigüidade das políticas públicas de cunho social.

Muitas vezes faz-se veicular a idéia de harmonia e eficiência das instituições sociais, das parcerias e dos serviços especializados: nas classes especiais do Estado, são atendidos os "educáveis", nas instituições particulares especializadas, os "moderados" e nas instituições asilares filantrópicas, os "severos". Cabe, então, analisar a questão da classe social a que pertence essa clientela.

Nicanor é de uma classe social média baixa, - pai aposentado, mãe do lar. Como um deficiente mental (pobre e com defasagem cognitiva) pode ser inserido no mercado de trabalho "como um igual"; com contrato de trabalho, carteira de trabalho assinada e com direitos trabalhistas?

Seu direito como cidadão trabalhador limita-se a trabalhos de favor, com ganhos de 80 reais. Como não possui compromissos financeiros e responsabilidades, "não precisa" receber em dia. Por ficar à margem do mundo do trabalho, marginalizado e segregado por conta de sua deficiência, visualiza para si apenas essa condição, apropriando-se do seu

papel de coitadinho e bonzinho, conformado com seu cotidiano, à espera do dia em que poderá casar, possuir sua casa e ter um salário digno.

De acordo com Chammé (1992, p.72), “

recusar o cotidiano seria revelar a incapacidade de viver a existência tal qual ela se apresenta na realidade de sua presença e de sua repetição? Seria como se uma tentativa de viver a existência num lugar que não lhe pertence?”

Negando seu cotidiano, cria estratégias para sobreviver nesta dualidade que a sociedade lhe apresenta, articulando à sua volta estruturas normatizantes e, ao mesmo tempo, sente-se cobrado por sua atuação como deficiente. Essas normas representariam uma forma de estar adequando-se às práticas disciplinares.

A sociedade dissimula oculta essa forma de ser e viver através de atitudes filantrópicas e posições do governo visando ao bem-estar, em especial, à educação e à saúde, tentando encobrir a pobreza e a desigualdade.

Seus direitos de proteção social, mesmo estando proclamados e presentes nos textos das leis, costumam ser violados, aumentando-lhes as barreiras, produzindo mais representações sociais depreciativas de suas capacidades, em um verdadeiro círculo vicioso. Sobra ao deficiente, como Nicanor, apenas esperar.

Ainda segundo Chammé (1992), os indivíduos com deficiência confirmam essa observação na medida em que “vivem” suas diferenças. Muito menos pelas limitações que sofrem em decorrência de suas deficiências e, muito mais, pelas representações sociais a respeito de suas

limitações, colocando-os no imaginário coletivo como incapazes e dependentes, levando-os a sentirem-se discriminados e com percepções contraditórias em relação ao mundo, passando a sentir-se somente a sua marca divergente e negativa.

2 - VIDA COTIDIANA: PAPÉIS SOCIAIS

Pensando e refletindo sobre os papéis sociais, desempenhados pelo deficiente mental, neste capítulo se analisa o que são papéis e status sociais. Os papéis sociais são relações sociais “especializadas” segundo momentos estruturais determinados.

Para sociólogos funcionalistas, como Chinoy (1975), o conceito de status é a posição socialmente identificada e papel é o padrão de comportamento esperado ou exigido de pessoas que ocupam determinado status, sendo a estrutura social o conjunto de normas que dá forma ao desempenho de papéis.

O texto da música Traduzir-se pode refletir duas faces da mesma moeda que o deficiente mental assume: o status e o papel de sua deficiência.

A parte de mim é todo mundo
Outra parte ninguém, fundo, fundo.
Uma parte de mim é multidão
Outra parte estranheza e solidão
Uma parte de mim pesa e pondera Outra parte delira
Uma parte de mim almoça e janta
Outra parte se espanta
Uma parte de mim é permanente
Outra parte se sabe de repente
Uma parte de mim é só vertigem
Outra parte linguagem
Traduzir uma parte na outra parte
Que é questão de vida e morte
Será arte, será arte.

Fagner e Chico Buarque

Esta dualidade que se traduz na composição nos remete ao conflito vivido por Nicanor. Como uma parte dele é multidão e outra, estranheza e solidão, ele se torna mágico no circo armado pela vida, buscando encontrar uma parte na outra parte. Como homem quer se emancipar, como deficiente é dependente do outro e se comporta como seus pares quando está junto com o grupo.

Conforme diário de campo, no encontro de 20 de junho, convidei Nicanor para a festa Junina que seria realizada dia 28 de junho para os alunos do Centro Educacional da Universidade. Ele ficou muito contente com o convite e me perguntou: *Quem vai estar lá? Legal, vou conhecer o Campus.*

Na semana seguinte, ao chegar à casa dele e tocar a campainha, Nicanor vem me atender, todo arrumado-trajava jaqueta de couro preta, calça jeans e tênis cinza. Entusiasmado, olha-me de forma iluminada, seus olhos transmitem sua expectativa para a Festa.

A festa foi realizada no pátio externo da Universidade. O dia estava ensolarado, apenas um vento frio soprava em nossos rostos. Ao chegarmos já estavam tocando músicas juninas, as barraquinhas estavam armadas e os alunos dançavam. Nicanor conhecia poucas pessoas, mas as professoras da Universidade o receberam com carinho.

Ele ficou próximo a mim e à estagiária Melisa, que nos acompanha há alguns meses. Melisa é monitora e, entre suas atividades de monitoria, acompanha-me nas visitas a Nicanor.

Nicanor vai com Melisa comprar pipoca, depois ficamos os três juntos conversando, Nicanor diz a Melisa:

"Você conhece a Apae?" Ela responde que não. Ele continua a conversa com ela. *"Quando você tirar sua carteira de motorista, pode passar na minha casa para eu te levar na Apae, porém deve ser na parte da tarde, de manhã eu trabalho"*. Melisa pergunta, se ele quer dançar e se estava gostando da festa. Nicanor responde que estava legal e que dançaria depois, que ainda não havia um par".

Chegou a hora da quadrilha. Uma das professoras tira Nicanor para dançar. Deslumbrado, seu rosto volta a se iluminar e um sorriso preenche seus lábios. Muito à vontade, ele rodopiava e acompanhava todas as etapas da quadrilha. Após a dança, retorna e pergunta: *"A professora que dançou comigo é da Apae?"* Respondi que não, que era da Universidade. Nicanor: *"Ela é uma boa dançarina, alegre e muito gentil, vou convidá-la para tomar café na minha casa."* Chega uma amiga de Melisa e ela a apresenta para Nicanor. A conversa entre eles continua, ele volta a convidá-la para ir com ele à Apae.

A professora que dançou com Nicanor traz amendoim para ele. Nicanor agradece e transmite-lhe um olhar de muito interesse. A professora se afasta e Nicanor comenta:

"Ela é muito querida e bonita, um dia vou convidá-la para visitar minha casa". Nicanor observa a festa, porém não sai de perto nós relacionou-se apenas com as pessoas que o procuraram, como a professora que dançou com ele.

Ficamos mais um pouco na festa e depois voltamos de carona. Ele não parava de perguntar sobre a professora que havia dançado com ele.

Esta passagem expressa um pouco o modo de Nicanor representar e desempenhar os papéis, preenchendo seu status e sua identidade social.

A partir da expectativa das pessoas que estavam na festa, ele desempenha seu papel às vezes, de caçado e outras, de caçador, ocupando posição, requerendo um padrão de comportamento, regulado pelos papéis sociais, permitindo o controle na vida cotidiana.

“Uma parte de mim é permanente, outra parte se sabe de repente”, para Pichon (1998) a vida cotidiana revela-se como um amplo conjunto de fatos, atos, objetos, relações e atividades que se apresentam a nós de forma “dramática”, ou seja, como ação, como mundo-em-movimento às vezes permanente e outras de repente.

Constituem o cotidiano a família em que nascemos, a revista que lemos, a televisão, o cinema, o teatro, a cozinha, o trabalho, o esporte, o sexo, o tipo de consumo etc. Vida cotidiana é a forma de desenvolvimento que se adquire, dia após dia, história individual.

Tal história, para Nicanor, é traçada no cotidiano pela rotina, vai pela manhã ao trabalho, à tarde fica em casa ou sai para ir à casa da irmã; às vezes, vai ao supermercado olhar preços, à noite fica na frente de casa conversando com vizinhos ou fica em casa rabiscando papéis. No final de semana, auxilia o pai a arrumar objetos domésticos.

Conforme Pichon (1998) como a vida cotidiana acontece em ações, através da organização temporal-espacial, o modo de viver se transforma num mecanismo irrefletido, não consciente, de ação.



Assim é que os fatos são aceitos por Nicanor como partes de um todo conhecido, engajados no dia-a-dia, não questionados, apenas vivenciados. A realidade social e histórica simultaneamente se revela e se oculta no cotidiano, em um sistema social de representações.

O seu cotidiano é limitado pelo seu status social, as suas vontades não são escutadas, há sempre alguém decidindo sua vida. Quando ia sair da Apae, a escola orientou a família para comprar um Bar, para que ele pudesse trabalhar. Nicanor trabalhou alguns anos no Bar, até que o pai resolveu vendê-lo. Mais uma vez, as decisões foram tomadas sem a sua consulta. Com isso, ele foi trabalhar com a irmã. Sua trajetória de vida é, portanto marcada pelo que os outros acham que é melhor para ele, e ele acaba vivendo entre o ideal e o real.

A vida é constituída de dois momentos o ideal e o real. Enquanto estamos na idealização, as mudanças não ocorrem. Para haver mudanças na vida e na rotina de Nicanor, a barreira entre estes dois pólos deve ser rompida.

Ainda que ele idealize ser independente, no plano real isso não ocorre, pois, quando deseja telefonar, pede para a mãe ligar. Não sabe discar, acomodou-se nesta posição. A mãe, então, realiza para ele esta atividade, mantendo a dependência e tornando difíceis às mudanças no seu cotidiano e muitas vezes acomodando sua vontade. Algumas vezes Nicanor me relatou: *"Eu queria falar com você mais minha mãe não estava com tempo e não pôde te ligar, eu me atrapalho para discar os números"*.

De acordo com Heller (1991, p.18);

“O homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social)”.

É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. Segundo Heller, essa cotidianidade começa no grupo familiar, na escola, em pequenas comunidades, grupos que estabelecem uma intervenção entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética. O homem aprende no grupo as bases da cotidianidade (por exemplo, quem necessita cumprimentar ao encontrar-se uma pessoa, como se comportar em determinadas situações). São regras estabelecidas, se fugimos delas, somos colocados à margem da sociedade.

Quando Nicanor vai a algum local que exige a capacidade de ler para pedir algo para comer ou beber, solicita-o para mim. Fomos, por exemplo, à sorveteria. Como os sabores estavam impressos em uma placa, ele constrangido me diz: *“Não estou enxergando bem pra ler os sabores”*. Leio para ele, depois escolhe o sabor e pede ajuda para colocar na casquinha o sorvete. Na cotidianidade do adulto, espera-se que esteja apto a ler e a realizar tarefas básicas e complexas. Para Nicanor este universo é limitado pela sua construção histórica, porém ele a tenta driblar, dizendo-me que sua dificuldade de leitura se deve à visão.

Para Heller, a vida cotidiana não está “fora” da história, está no “centro” do acontecer histórico. A vida cotidiana é a vida do sujeito. O indivíduo é sempre, ser particular e ser genérico, pois o homem um ser

genérico, produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano; o representante do humano-genérico nunca é um homem sozinho, é a união do eu e do nós formada na consciência do existir.

Os conflitos se inter-relacionam no cotidiano, no intercâmbio entre as pessoas e o manejo das diferenças levam à condução desses conflitos, propiciando o caminhar da sua própria vida e de sua auto-estima.

Desse modo o cotidiano do deficiente se torna frágil em relação ao seu desenvolvimento e crescimento pessoal. Nicanor, com sua postura dócil e gentil, garante ordenação da cotidianidade. No seu papel de responsável, ele tem a chave de sua casa que lhe foi dada como um prêmio. Sua mãe confessa:

"Eu confio nele, ele é muito cuidadoso, ao sair confere se a casa está toda fechada, se apagamos o fogo. Depois coloca a chave dentro da carteira, para não perder".

O indivíduo possui a crença do papel que desempenha, facilitando mecanismos para superar frustrações e aumentar sua auto-estima. Em um dos nossos passeios ao Shopping, encontramos uma conhecida de Nicanor, que veio nos cumprimentar e sentou-se em nossa mesa, conversou com ele sobre sua família e as suas irmãs.

Nicanor: *"Como vai sua mãe? ela já se aposentou? Eu tenho uma carteira de motorista, mas está vencida e eu não posso dirigir."* Após a moça ir embora ele sorri e diz: *"viu como sou querido, possuo muitos amigos, ela é amiga de minha família, às vezes vai lá em casa"*. Com essas palavras, ele procura mostrar às pessoas o seu "status" de prestígio.

De acordo com Goffman (1975) uma pessoa desempenha um papel, subentendendo que seus observadores levem a sério a impressão sustentada perante eles, solicitando que acreditem no personagem que olham no momento e que tem os atributos que aparenta possuir.

O deficiente mental representa, então o papel que o público tem estabelecido ao longo da história, (sujeito doente, possui pouca inteligência, não responde por seus atos, incapacitado). O indivíduo vive assim um mundo de fachada, empregando mecanismos para sua representação.

O deficiente escreve e constrói suas máscaras, o comportamento adapta-se em suas relações com o mundo, a ausência de um continente capaz de possibilitar uma vivência e uma expressão própria, impedindo-lhe de uma participação mais ativa na construção de vínculos; a normalização e a estereotipia dos papéis dificultam a vivência integrada, criando máscaras imaginárias que podem servir à expressão narcisista de um desejo de ser negado desde o nascimento.

A negação de ser é assumida no papel de deficiente, ganhando o status de sua deficiência, buscando o papel de "aparência", dentro dos padrões da normalidade, sendo sua revelação de existência um movimento de negação de si mesmo, como papel.

Para Naffah (1997), desde a revelação até o desvelamento total da existência, esta totalidade nunca se completa, porque a existência não é um objeto estático, como tampouco o é, a realidade que ela retoma no seu âmbito. Sempre situado no mundo, o sujeito não é uma transparência

em relação a si mesmo; sempre está envolvido em um ou outro papel, e este envolvimento é, no fundo, aquilo que reflete esta forma básica de compromisso que o une ao mundo e que faz dele um ser fundamentalmente social.

Como ser social vive o drama coletivo, sujeito cindido pelo estigma de seu papel, torna-se uma marionete jogada no meio deste jogo repetitivo fantasmático. Para o sujeito desta pesquisa seu papel é confundido com o da mãe, já que as posturas são parecidas, até a lentidão dos movimentos, que a mãe apresenta pela idade, ele também possui.

De acordo com Mannoni (1988), o deficiente e a mãe formam em certos momentos, um só corpo, o desejo de Um, confundindo-se tanto com o desejo do outro, "que os dois parecem viver uma única e mesma história". Essa história tem como suporte, o plano fantasmático, um corpo atingido, como doente que adquiriram uma marca significativa. O que a mãe não conseguiu resolver ao nível da experiência de castração, vai ser vivido, como eco, pelo filho que, nos seus sintomas, em muitos momentos estará "falando" da angústia materna.

Ocorre um esmagamento da Identidade, fantasiando seu papel, como alguém independente, que pode um dia trilhar seu cotidiano sozinho, constituir família e até ter filhos, segmentos de sua história, em vez de permanecer alienado na história da mãe.

3 - DIFERENTES FORMAS DE OLHAR: Normal – Patológico

O deficiente sente-se isolado na sociedade, em razão de sua história estabelecida pelas diferentes formas com que a sociedade olha a deficiência. O poema de Cecília Meirelles reflete as formas olhar e como estabelecemos nossos vínculos a partir destes olhares.

Houve um tempo em que minha janela se abria sobre uma cidade que parecia feita de giz. Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco.

Era numa época de estiagem, de terra esfarelada, e o jardim parecia morto. Mas todas as manhãs vinha um pobre homem com um balde, e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas. Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não morresse. E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam de seus dedos magros, e meu coração ficava completamente feliz.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor. Outras vezes encontro nuvens espessas. Avisto crianças que vão para escola. Pardais que pulam pelo muro.

Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais. Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar. Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Veja. Às vezes, um galo canta. Às vezes, um avião passa. Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino. E eu me sinto completamente feliz.

Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

(Arte de ser feliz) Cecília Meireles

Pelas diferentes formas de olhar, o deficiente mental tem sido encarado negativamente como: possuído, desequilibrado, idiota, mongolóide, doente, incapacitado, etc. Segundo o poema, tudo está certo

no lugar certo, cumprindo o seu destino. Esta imutabilidade também marca a vida de um deficiente mental, e o faz ser doutrinado de acordo com o conceito patológico.

Sempre que se pensa no patológico, pensa-se também no conceito de normalidade, visto que o que é normal, depende do prisma pelo qual se percebe o sujeito. O sentido mais usual tem sido o que constitui a média. Várias concepções teóricas regem tais conceitos.

Para Nicanor, ser deficiente lhe traz benefícios, a partir do seu desvio da normalidade. O último foi a aquisição do passe livre de ônibus. Agora pode andar de ônibus sem pagar. Ele: *"sorri vitorioso, ao contar sua nova conquista. Eu posso ir para onde quiser sem pagar, veja que bom, vou fazer economia e posso ir sempre na casa da minha amiga na Nova Marília, na casa do meu tio".* Pergunto se não lhe incomoda andar de ônibus sem pagar. Nicanor me olha e responde: *"Não, é um direito meu".*

Os conceitos atuais sobre deficiência muitas vezes nos remetem a concepções Durkheimianas, regras relativas entre o normal e o patológico, utilizando critérios de desvio de normalidade, tais como a classificação de QI. Nicanor, estigmatizado por conceitos estáticos de normalidade, apresenta um discurso duplo: em um momento acomoda-se no papel de submisso, recebendo passe por sua "deficiência" e, em outro, declara: *"é meu direito e devo usufruir".*

Seu direito como cidadão adulto, porém, seria ter um salário digno, que lhe permitisse comprar seu passe e não precisar de um sistema paternalista que lhe ditasse as regras. Para obter o "direito" ao

passse gratuito, foi preciso o parecer dado pelo técnico: é uma pessoa que não pode se auto-prover, classificado em deficiente mental moderado.

Segundo Bueno (1993), as regras se reportam a condições gerais da vida coletiva, ou seja, dificuldade de a pessoa aprender na escola e de se adaptar aos padrões sociais estabelecidos. Em vista disso, é estabelecida a forma para correção de seu "desvio" a inserção no sistema de ensino especial.

Para Foucault (1988), a medicina viu evaporar progressivamente a linha de separação entre os fatos patológicos e os normais. Percebeu-se que os quadros clínicos não eram uma coleção de fatos anormais, de "monstros" fisiológicos, mas decorrentes, em parte, dos mecanismos normais e das reações adaptativas de um organismo funcionando segundo a norma. Na contramão, a deficiência mental ainda hoje continua sendo vista como um desvio dos padrões "normais" de inteligência.

Para Bueno (1993), o desvio da norma vai estabelecer os padrões para a vida coletiva, determinando ao deficiente o próprio ato de viver. Através da visão biológica o conceito de patologia não se sustenta e nem o de deficiência, na medida em que envolve não só a diferença biológica, mesmo quando sua origem é orgânica, mas também na totalidade do homem enquanto pessoa e enquanto membro de um determinado grupo social.

A deficiência mental foi construída a partir da exigência de uma determinada forma de desempenho intelectual. Em uma sociedade com

outro nível de exigência, o atraso cognitivo não teria mesma conotação que tem em nossa sociedade.

Os desvios das normas, então, são determinados de acordo com o contexto, e normas construídas pelos homens em suas relações sociais.

São considerados deficientes mentais indivíduos que não seguem o padrão de aprendizagem designado pelo sistema, fato que se torna indubitável após o parecer do técnico que avalia e rotula esses sujeitos. Na avaliação do teste de Satanford-Binet, datada de 28/11/73, Nicanor tinha idade cronológica de 16 anos e 7 meses, e a idade mental de 7anos e 3 meses. Em plena adolescência é avaliado e a partir desse momento de afirmações e de buscas, carrega o estigma de deficiente e conquista o veredicto: Seu nível intelectual é de uma pessoa de 7 anos.

Como é possível amadurecer, quando o mundo o faz parar, considerando, sua mente infantil, dez anos atrás do desenvolvimento de seu corpo?

Este estigma vai ser constante em sua vida. Hoje, aos 45 anos, continua a viver à margem sociedade "normal". A literatura cria contos e crônicas que traduzem com precisão esta análise, como o poema:

A águia que virou galinha

Uma águia foi criada num galinheiro.

E foi aprendendo sobre o jeito galináceo de ser, de pensar, de ciscar a terra, de comer milho, de dormir em poleiros...

E na medida em que aprendia, ia esquecendo as poucas lembranças que lhe restavam do passado. É sempre assim: todo aprendizado exige um esquecimento... E ela desaprendeu

O cume das montanhas,
os vãos nas nuvens,
o frio das alturas,
a vista se perdendo no horizonte,
o delicioso sentimento de dignidade e liberdade...

Como não havia ninguém que lhe falasse destas coisas, e todas as galinhas cacarejassem os mesmos catecismos, ela acabou por acreditar que ela não passava de uma galinha com perturbação hormonal, tudo grande demais, aquele bico curvo, sinal certo de acromegalia, e desejava muito que o seu cocô tivesse o mesmo cheiro certo do cocô das galinhas...

Um dia apareceu por lá um homem que vivera nas montanhas e vira o vôo orgulhoso das águias.

"Que é que você faz aqui?", ele perguntou.

"Este é o meu lugar", ela respondeu. "Todo mundo sabe que galinhas vivem em galinheiros, comem milho, ciscam o chão, botam ovos e finalmente viram canja: nada se perde, utilidade total..."

"Mas você não é uma galinha", ele disse. "É uma águia."

"De jeito nenhum. Águia voa alto. Eu nem sequer voar sei. Pra dizer a verdade, nem quero. A altura me dá vertigens. É mais seguro ir andando, passo a passo..."

E não houve argumento que mudasse a cabeça da águia esquecida. Até que o homem, não agüentando mais ver aquela coisa triste, uma águia transformada em galinha, agarrou a águia à força, e a levou até o alto de uma montanha.

A pobre águia começou a cacarejar de terror, mas o homem não teve compaixão; jogou-a no vazio do abismo. Foi então que o pavor, misturado a memórias que ainda moravam em seu corpo, fez as asas baterem, a princípio em pânico, mas pouco a pouco com tranqüila dignidade, até se abrirem confiantes, reconhecendo aquele espaço imenso que lhe fora roubado. E ela finalmente compreendeu que seu nome não era galinha, mas águia...

(Rubem Alves)

Através da construção do conceito de ser social chamado deficiente mental moderado, ao Nicanor lhe é roubada a possibilidade de "voar". Ele deve acreditar nas suas limitações e ser igual a seus pares, mantendo os papéis sociais através de suas representações, tal como a águia. Deve moldar-se e ser "galinha", pois se sua idade mental é 7 anos, deve agir como tal. Classificado pela ciência deve acreditar que é limitado ou incapacitado como a pobre águia que cacareja de terror e necessita de alguém para jogá-la no abismo para poder conquistar a possibilidade de abrir suas asas e descobrir a águia que sempre foi, rompendo as limitações construídas ao longo de sua existência.

As escolas especiais e o sistema educacional muitas vezes, com suas amarras, prendem as asas e doutrina as águias para que não descubram a sua essência e possam se libertar. Apoiando-se em um sistema acadêmico formal, não fazem distinção entre o saber e o conhecimento, desqualificando o saber e enaltecendo o conhecimento, baseadas em avaliações quantitativas como a medida de QI, não possibilitando o educando construir seu saber. Conforme Fernández (1990 p.129) *"O conhecimento é objetivável, transmissível de forma indireta ou impessoal; pode ser adquirido através de livros ou máquinas; é factível de ser sistematizado em teorias; enuncia-se através de conceitos. O saber é transmissível só diretamente, de pessoa a pessoa, experiencialmente; não se pode aprender através de um livro, nem de máquinas, não é sistematizável (não existem tratados de saber)".*

A educação especial, por sustentar o trabalho acadêmico através do conceito de inteligência como um processo estático, considera o deficiente

mental como possuidor de um atraso cognitivo e todo o processo de ensino é construído para ele a partir do não saber.

Pode-se perceber que a educação especial tem conduzido seu trabalho sobre valores arraigados em modelos ultrapassados, deixando de lado as lembranças, o modo de pensar e todo um processo de inter- e intra-relações que contribuem na formação desse ser, tal como a água vai conduzir seu aprendizado para o esquecimento, desaprendendo seu saber.

A educação especial precisa resgatar novos conceitos, entre eles o de plasticidade cerebral, que segundo Brandão (1995, p.89) assim se conceitua:

" O termo vem sendo construído para dar maior amplitude no conceito de aprendizagem, sendo as alterações estruturais e funcionais nas sinapses. Temos como resultado os processos adaptativos do organismo, a rapidez da ativação dos processos neurais envolvidos na aquisição de informações, bem como a eficiência dos mecanismos subjacentes aos processos de armazenamento e recuperação das mesmas, podendo ser a representação no cérebro do que denominamos inteligência".

Conforme o texto, então, as estruturas neurais, se forem estimuladas, abrirão caminhos para novas formações sinápticas, melhorando áreas em que o indivíduo tenha defasagem e trazendo à tona habilidades. Se o cérebro é uma estrutura modificável, em constante transformação, como se pode mensurar inteligência? Este questionamento leva a repensar na trajetória histórica do conceito de inteligência.

Conforme Armstrong (2001), em 1904, o ministro da educação pública de Paris solicitou ao psicólogo Alfred Binet e a um grupo de colegas que elaborassem um instrumento para determinar quais alunos de

ensino fundamental estavam “em risco” de fracassar, para que pudessem receber uma atenção remediadora.

Assim surgem os primeiros testes de inteligência, importados pelos Estados Unidos alguns anos mais tarde. A testagem da inteligência tornou-se bastante difundida, assim como a noção de inteligência como um processo que podia ser medido objetivamente e reduzida a um simples número ou escore de “QI”.

Ainda segundo Armstrong (2001), quase 80 anos depois de os primeiros testes de inteligência serem desenvolvidos, o psicólogo Howard Gardner, de Harvard, afirma que a nossa cultura definira inteligência de forma limitada e propõe, em seu livro *Estruturas da Mente* Gardner (1983), a existência de várias inteligências, criando o termo “Inteligências Múltiplas”, ampliando o alcance do potencial humano para além dos limites do escore de QI.

Gardner procura manter o termo inteligência em vez de talentos aptidões ou competências, ampliando a dimensão da palavra inteligência, mostrando que existe uma pluralidade delas e que, à medida que são estimuladas, as capacidades do indivíduo altera-se. Toda pessoa possui diversas inteligências, tais como, lingüística; espacial; musical; corporal; naturalista; inter e intrapessoais e lógico-matemática.

A única oportunidade que foi dada a Nicanor, pelo sistema educacional, foi uma escola que trabalhou voltada ao seu QI, a suas dificuldades e à área lingüística e lógico-matemática, sendo as outras áreas pouco estimuladas e valorizadas. Perdeu-se a possibilidade de

explorar habilidades como inter e intra-relações, competência bastante significativa de Nicanor.

Em várias saídas nossas, Nicanor encontrou conhecidos. A forma dele se relacionar e como outros se relacionam com ele é de extrema afetividade e entrosamento. Sua docilidade e espontaneidade, se fossem trabalhadas no contexto educacional, teriam aberto portas para algumas outras profissões. Seu potencial em áreas não-verbais, artísticas, culturais, etc... nunca desenvolveu. Se isso tivesse sido feito, ter-se-ia dado a ele a auto-estima suficiente para "voar", para "bater asas" e hoje Nicanor poderia estar em um curso diferente de sua história, não estaria retornando para a educação especial.

Além de seu potencial e suas habilidades não terem sido exploradas, oferecem-lhe ampla variedade de matérias escolares, e doutrinaram-no a "SER GALINHA", identificado e classificado como tal.

Conforme Szasz (1979), a identificação e a classificação são importantes para a necessidade de ordenar o mundo voltado para o conhecimento mensurável e a ciência se confronta com a veracidade destas ordenações. Nem tudo que se olha é real: uma pintura pode ser "original" ou uma "cópia" e quem vai dizer a que é original, é o especialista. Na classificação da deficiência, é o médico ou o psicólogo.

A avaliação empírica, configurada no parecer, vai findar no diagnóstico estabelecido pela lógica da classificação a partir de cujos critérios demonstra a importância do poder terapêutico, clínico e educacional.

A deficiência, como doença, passa então pela visão mórbida da trajetória do diagnóstico, dimensionando o quadro do que é ser patológico e não analisa o próprio homem, não busca formas que permita condições de vê-lo enquanto sujeito, construtor de sua história em que onde as diferenças sejam diluídas, na perspectiva da sua potencialidade e não na do seu fracasso, já enquadrado na norma.

De acordo com Canguilhem (1978), o conceito de norma deve ser verificado na essência da relação normal-anormal. Não se trata de uma relação de contradição e de exterioridade, e sim de uma relação de inversão e polaridade. Dilapidando tudo aquilo que a referência a ela própria impede de considerar como normal, a norma cria, por si mesma, a possibilidade de uma inversão nos termos. Uma norma se propõe como uma forma possível de unificar um diverso, de reabsorver uma diferença.

Ainda segundo Canguilhem, (1978, p.216), "o normal é o efeito obtido pela execução do projeto normativo, é a norma manifestada no fato". Como o fato encaminha para exclusão entre o normal e o anormal, o deficiente mental é visto como "anormal", aquele que não possui "inteligência", "memória fraca".

Para Velho (1989, p.28), "Um indivíduo estigmatizado é um indivíduo anormal em toda a extensão de sua individualidade".

O estigma de "memória fraca" vale para Nicanor o passaporte para subir mais um degrau na ordem da normatização, reforçando o "não aprender" e justificando mais uma vez a manutenção das estruturas especiais. Era rotina, quando saíamos, eu fazer a leitura do cardápio,

quando estávamos na sorveteria ou em lanchonete. Nicanor freqüenta poucos lugares como, cinema, teatro, lanchonete e Shopping. Ao Mc Donald's foi, a primeira vez, comigo. Naquele dia ele estava em expectativa. Quando cheguei à sua casa, ele me disse: *"Eu já estou pronto, peguei 10 reais, podemos ir"*. Trajava neste dia calça jeans, camisa pólo verde água, tênis branco. No caminho até o Mc Donald's ele me pergunta como é o lugar, pois está muito ansioso para conhece-lo.

Ao chegarmos, sugiro um hambúrguer. No caixa, Nicanor tira 10 reais para pagar e me diz: *"Hoje eu é que pago, sorri e pega o troco"*. Após saborear seu primeiro hambúrguer e coca-cola, vamos fazer uma caminhada e ele comenta: *"É um lugar bonito, gostei de vir aqui. Podemos sempre vir em lugares diferentes"*.

Ele cumpre seu papel de diferente e dependente, não se esforçando para ler, porém fica constrangido pela situação e assume sua posição de "pouco inteligente". Os lugares freqüentados usualmente pela classe social dita média a média alta não são do convívio de Nicanor. Dois aspectos explicam a pouca freqüência dele em lugares como, shopping, Galeria, Mc Donald's e outros: a questão econômica e a sua condição de "deficiente". A seleção e a quase exclusão desses indivíduos nesses locais de forma explícita, escondendo-se através dos véus dos direitos de igualdade.

Nenhum homem é normal! Ele torna-se normal ou não de acordo com as normatizações estabelecidas pelo seu grupo social. A deficiência só

é tratada como uma patologia, tornando-se um desvio da normalidade, de acordo com as normas mantidas pelo grupo.

De pouco adiantam as mudanças nas nomenclaturas se o grupo não modificou seus valores, seus preceitos frente à diversidade, para que as diferenças sejam respeitadas e não apenas maquiadas e moldadas, havendo a possibilidade de introdução de novos significados.



4. O HOMEM E A SERPENTE

O desafio: Deficiência e Sexualidade.

Uma fábula oriental conta a história de um homem em cuja boca, enquanto ele dormia, entrou uma serpente. A serpente chegou ao seu estômago, onde se alojou e de onde passou a impor ao homem a sua vontade, privando-o assim da liberdade.

O homem estava à mercê da serpente: já não se pertencia. Até que uma manhã o homem sente que a serpente havia partido e que era livre de novo. Então dá conta de que não sabe o que fazer da sua liberdade: "No longo período de domínio absoluto da serpente, ele se habituara de tal maneira a submeter à vontade dela a sua vontade; aos desejos dela, os seus desejos e aos impulsos dela, aos seus impulsos, que havia perdido a capacidade de desejar, de tender para qualquer coisa e de agir autonomamente". "Em vez de liberdade, ele encontrava o vazio", porque "junto com a serpente saíra a sua nova 'essência', adquirida no cativeiro", e não lhe restava mais do que reconquistar pouco a pouco o antigo conteúdo humano de sua vida. Relatada por Jurij Davydov em *IL Lavoro e la libertà*, Einaudi. Torino, 1966 (trad. de V.Strada)

Para abordar os desafios que Nicanor enfrentou em sua caminhada frente à sexualidade e as etapas que ultrapassou para atingir a maturidade, como homem, remeto-me à fábula acima, e à analogia entre ela e a condição dos deficientes mentais, em que a serpente que os domina são as Instituições. Eles são considerados como anjos e, portanto, assexuados, tornando-se prisioneiros.

Sendo levados a reprimirem sua sexualidade e seu direito à liberdade de escolher seus parceiros, os deficientes mentais vivem anos aprisionados em valores pré-estabelecidos, subjugados à condição de deficiente. Como a família e a escola estão voltadas para cuidar da

deficiência, seus desejos e anseios são esquecidos, pois pelas avaliações diagnósticas sua capacidade para desejar é equivalente ao seu teste de QI. Sua essência é condicionada a vontade do outro e, quando consegue sua liberdade, só lhe resta o vazio.

Nicanor, ao nascer homem e deficiente, atravessou diversas etapas buscando sua essência, até chegar à adolescência, fase em que muitos valores cercam são repletos de tabus, preconceitos e mitos, período de reformulações de conceitos e, conseqüente abandono da auto-imagem infantil.

De acordo com Denari (1997), mudanças equivalem a conflitos quando a adolescência se manifesta em pessoas consideradas diferentes e, então, conflitos são usados para explicar fatores da deficiência dos quais decorrem.

Para Becker (1986), trata-se de uma fase de transição, caracterizada por modificações de ordem biológica, psicológica e social, na qual o indivíduo ingressa no período intenso do desenvolvimento de sua sexualidade.

O termo "adolescência" derivado do verbo latino *adolescere*, significa crescer.

Remeto-me, então, a uma das falas de Nicanor constante no diário de campo que vem de encontro com o significado do termo "adolescere": "Sou jovem ainda, vou guardar dinheiro para quando tiver minha namorada, poder casar e ter minha casa". Ainda hoje, Nicanor busca a afirmação desta fase de transição que foi a adolescência. Necessidade de crescer, vislumbrar o

futuro, namorar, tornar-se um ser independente, resgatar sua essência, os sonhos e a inserção na vida adulta, tornando-se atuante e realizador.

Olha-se no espelho e sua imagem - um misto de criança e adulto meio fera, meio príncipe - é vislumbrada, como no texto político transcrito a seguir.

No espelho agora me vejo.
No espelho agora consigo me ver.
No início desesperada
E sem caminho.
Sem caminho para caminhar.
Sem por que continuar.
Depois nasce uma vontade.
Nasce minha liberdade.
O pano vai sendo puxado.
O pano vai me descobrindo
E me ajudando a levantar
e gritar, gritar bem alto:
CONSEGUI!
Consegui me descobrir.
Consegui me livrar desse pano.
Agora eu não me engano...
Agora eu vou andando...
Eu vou caminhando...

(Flávia De S. Queiroz)

O indivíduo deficiente, ao olhar no espelho e visualizar sua imagem, muitas vezes distante do belo que é estabelecido pelos padrões sociais, às vezes se deixa levar pelo desespero e não encontra o caminho, como diz o poema.

Para Le Boulch (1982), a experiência da criança ao se olhar no espelho e observar seu corpo, que lhe é estranho, é de estudo. Explorando-o devagar, vai comparar seu corpo cinestésico com as reações posturais e gestuais, que ele vê no espelho e que ainda lhe são estranhas e, aos poucos, vai percebendo que o corpo que sente é o mesmo que é observado no espelho.

A experiência do espelho, portanto, é uma fase muito importante na confrontação da criança consigo mesma e como parte do processo de identificação.

Ainda segundo Le Boulch, a experiência do espelho é um processo de conhecimento de si e na adolescência auxilia na formação da auto-imagem e da visão de si mesmo. O adolescente precisa sentir-se bem com a imagem corporal que vê e sente para melhor relacionar-se com o meio.

Para Nicanor, olhar-se no espelho é confrontar com o corpo incapacitado e o corpo erótico, em um mundo que enaltece o belo. Ele é uma pessoa, com estatura baixa, rosto envelhecido, olhos castanhos, cabelos castanhos, usa óculos de grau com lentes bastante espessas, seus dentes possuem baixa implantação e são bastante escuros, mãos e pés pequenos, seu corpo cheio apresenta um pouco de barriga, fala com dificuldade, sendo muitas vezes difícil compreender a sua fala. Ainda assim, Nicanor é capaz de ligações afetivas ternas, é expansivo, cultiva várias amizades e relacionamentos.

Essas amizades são sempre pontuadas por Nicanor, como podemos verificar em seus relatos: *"Neste fim de semana fui na Nova Marília, na casa de*

minha amiga. Ela morava aqui vizinha e se mudou e eu fui tomar um café com ela." Nicanor também relata o seu relacionamento com uma vizinha, os dois têm uma estreita amizade, ele diz ser seu confidente, ela está com problemas com o trabalho, seu namorado foi embora, *"Eu tento ajudá-la, vou ver se minha irmã arruma um emprego para ela. Nilda é muito querida, eu gosto muito dela"*. Brinco com Nicanor dizendo: *"Você e Nilda ainda vão namorar"*. Nicanor me olha e abre um sorriso. *"Ela é só minha amiga, as meninas da Doceria também já falaram isto, mais só somos amigos, ela gosta do ex.namorado dela"*.

Descortinando o pano, conforme o poema vai andando para conseguir um novo lugar na ordem normatizada.

O corpo erótico do deficiente mental deve ser reprimido nesta ordem normal. Conforme Foucault (1988), evidenciando os dispositivos institucionais ou sociais de controle dessa sexualidade que escapa da intimidade das quatro paredes, com a função de reprodução. Mecanismos sociais criados fazem com que as condutas sexuais das pessoas desviantes sejam também consideradas desviantes.

Foucault descreve o tumultuado caminho do prazer, tumulto que se justifica pela forma de se controlarem os abusos, em nome da moralidade, da saúde.

A partir da espera do casamento, do desejo de encontrar uma boa moça, da utilização de expressões como "ainda sou jovem", pode-se perceber a camuflagem da ausência de uma vida afetiva-sexual ativa. O poder reprime, através de um discurso libertador, permitindo ao sujeito apenas a possibilidade de espera.

Conforme Omote (1990), o rosto e a atratividade física facial interferem na percepção e nas relações interpessoais, formando uma impressão sobre o indivíduo. O aspecto físico aproxima ou afasta as pessoas, contribuindo para sua rotulação e discriminação.

Quando a mãe de Nicanor diz: *"Vai trocar a roupa para sair. Essa camisa está suja, coloca aquela camisa nova"*, Nicanor neste dia ao retornar do seu quarto vêm de roupa trocada, está com uma calça jeans, a camisa colocada por dentro da calça, cabelo penteado, em seguida mostra 10 reais e avisa que pegou para levar no passeio, a mãe sorri e afirma com a cabeça que tudo bem e depois dá os últimos retoques na roupa de Nicanor, arrumando a gola de sua camisa.

Confirma a posição de que, se estiver bem trajado, vai ser mais bem aceito pela sociedade, pois o aspecto físico é um pouco driblado pela vestimenta.

Em uma sociedade em que o culto à beleza é uma premissa, enquanto o deficiente estiver fora deste padrão, maior são as restrições.

"há implicitamente uma relatividade cultural que está na base do julgamento que distingue entre 'deficientes' e 'não deficientes'. Essa relatividade tênue, obscura, sutil, confusa, procura, de alguma forma, afastar ou excluir os indesejáveis, cuja presença 'ofende', 'perturba' e 'ameaça' a ordem social (Fonseca, 1995,p.25).

Nos indesejáveis, portanto, são colocadas as marcas que vão cumprir os valores da discriminação.

O apego a essas crenças está ligado ao desconhecimento e à ignorância sobre o assunto, fatores que criam o tabu, facilitando atitudes

de compaixão, desespero, culpabilidade e indignação (Fonseca, 1995; Amaral, 1994; Mazzotta, 1996).

De acordo com Amaral (1994, p.15), com este olhar da sociedade, como Nicanor poderá exercer sua sexualidade? Exercerá quando for olhado "*de forma menos maniqueísta: nem herói nem vítima, nem deus nem demônio, nem melhor nem pior, nem super-homem nem animal*" apenas uma Pessoa.

Quando a irmã de Nicanor diz que ele é uma benção do céu, tão bonzinho e que devem agradecer todos os dias a Deus, essa forma de enaltecer Nicanor transcende sua essência de humano, de homem, para elevá-lo ao plano espiritual. Dessa maneira, conforme aponta Amaral, a forma maniqueísta não permite exercício da sua sexualidade.

A sexualidade marca a vida em todas as suas dimensões. Em vista disso, para Merleau-Ponty (apud Denari, 1997) a sexualidade se faz presente na história das pessoas uma vez que "na sexualidade do homem projeta-se sua maneira de ser a respeito do mundo, quer dizer, a respeito do tempo e a respeito dos outros homens"

Segundo Denari (1997), a sexualidade indica formas de pensar, sentir e agir, inerentes ao ser humano, a forma de se ver o mundo, e a forma como o mundo vê homens e mulheres, sendo seus papéis estabelecidos pela sociedade: para o homem, a conduta é de predador, forte e dominador, levando o indivíduo a assumir posturas que correspondam a esse perfil. Nicanor traz em seu discurso essa postura: "*Vou sustentar minha casa e minha mulher*". O seu discurso corresponde à

função masculina de prover sua prole. Neste momento depara-se com a incoerência do sistema que, no mesmo tempo que atribui tal função ao homem, nega ao homem "deficiente" esse direito, como se constata pelo laudo - "Não tem condições de auto-prover".

Como se passa essa dualidade na vida de Nicanor? De forma sutil tenta driblar seu estigma, expressando sua sexualidade quando diz: *"Vou arrumar uma boa moça para casar"*, ou, através das grossas lentes de seus óculos, ilumina com o olhar a estagiária que nos acompanha em alguns encontros, demonstrando sempre interesse pela sua pessoa. Nos dias em que ela não sai conosco, ele pergunta: *"Quando vamos encontrar a tua estagiária? O que houve que ela não apareceu?"*

Em nenhum momento de nossa caminhada, Nicanor trouxe de forma clara seus desejos, fantasias e aspirações.

Muitos autores apontam que, na família e nas instituições educacionais especiais, a abordagem sobre sexualidade e orientação sexual para o deficiente deixam a desejar, fato que muito deve à percepção de que o deficiente mental é incapaz de compreender, aprender e debater sobre esta temática. Sendo assim, o silêncio mantém as relações.

Em uma das idas à casa de Nicanor, ouço dele o seguinte: *"Eu vou guardar dinheiro para comprar minha casa, namorar e casar. Quero uma casa bem bonita e preciso sustentar minha mulher, pois o homem deve manter a casa"*. Sua mãe expressa através de um sorriso a conotação dada à sua fala - deixa ele pensar assim.

Conforme França (1995), seus desejos não são levados em conta, seus anseios são desconsiderados, nem se quer se discute com ele a forma de efetivação de seus desejos e quais os entraves e barreiras existentes para sua realização. Pelo papel que lhe é atribuído, deve ser sempre infantil, a criança que não pode desejar e tornar-se adulto de fato.

Para Pinel (1993) as barreiras sociais tais como controle vigiado dos pais e de profissionais e isolamento social podem diminuir as condutas sexuais no desenvolvimento psicosssexual da pessoa deficiente.

Os papéis são culturalmente determinados e apreendidos e vão formando a Identidade sexual. Nicanor, de forma sutil, apresenta seu papel sexual e, quando diz "Sou Homem", faz uma projeção para sua vida adulta madura, seus sonhos e buscas se espelham no padrão de todo homem, ter uma profissão, família (mulher) e um padrão de vida estável.

Nicanor, em nenhum momento traz em suas falas o desejo de ser pai, ter um filho. O papel de homem deficiente leva-o à inibição da sexualidade dominante masculina cuja função é a reprodução da espécie. A visão estereotipada da sociedade sobre a pessoa deficiente pode levá-lo a se sentir como incompleto e desviante, omitindo a possibilidade de pensar em ter um filho. Através da repressão sexual nega sua sexualidade e o exercício da mesma.

A sexualidade de Nicanor é encoberta pelo véu de sua postura suave. Ele é submisso ao estigma construído ao longo de sua história. Percebo isso quando Nicanor me fala sobre a moça pela qual se

interessou. *"Ela era muito interesseira, queria saber o quanto eu tinha de dinheiro guardado, quanto eu ganhava, só sabia falar de dinheiro, uma boa moça não é assim".*

Estas palavras de Nicanor soam como uma repetição da cantiga de sua família que, através destas mensagens, tenta protegê-lo de um envolvimento emocional e não permitir o aflorar de sua sexualidade. A família tenta se resguardar, pois viveu por 40 anos cultuando a imagem de Nicanor meio Anjo, um toque divinal, como a mãe expressa: *"ele é muito especial, todos nós aqui em casa gostamos muito dele".* Como conviver apenas com um homem, nem bom e nem mau, sem os rótulos da deficiência, apenas humano?

A identidade sexual de Nicanor é aprisionada pela serpente e seus impulsos e desejos ficam nos seus sonhos - *"Eu sou ainda jovem, mais daqui um tempo vou me mudar para minha casa e arrumar uma namorada."*

Como relata a fábula, o dia em que a serpente libertar Nicanor, levará com ela a sua essência, só lhe restando o vazio e a constatação de que o tempo passou. Em tal momento, deverá partir para a conquista de um novo lugar na ordem social, resgatando sua memória e Identidade...

5 - Caminhos do Imaginário e da Memória: Encontros e Desencontros

Ao conceituar memória e imaginário, em seu tratado "Sobre a Memória e da Reminiscência", Aristóteles se pergunta: "a que parte da alma pertence a memória? É evidente que a esta parte da qual brota também a imaginação. E as coisas que, em si próprias são objeto da memória, são todas aquelas que dependem da imaginação³".

Nicanor sonha em trabalhar por conta própria, casar e constituir família, como se confirma por sua fala: *"Um dia quero uma moça, que não seja interesseira, não queira saber quanto eu ganho E não fale em dinheiro, vou encontrar uma boa moça para casar"*.

Para Nicanor, o sujeito desta pesquisa, o ato de imaginação é um momento mágico, pois através deste processo ele se sustenta, buscando aceitação, sem precisar ser diferente, estabelecendo vínculos afetivos. Considerando essas ponderações o que resta para Nicanor, de acordo com Heller (1991), não é o cotidiano em si, mas as relações sociais alienadas com o cotidiano.

Pelo ponto de vista de Heller e conforme Chammé (1992), a adoção do cotidiano presente, como processo desalienante, conduz à compreensão das representações sociais enquanto manifestações individualizadas das regras imaginadas do coletivo da sociedade real,

³ ARISTÓTELES. Sobre a memória e a reminiscência. Tradução por René Magnier. Paris:Belles Lettres, 1965

permitindo que sejam construídas imagens reveladoras da passagem e da relação existente entre o real e o imaginário.

De acordo com Chammé (1992, p.74), "o mundo imaginário é tudo aquilo que é imaginário na sociedade e dá lugar a um inventário de formas altamente enriquecidas, o das imagens e do próprio imaginário. As imagens são realidades físicas e mentais que têm uma significação".

Ao analisar a imagem de Nicanor, percebe-se sua forma de representação está carregada de significações, do seu imaginário e são preenchidas pelos traços da sua realidade.

Conforme Chammé (1992, p.76), "se a realidade é, como se vê, a unidade da essência e da existência, o imaginário é um modo de ser de uma essência que ainda não se tornou existência, ou que perdeu a existência".

Nicanor tenta preservar sua existência, pelo registro de imagens guardadas na memória, onde o real e o irreal aparecem como lembranças, sendo o lugar de reencontro do passado com o presente e a ponte com o futuro.

Nicanor traz para o presente suas recordações através de suas caixas e de seu álbum de foto. *"Minha caixa é onde eu guardo minhas lembranças, aqui está meu diploma do mobral, minha medalha que ganhei na competição de futebol da Apae, meus cadernos quando eu estudava na escola Dona Maria na turma especial, cartões de natal dos meus amigos, papel de presentes dos meus aniversários. As fotos de meu álbum são da minha família, dos meus amigos da Apae e algumas minhas."*

Para Bergson (1990), lembrança é uma reconstrução, um refazer, um repensar, com imagens e idéias de hoje, experiências passadas. A

capacidade de registrar estas experiências e evocá-las está na memória e parte dos inúmeros estímulos do mundo externo, é percebida e registrada pelo cérebro. Conforme Brandão (apud Damasceno, 1987, p.99),

"para que a consciência possa focalizar determinados aspectos do mundo externo, ou da experiência subjetiva interior, deve haver inibição transitória (não o apagamento) de reminiscências, associações e imagens memorizadas. Assim, é esquecendo que podemos memorizar aquilo que, para nós, é relevante em determinado momento".

Nicanor e sua mãe em muitas passagens revelam o esquecimento de fatos sobre suas vidas. Ao relatar a infância de Nicanor, em muitos momentos não consegue lembrar certos fatos. *"Mãe: Nicanor demorou em ir à escola. Ele entrou com quantos anos na Apae? Nossa, não consigo lembrar. Nicanor tenta também relembrar qual foi sua primeira escola e diz: "estamos muito esquecidos."*

O poema de Brecht "Elogio do Esquecimento", trata do significado do esquecimento em nossas vidas.

Bom é o esquecimento!

Senão como se afastaria o filho

Da mãe que o amamentou?

Que lhe deu a força dos membros

E o impede de experimentá-la.

Ou como deixaria o aluno

O professor que lhe deu o saber?

Quando o saber está dado

O aluno tem que se pôr a caminho.

Para a velha casa

Mudam-se os novos moradores

Se os que a construíram ainda lá vivessem

A casa seria pequena demais.

O forno esquentava. Já não se sabe
Quem foi o oleiro. O plantador
Não reconhece o pão.
Como se levantaria pela manhã o homem
Sem o deslembrar da noite que desfaz o rastro?
Como se ergueria pela sétima vez
Aquele derrubado seis vezes
Para lavar o chão pedroso, voar
O céu perigoso?
A fraqueza da memória
Dá força ao homem.

Nicanor necessita enfraquecer sua memória para ganhar forças, para afastar-se da mãe que o amamentou, da escola por que passou, do status que carrega como desviante.

Marginalizado e excluído, deve esquecer o mundo que o estigmatizou. Esquecendo, pode reconstruir sua história ultrapassando a ponte do passado para atingir o futuro. Sua fala é marcada pelo passado - o Bar em que trabalhou, os amigos que deixou, a escola que freqüentou, etc.

Futuro significa arriscar, quebrar barreiras, colocar em xeque os seus limites. Como um deficiente mental, socializado como tal, poderá esquecer seu papel e preencher sua memória com novas possibilidades?

Conforme Halbwachs (1990), a memória é uma construção social e depende do relacionamento do sujeito com o grupo social em que vive. Através da linguagem, a memória é socializada e unificada, aproximando as pessoas e limitando suas lembranças sobre os acontecimentos vividos no mesmo espaço histórico e cultural.

Ainda, segundo Halbwachs, a memória individual é originária da memória coletiva do grupo, ao qual o indivíduo pertence. A memória é resultante de um jogo complexo de combinações entre os diversos tipos de memórias coletivas e as possibilidades de atualização e reconstrução constantes de uma recordação pela experiência ou pela aquisição de um novo conhecimento.

A memória está em constante movimento e a cada geração e grupo social, reconstrói a memória coletiva, de acordo com as percepções individuais.

Nicanor constantemente está recordando seus amigos, sua escola, passagens que compõem sua história. Em nossa visita a Apae, ao chegarmos à sala da Oficina, ele reencontrou alguns amigos e começou a recordar o tempo que estiveram juntos na Entidade. E também os amigos, Elvis e Japonês. Um dos alunos diz: *"Como era bom aquele tempo"*. Em seguida continuaram relembando o trabalho na Olaria "nós chegávamos cedo na APAE, tomávamos café, conversávamos, ríamos e depois Dona Solange ia com a gente orientar nosso trabalho. Ela era muito amiga, hoje está aposentada". A professora atual da turma diz: "Aqui é sessão nostalgia".

A reconstrução que estes indivíduos fazem de suas histórias preenche as lacunas e interrogações sobre seus destinos, havendo uma certa fixação no passado, espelhando a falta de perspectiva no futuro. Como pensar no amanhã quando as algemas do passado amarram seus pensamentos, onde o futuro existe apenas para quem construiu sua história dentro do padrão estabelecido pela sociedade de "normalidade"?

Para Brandão (1987), quando as pessoas fazem seus relatos, não estão apenas relatando o que aconteceu e como aconteceu; onde e em que circunstância de cenário e história aconteceu. Os seus relatos são, sobretudo, o fio invisível que deve unir e dar sentido a tudo, o que se reconhece, bem como foi vivido e agora se memoriza e recorda.

Ainda segundo Brandão, aquele que fica e vive a história de sua vida em um mesmo lugar, nos mesmos ambientes e com as mesmas personagens, pensa como a memória é dada a si mesmo ou aos outros.

Sendo a vida e a lembrança sucessões de eventos vividos entre pessoas e cenários que sempre marcaram sua diferença, o deficiente recorda a imagem de si, através de um destino, uma marca que desenha o seu perfil e estabelece a sua própria identidade. Para Nicanor, a Identidade de deficiente.

Neste momento, é fundamental repensar como se estabelece a construção da identidade, dando razão à vida e à lógica e como está inserido no mundo o deficiente, que se viu, e agora se rememora envolvido.



6- CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

ESTIGMA : O ciclo vital

A identidade de todo ser humano é construída a partir de sua trajetória de vida. Erikson (1972), um dos mais importantes estudiosos do desenvolvimento da personalidade na sua essência e na sua interação com o meio analisa que as transformações ocorrem a partir do conflito básico que se estabelece em cada etapa evolutiva e de cuja solução, ou permanência, depende a conquista da etapa seguinte.

Essa trajetória é estabelecida através dos ciclos vitais, quando o bebê é separado da simbiose com o corpo materno, e por sua aptidão inata e mais ou menos coordenada de alimentar-se pela boca, encontra o seio materno que o acolhe e alimenta. Neste momento ele vive através da boca e ama a sua boca; e a mãe vive através de seus seios e de seu corpo toda a ânsia de suprir as necessidades do bebê.

Para Erikson, a mãe vai viver estas realizações, de acordo com o grau de desenvolvimento como mulher e da sua atitude inconsciente em relação à criança, do modo como ela experienciou a gravidez e o parto, da atitude dela e da sua comunidade em relação ao ato de amamentar e criar e da resposta do recém-nascido.

Para a mãe da criança deficiente, o processo é duplo. Ela deve ultrapassar a fase de adaptações e elaborar a perda do filho idealizado que, ao chegar ao mundo real, é um "deficiente". A mãe o acolhe para

amamentar, mas ele não suga direito, engasga com facilidade, é hipotônico e possui um rosto diferente dos padrões estéticos aceitos.

A mãe olha para trás e, no horizonte perdido, tenta resgatar o filho perdido que havia no seu imaginário, não conseguindo esse resgate, pois o que está em seus braços é o filho real e deve aprender a conviver com este filho como ele é. O que aprende é a conviver com a deficiência e seu significado, significados que a sociedade vai lhe apresentando, primeiramente pelo diagnóstico.

O bebê com deficiência mental possui atraso em seu desenvolvimento, diferenciando o tempo das aquisições em relação a um outro bebê. Vai, porém, adquirindo e ultrapassando as fases e, a cada etapa vencida, as marcas que foram deixadas na sua formação vão delineando a construção de sua identidade.

Ainda segundo Erikson, uma das primeiras modalidades culturais é a de adquirir, no sentido de receber e aceitar o que lhe é dado. Ao receber o que lhe é dado e ao aprender a fazer com que alguém faça para ele o que deseja que seja feito, o bebê vai desenvolvendo as bases necessárias "para aprender a ser".

O prazer do bebê em ser colocado no colo, aquecido, embalado, em perceber que lhe sorriem e falem com ele, promove estimulação para desenvolver-se em fases posteriores. A mãe do deficiente, contudo muitas vezes não estabelece estes vínculos, assumindo posições antagônicas frente à criança deficiente ou ela o superprotege ou o deixa de lado, por pensar que ele não "entende nada, não precisa de muita atenção".

A mãe de Nicanor até hoje vive reminiscências deste momento, superprotegendo o filho, não o deixando assumir desafios, como se nota por seu relato: *"Ele não sabe se defender, por isso, ele não pode sair com seu carrinho de pipoca para trabalhar, poderá encontrar pessoas "ruins" que lhe farão mal e ele não sabe reagir, fica assustado."* Ele deixa o carrinho de pipoca em casa e vai trabalhar com a irmã, seu porto seguro.

Acontece, porém, que o desenvolvimento é inevitável e esta criaturinha com seu jeito diferente vai formando seu "sentimento de identidade". Nesse encontro da mãe com o bebê, vão se estabelecendo a confiança e o reconhecimento mútuo.

A contribuição de cada fase tem um importante papel no desenvolvimento humano para a idade adulta. Como diz Erikson (1972 p.106),

"Cada fase e crise sucessiva tem uma relação especial com um dos empreendimentos institucionalizados básicos do homem pela simples razão de que o ciclo vital humano e as instituições humanas evoluíram juntos. A relação entre ambos é dupla; cada geração leva para essas instituições os remanescentes de necessidades infantis e o fervor juvenil, e recebe delas a medida que elas consigam, de fato, manter sua vitalidade institucional".

Na vida de Nicanor os valores e crenças da instituição religiosa são bastante rígidos. Na família há um tio que é padre, sendo os dogmas católicos seguidos pela família, com bastante fervor.

A mãe relata: *"Quando Nicanor era pequeno não segurava a cabeça e babava. Nós fomos de charrete em uma fazenda, onde morava um padre benzedor. Ao chegarmos com ele, o padre benze e reza e nos manda embora. Após este dia ele*

começou a segurar a cabeça e parou de babar, tornando-se uma outra criança. Ninguém acreditava - era um milagre”.

Nas relações interpessoais de Nicanor com a família, citações conformistas frente às dificuldades são comuns: “Se Deus quiser” “Deus quis assim”, “Se for a vontade de Deus”. Incentivadas pela religião, colocações como estas mantêm a aceitação da deficiência como um fardo de provação, contribuindo para a formação da Identidade do deficiente, pois, desde a infância vão se estabelecendo os papéis e as citações conformistas, como as passagens acima, vão contribuindo para sua formação.

A pessoa deficiente mental “identificada” com seus pais, que, na maioria das vezes, parecem poderosos e bonitos e, em outras, chatos, pouco pacientes e até perigosos.

Na infância, a criança aprende a movimentar-se mais livremente, alcançando um raio maior de ação e aperfeiçoa sua linguagem, podendo indagar e entender sobre inúmeras coisas. A linguagem e a locomoção permitem-lhe dar maior alcance à sua imaginação, há tantos papéis que não pode deixar de espantar-se com o que ela própria sonhou e imaginou. Surge-lhe, então, um sentimento de iniciativa como princípio para um sentimento realista de ambição e propósito.

Nicanor começou a ter alcance de locomoção tardiamente, e sua fala até hoje é bastante comprometida.

Os papéis traçados pela sua história não tiveram longos alcances, a sua independência é limitada pelos aparentes cuidados da família, e a sua

iniciativa é controlada pelos parâmetros do que um deficiente pode, ou não pode fazer. Como podemos verificar no relato da irmã: *"ele faz café e chá muito bem, além de fazer miojo e fritar ovos, ele cuida da casa lavando a louça, arruma seu quarto e cuida da sua roupa"*. A mãe complementa dizendo: *"quando eu preciso sair, fico tranqüila, ele sabe se virar muito bem na cozinha e fica bem sozinho, não abre a porta para estranhos, cuida do cachorro."*

Para Nicanor, isolado no seu micro cosmo familiar, filho caçula e deficiente, as experiências em grupo foram restritas e seu papel masculino relegado ao domínio das mulheres de sua vida, as irmãs e a mãe. Após cada fase de desenvolvimento, Nicanor foi sendo anestesiado e ainda hoje, ele permanece em processos de transições entre a infantização e o amadurecimento, fato que pode ser constatado em falas como: *"Eu possuo a chave de casa. Sou mesmo o Chefe da Doceria"*. Possuir a chave de casa é um dado adulto, ser chamado de chefe como brincadeira é uma infantilização.

O sujeito, ao passar para a adolescência, um período acentuado pelos últimos anos de escolaridade e em que há uma revolução fisiológica e maturação genital, enfrenta a incerteza dos papéis adultos que encontra à sua frente. O modo como estabelece essa transição vai firmar a Identidade do adolescente.

De acordo com Erikson (1972), adolescência, é menos "tempestuosa" para aquela parte da juventude talentosa e bem treinada na exploração das tendências tecnológicas em expansão e apta, por conseguinte, a identificar-se com os novos papéis de competência e invenção e a aceitar uma perspectiva ideológica mais implícita. Quando

esta não lhe é facultada, a mente adolescente torna-se mais explicitamente ideológica, isto é, busca alguma unificação na tradição, idéias e ideais.

Com efeito, é o potencial ideológico de uma sociedade que tem falado mais especificamente ao adolescente que está ansioso por ser afirmado pelos seus pares, confirmado pelos professores e inspirado por “modos de vida” que valham a pena ser vividos.

Nicanor foi privado de desenvolver seu sentimento de Identidade. Tanto as Instituições como as relações no seu ciclo vital, gradativamente, foram modelando seu lugar e papel em plena adolescência, confirmando seu diagnóstico como deficiente mental moderado. O que ele pode esperar de seus pares, a não ser resignar-se ao papel a ele designado - um adolescente deficiente mental com idade mental de 7 anos?

Apesar do abismo que se formou na vida dele entre idade cronológica e mental, a cada fase. Nicanor busca caminhos quando, por exemplo, planeja sua história, através de um novo emprego, e fala para mãe: *“eu sou jovem, vou para Apae aprender uma nova profissão e vou ganhar dinheiro, vou guardá-lo e comprar uma casa, neste dia vou viver com minha mulher”*. A mãe lhe dá um sorriso incrédulo e olha para mim.

Desacreditado pelo mundo dos “normais”, esse indivíduo tenta sobreviver dentro da sua Identidade social, recebendo e aceitando uma forma de tratamento encoberta pelo padrão de normalidade.

Segundo Goffman (1988), a informação social transmitida por qualquer símbolo particular pode simplesmente confirmar aquilo que

outros signos nos transmitem sobre o indivíduo, completando a imagem que possuímos dele de forma redundante. Tal signo é chamado de "símbolo de prestígio" que pode ser contraposto a símbolos de estigma, ou seja, signos que são especialmente efetivos para despertar a atenção sobre uma degradante discrepância de identidade, uma redução na valorização do indivíduo.

Quando Nicanor é chamado de "chefinho", a palavra é vinculada a prestígio, havendo um contraponto com o estigma de deficiente, confirmando as reflexões feitas por Goffman. As marcas positivas e a combinação com a história de vida são incorporadas no indivíduo auxiliando e dando apoio para a sua Identidade.

Ainda segundo Goffman (1988), a Identidade pessoal está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todas as outras pessoas nesse processo de diferenciação podem-se entrelaçar, criando uma história contínua e única, fatos sociais que se tornam, então, a substância pegajosa à qual se agregam fatos biográficos. A questão maior é a manipulação da Identidade pessoal e social, que promove não só a estigmatização como a perda da memória.

Nicanor tenta preservar a sua biografia, e sua identidade. Tem em seu quarto, muitas caixas onde guarda sua história: porta retratos, cartões postais, etc...

Para Pollak (1992), "a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade". Para Nicanor estes

fatores contribuíram para a sua Identidade de deficiente, formando sua história e memória.

História que os seguintes versos reiteram à nossa memória:

Histórias duram mais que homens, pedras mais que histórias,
estrelas mais que pedras.

Mas mesmo as noites de nossas estrelas têm limites e com elas
passará esta história modelo para uma terra há muito morta. (...)
ser a história que eu conto àqueles com olhos para ver e
compreensão para interpretar: despertá-la sempre e saber que
nossa história jamais será interrompida, mas recontada a cada
noite, enquanto homens e mulheres lerem as estrelas.

(John Barth, Chimera)

As estrelas brilham através dos olhos de Nicanor, emanando a luz
que transmite sua espontaneidade, seu jeito simples de ser. Ele reconta
sua história, que há muito lhe foi Negada, buscando resgatá-la,
recontando-a a cada dia.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A BUSCA

Para a conclusão desse estudo, li e reli os diários de campo, em que busquei a compreensão do fenômeno estudado.

Passei pelas categorias e pelos capítulos em que se traçou a trajetória da construção da Identidade de Nicanor, envolvendo sua história, memória e sua visão de mundo.

Os caminhos percorridos, as palavras, os medos, receios e angústias trouxeram à tona o homem escondido atrás da máscara da deficiência e permitiu analisar seu mundo e tentar descortinar os meandros pelos quais ele está envolto.

Volto, então, aos entendimentos a respeito de deficiência. Seja ela da natureza que for, vem sempre acompanhada de conflitos, sofrimentos e preconceitos e para entender um pouco melhor a dimensão do efeito da deficiência sobre a pessoa e sua família, recorro a colocação de Moreno quando no poema DIVISA, ressalta ser na inversão de papéis que se faz o verdadeiro encontro.

Em lugar de passos imperativos, o imperador.
Em lugar de passos criativos, o criador.
Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face
E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos e
Colocá-los-ei no lugar dos meus;
E arrancarei meus olhos
Para colocá-los no lugar dos teus;
Então, ver-te-ei com os teus olhos
E tu ver-me-ás com os meus".

Traduzido de "Einladung zu etner Begegnung", por J.L. Moreno, p.3, publicado em Viena, 1914.

Percebo que só poderei compreender a real dimensão do que é ser um portador de necessidades especiais, fazendo uma leitura pelo seu olhar, a partir de sua verdade e de sua história, contada e recontada por ele.

É ilógico sancionar leis sobre inclusão, quando os interessados são deixados à margem desse processo. Nicanor, em toda sua trajetória, foi pouco estimulado a expor suas idéias, desejos e vontades sobre sua vida e, muito menos ainda, foi ouvido.

Sua história é envolta em um manto de estigmas, dissimulados pela característica de bonzinho, ou como a diretora da instituição escolar especial frisou.

"Um deficiente que deu certo, até carteira de motorista especial ele possui".

Para o mundo, Nicanor é o estereótipo que deu certo. Em um universo de aparências, o fato de ele trabalhar, andar sozinho na rua e possuir carteira de motorista são insígnias de sucesso. Essa projeção

simbólica nos remete à "Negação da Deficiência" discutida pelo psicanalista francês, Pierre Fedida, segundo o qual,

"o deficiente é sempre o sobrevivente, o que escapou de um cataclisma, de uma catástrofe que já se produziu e que nos ameaça interiormente, que nos pode acontecer... O deficiente constitui uma figura de negação violenta que desencadeia todas as nossas negações" (p.145)

O autor enfatiza que a deficiência traz à tona nossos medos, nossas imperfeições e incapacidades, a imagem de mente sã em corpo são entra em choque quando estamos à frente do "deficiente". Quem é esse homem deficiente? Como uma sociedade pautada para a busca da perfeição, pode aceitar então, o diferente como ele é, olhá-lo a partir do seu olhar, sem procurar caminhos para normatizá-lo?

Para Basaglia (1981), a sociedade, para resguardar seus limites sobre a incompreensão das diferenças, objetiva esse homem em síndromes. Amparada pelos estudiosos, tal atitude tem resultado consequências extremamente irreversíveis para o deficiente, originariamente objetivado e restrito a seus limites. É confirmado como categoria fora do humano por uma ciência que devia distanciar-se e excluir aquilo que não estava em grau de compreender.

Ainda segundo Basaglia (1981),

“Todavia, se é verdade que uma análise científica - qualquer que seja o problema do qual se ocupa - representa a pesquisa do fundamento de um fenômeno, uma vez que ele esteja isolado das superestruturas e das ideologias das quais é habitualmente velado, desejando-se afrontar cientificamente o problema da deficiência, deverá, a princípio, colocar ‘entre parênteses’ a deficiência e o modo no qual foi classificada, para poder considerar o doente no seu desenvolver-se em modalidades humanas que propriamente enquanto tal - devemos procurar avizinhar-nos”.

Basaglia nos instiga a, desnudos, tentar compreender o amálgama de ideologias que estão por trás das sutilezas das classificações e das nomenclaturas.

✓ A Educação Especial possui um discurso segundo o qual sua política de ação se norteia por pressupostos de respeito às individualidades, necessidades e potencialidades de seus educandos. Ponderando a realidade atual em que está o sistema educacional brasileiro e, nesse contexto, a educação especial, seria possível concretizar esse discurso?

É provável que o serviço prestado à pessoa portadora de deficiência mental pelas instituições especiais de ensino aconteça conforme com o que tem a oferecer. Voltada para as classificações e nomenclaturas, utilizando-se de estratégias para amenizar seu papel, a educação especial cria níveis de atendimento compatíveis às “necessidades” do aluno, as quais são pressupostas pela instituição de acordo com valores estabelecidos pela mesma.

Toda a potencialidade, os interesses e as expectativas do indivíduo são deixados apenas no discurso e a pessoa chamada de "portadora de necessidades especiais", muitas vezes acaba se tornando apenas uma portadora do rótulo especial, fato que se reflete na sua trajetória na vida adulta, como se constata na história de Nicanor.

Adequar necessidades individuais a algo já estruturado não significa o atendimento às necessidades individuais propriamente ditas. A "colocação" do aluno em uma estrutura já definida só em parte responderá ao atendimento de suas reais necessidades e potencialidades, gerando sérios reflexos no universo do trabalho em que, por estar despreparado para o mercado competitivo, não consegue o desempenho esperado pelo sistema social e acaba sendo excluído dele.

Não bastam discursos e leis inclusivas. Há de se encontrarem os caminhos para sua efetivação. Ainda que haja dificuldades, pois constantemente a realidade apresenta limites, sabendo que o universo social do deficiente é culturalmente determinado e que suas limitações são reais, a sociedade deve quebrar o espelho que reflete essa imagem e, junto com o portador de necessidades especiais, buscar alternativas para viver a diversidade, respeitar os limites e as diferenças, imperfeições e tentar resgatar as habilidades e a beleza possível dentro deste ser.

Nicanor, aos 45 anos, retorna à Instituição que um dia deixou, procurando seu caminho enquanto adulto. Assim como toda moeda possui dois lados, minha intenção, ao realizar este estudo, foi trazer a história de vida de um indivíduo portador de deficiência mental, contada

por ele e, a partir dela, analisar a contribuição das Instituições - família, escola e trabalho - na formação da Identidade do deficiente, salientando a conotação negativa da palavra deficiência, traduzida por ineficiência, determinando, então, a trajetória deste indivíduo.

Nicanor conseguiu muito; cursou uma escola regular, obteve o diploma do Mobral, a carteira de motorista, comprou seu carro, possui um trabalho, locomove-se pela cidade sozinho, ganhou esses construídos em parceria com as instituições que o acolheram.

Toda análise realizada nesta pesquisa não nega a contribuição da família, da educação especial na trajetória de Nicanor, pois, sem esses apoios efetivos, provavelmente ele não teria chegado a esta etapa de sua vida.

Buscou-se, pelas reflexões e análises, contribuir para que outros como Nicanor possam ultrapassar as etapas que ele não superou. Para tanto mudanças se fazem necessárias e, embora muitas já estejam ocorrendo, esse processo inclusivo para o deficiente mental é bem mais restrito por suas "limitações cognitivas" acompanhadas por atraso na linguagem. Em vista disso, seu potencial é abafado por um sistema educacional em muitos aspectos ultrapassado, com ênfase na formalidade acadêmica, em que as competências intelectuais são vistas na perspectiva do elenco de disciplinas tais como Matemática, Português, História, etc, sendo as outras áreas e habilidades pouco exploradas e valorizadas, o que não facilita a esse indivíduo trilhar outros caminhos, como a exploração de

sua sensibilidade e a possibilidade de construir uma identidade própria positiva e não a de deficiente /ineficiente.

Torna-se necessária neste momento uma reflexão sobre o modo como acontece a aprendizagem e como o portador de deficiência mental aprende, pois, a partir daí, cria-se a possibilidade de abertura de novos caminhos para a educação dos mesmos.

De acordo com Fernández (1990), a aprendizagem dos seres humanos depende de vários fatores, como o organismo individual herdado, seu corpo construído especularmente, sua inteligência construída na interação com outros seres humanos e seu desejo. É na interação dessas instâncias do aprender que se explica a aquisição do saber.

A aprendizagem é, então, um processo que se constrói a partir do vínculo humano e cuja matriz se estabelece nos primeiros vínculos do filho com a mãe, pai e irmãos.

É necessário que se acrescente, nessa aprendizagem, outra dimensão, ou seja, a relação com o outro. Esse outro, segundo Neves (1993, p.19),

“é construído simbolicamente por todos os outros seres humanos e que, tal qual um espelho, devolve a imagem do que somos, como um ser completo, ou seja, a partir do outro, nos identificamos, nos descobrimos. Este processo de construção da identidade não é alcançado sem a participação do outro”.

Durante o trabalho desenvolvido com pessoas portadoras de deficiência mental, dá-se a principal intervenção para o desenvolvimento, ou não, da auto-imagem positiva e da auto-confiança.

Como o homem é um ser histórico e se torna humano porque aprende com os outros humanos, segundo Neves, a inteligência não depende apenas do que herdamos biologicamente, mas pode ser adquirida a partir do desenvolvimento de estruturas inteligentes e essas aquisições dependerão da aprendizagem. Sendo assim, o trabalho com o portador de deficiência mental, independente do grau da deficiência, deve abrir possibilidades para que ele crie estruturas no âmbito cognitivo e afetivo.

Encontrar o avesso do processo já historicamente sedimentado demanda a quebra de barreiras e a intervenção em práticas cotidianas, abrindo possibilidade de algo novo, através de mudanças nas relações sociais.

Não há certo e errado, vitoriosos e derrotados, o que há são pessoas incluídas dentro do cotidiano das instituições e “moldadas e violentadas em sua essência”, tornando-se apenas mais um deficiente.

Nicanor foi atingido por esse processo e hoje necessita voltar para a instituição que trata da educação especial, lugar de acolhida, permanência, e convivência, que, apesar das limitações e ressalvas já feitas, se faz necessária em sociedade excludente como a nossa.

Esse trabalho pretendeu apontar e contribuir para construção de um novo olhar para o deficiente a partir do envolvimento da sociedade, pelo qual seja despidido do estigma e se torne apenas um homem.



Concluo com a poesia de Elizabeth Figueiredo: CAS

Estou aqui, do outro lado
Aceito esta minha condição
(...)
às vezes não me sinto senão
o vazio do tempo incerto
estou aí também, do teu lado
aceita-se a distância momentânea
(...)
o mundo que descobrimos
não se deve revelar por acaso.
É de contradições eletrizantes
a sua percepção trouxe liberdade,
nasceu para sensibilizar
para sacudir e "despertar"
o esquecimento, a indiferença e o conformismo

Agradeço a você, Nicanor, por estar comigo nesta caminhada e espero que sua simplicidade possa romper este universo tão controverso entre a indiferença e o conformismo...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, T. *Inteligências Múltiplas na sala de aula*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

AMARAL, Lígia Assumpção. *Pensar a diferença/deficiência*. Brasília: CORDE, 1994.

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro, 1996.

ANDRÉ, Marli E.D.A. *Estudo de caso: seu potencial na Educação*. Cadernos de Pesquisa, nº45, Maio, 1984.

_____. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

AQUINO, Groupa Júlio. *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. Organização Júlio Groupa Aquino. São Paulo: Summus, 1996.

_____. *Relação professor-aluno: do pedagógico ao institucional*. São Paulo: Summus, 1996.

ASSUMPÇÃO, J.F. & SPROVIERI, M.H. *Deficiência mental, família e sexualidade*. São Paulo: Memnon, 1993.

BASAGLIA, Franco et al. *Autobiografia di un movimento*. Firenze Stampa, 1979.

_____. *A Psiquiatria Alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática*. Tradução Sonia Soianesi, Maria Celeste Marcondes. São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1979.

_____. *A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico/* coordenado por Franco Basaglia; tradução de Heloísa Jahn. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. *O homem no pelourinho*. Revista Educação e Sociedade, nº23, São Paulo: Editora Cortez – Centro de Estudos Educação e Sociedade-CEDES, 1986.

_____. Un problema di psichiatria istituzionale (dalla vira istituzionale allá vita di comunità). Escrito em 1966 em colaboração com Franca Basaglia, p.309-310.

BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. São Paulo: Nova Cultural e Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Lescov*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política, Obras Escolhidas*. V.I, São Paulo, Brasiliense, 1987.

BERGER, Peter L. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Tradução, Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 1991.

BETTELHEIM, Bruno. *Uma vida para seu filho*. Tradução Maura Sardinha e Maria Helena Geordane. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

BLEGER, José. *Psico-Higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo. 1990.

BOURDIEU, Pierre. *O desencantamento do mundo*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1979.

BRANDÃO, Carlos. *As Faces da Memória*. Campinas: UNICAMP, 1987.

BRANDÃO, Marcus Lira. *Psicofisiologia*. São Paulo: Editora Atheneu, 1995.

BRECHT, Bertolt. *Poemas: 1913-1956*. São Paulo: Brasiliense. 1987.

BUENO, José Geraldo Silveira. *Diversidade, deficiência e educação*. Revista Espaço. Rio de Janeiro: MEC/Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, 1999. p.34-39.

_____. *Educação especial brasileira: Integração/segregação do aluno diferente*. São Paulo: EDUC/PUCSP, 1993.

BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. Ed. ver. e atual por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

CANGUILHEM, Georges. *O Normal e o Patológico*. Tradução, Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 1ª ed. Editora Forense Universitária-RJ, 1978.

CARLO, Marysia Mara Rodrigues do Prado de. *Se essa casa fosse nossa... -- instituições e processos de imaginação na educação especial*. São Paulo: Plexus Editora, 1999.

_____. *Se essa casa fosse nossa: instituições e processos de imaginação na educação especial*. São Paulo: Plexus Editora, 1999.

CAVENACCI, Massimo. *Dialética da família*. Tradução, Carlos Nelson Coutinho. 5ª ed. Editora Brasiliense, 1987.

CICOUREL, A. *Teoria e Método em Pesquisa de Campo*. Tradução: GUIMARÃES Alba Zaluar. Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticos – Coord. Organiz. Mund. da Saúde; trad. Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

COLEMAN, L.M. Stigma: na enigma demystified. Em Ainlay,,G. e Coleman, L.M. (Orgs). *The Dilemma of Difference: A Multidisciplinary View of Stigma*. New York: Plenum Press, 211-232, 1986. pg.33 Glat Educação Especial Vol. I

COOPER, David. *A linguagem da Loucura*. Lisboa: Editorial Presença, LDA. 1978.

_____. *Psiquiatria e anti-psiquiatria*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CHAMMÉ, Jorge Sebastião. *POLIQUEIXOSO: Metáfora ou Realidade?* São Paulo, 1992. 74-76p. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

_____. *Saúde: Um processo em constante construção*. Marília, 1997. Tese de Livre Docência – Faculdade de Filosofia e Ciências -UNESP.

CHINOY, Ely. *Sociedade: uma introdução à sociologia*. Introdução de Charles Page, tradução de Octavio Mendes Cajado; consultor da ed. Brasileira: Manoel T. Berlinck. 4ª ed. São Paulo, Cultrix; Brasília, INL, 1975.

D'ANTINO, Maria Eloísa Fama. *A máscara e o rosto da instituição especializada: marcas que o passado abriga o presente esconde*. São Paulo: Memnon, 1988.

D'INCAO, Ângela. *Doença mental e sociedade: uma discussão interdisciplinar*. Maria Ângela D'Incao organização. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

DAMASCENO, Benito. "*Neuropsicologia da memória*", In: Brandão, R.C.(Org.), *As Faces da Memória*. Campinas-SP: Unicamp, 1987.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

DENARI, Elisabeth Fátima. *O adolescente especial e a sexualidade: nem anjo, nem fera*. São Carlos: UfsCar, 1997. (Tese de Doutorado)

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo, Editora Abril Cultural, 2ª edição, Série "Os Pensadores". Seleção de textos de José Arthur Gianotti. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura e al, 1983.

EDLER Carvalho, Rosita. *A Nova LDB e a Educação Especial*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.



_____. *Temas em educação especial*. Rio de Janeiro: WVA, 1998.

ERIKSON, Erik H. *Identidade: juventude e crise*. Tradução, Álvaro Cabral. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1972.

EZPELLETTA, J. *Notas sobre investigación participante y construcción teórica*. Seminário de pesquisa participante, Brasília: INEP, 1984, mimeo.

EZPELLETTA, J., ROCKWELL, E. *Escuela y classe subalternas*. Cuadernos Políticos, 37:70-80, 1983.

FEDIDA, P.A. Em M.I.D. Neto (Org.) *A Negação da Deficiência: a Instituição da Diversidade*. Rio de Janeiro: Achiamé/Socius, 137-147, 1984.

FERNÁNDEZ, Alicia. *A inteligência aprisionada*. Tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRA, Izabel Neves. *Caminhos do aprender: uma alternativa educacional para a criança portadora de deficiência mental*. Brasília: Coordenação Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 1993.

FERREIRA, Nilda Tevês. *Cidadania: uma questão para a educação*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FONSECA, Vitor da. *Educação Especial*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. *Educação Especial: Programa de estimulação precoce – Uma Introdução as idéias de Feuerstein*. 2ª ed. rev. aum. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.



FOUCAULT, Michel. El sujeto Y el poder. *Revista Mexicana de Sociologia*. México, nº 3, p.3-20, jul/set. 1988.

_____. *Vigiar e punir*. 7ªed. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *Doença mental e psicologia*. Edições Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, 1988.

_____. *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 10ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Microfísica do Poder*. 13ªed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FRANÇA Ribeiro, Hugues, C. *Orientação sexual e deficiência mental: estudos acerca da implementação de uma programação*. São Paulo: USP/IP, 1995. (Tese de Doutorado)

FREUD, S. *EI múltiplo interés del psicoanálisis: obras completas*. Tradução de Luís López-Ballesteros y Torres, Madrid: Biblioteca Nueva, 1973.v.2.

_____. *Escritores criativos e devaneios*. (1908[1907]). In: FREUD, S. Ed. Stand.Bras. Das obras Psicológicas completas. Rio de Janeiro, Imago, Vol.10, p.149-158, 1976.

GARDNER, Howard. *Arte, mente e cérebro*. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

_____. *Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas*. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

_____. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GATTI, B. (Org). *Alternativas metodológicas para a Pesquisa Educacional*. Cadernos de Pesquisa, Fev. 1982, nº40.

GIBRAN, Kahlil. *A procissão*. Tradução, Emil Farhat. Editora Record, 1958.

_____. *Lágrimas e risos*. Tradução, Pinheiro de Lemos. 3ª ed. Editora Record, 1949.

_____. *O Errante*. Tradução, Mansour Challita. ACIGI.

_____. *O Profeta*. Tradução, Mansour Challita. ACIGI.

GLAT, Rosana. *Integração do excepcional: realidade ou mito?* Mensagem da APAE, Abril/Junho de 1988. p.11-14.

_____. *Questões Atuais em Educação Especial: A Integração da pessoa com deficiência*. Vol1. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1995.

GLAT, Rosana & FREITAS, Cândida Rute. *Sexualidade e Deficiência Mental: pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema*. Rio de Janeiro: Livraria Sete Letras, 1996.

GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Tradução, Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis, Vozes, 1975.

_____. *Estigma; notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Guanabara, Editora Zahar, 1988.

_____. *Manicômios, prisões e conventos*. 4ª ed. Editora Perspectiva, 1961.

GOUVEIA, A.J. *Notas a respeito das diferentes propostas metodológicas apresentadas*. Cadernos de Pesquisa, nº45, Maio 1984, 67-70.

GUIRADO, Marlene. *Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono*. São Paulo: Summus, 1986.

_____. *Psicanálise e análise do discurso: matrizes institucionais do sujeito psíquico*. São Paulo: Summus, 1995.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.

ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas*. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1973.

JANNUZZI, Gilberta. *A luta pela Educação do Deficiente Mental no Brasil*. 2ª ed. Campinas, SP; Editora autores associados, 1992.

_____. *A luta pela educação do deficiente mental no Brasil*. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1985.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*. Vol.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

JURANDIR, Freire Costa. *Ordem médica e familiar*. Edições Graal. Rio de Janeiro. Biblioteca de Filosofia e história das Ciências; Vol.5, 1989.

KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. *Deficiência múltipla e educação no Brasil: discurso e silêncio na história de sujeitos*. Campinas, SP: Autores associados, 1999.

KIRK, Samuel A. *Educação da criança excepcional*. Tradução, Marília Zanella Sanvicente. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KLAUS, Marshall. *Vínculo: construindo as bases para um apego segura e para a independência*. Tradução, Maria Rita Hofmeister. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Livro 11, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

_____. *O Seminário; O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Livro 2, Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

_____. *A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LAING, Ronald David. *A política da família*. Tradução, João Grego Esteves. Editora Portugal, 1969.

_____. *O eu dividido: estudo existencial da sanidade e da loucura*. Tradução de Áurea Brito Weissemberg. Petrópolis, Vozes, 1975.

_____. *Sobre Loucos e Sãos: entrevista a Vincenzo Caretti*. 2ª ed. Editora Brasiliense, 1982.

LE BOULCH, Jean. *O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos*. Tradução Ana Guardiola Brizolara. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

LIEURY, Alain. *A memória: do cérebro à escola*. Tradução, Ramon ^a Vasques. Editora Ática, 1997.

LUDKE, M. ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

_____. *Pesquisa em Educação Abordagens qualitativas*. São Paulo, EDU, 1986.

MALDONADO, M.T.P. *Psicología da gravidez*. Petrópolis: Vozes, 1976.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Uma teoria científica da cultura*. Tradução, José Auto. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975.

MANNONI, Maud. *A criança retardada e a mãe*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *A criança sua "doença" e os outros*. 3ª ed. Rio de Janeiro: editora Guanabara S. A. 1987.

MANTOAN, M.T.E. *Compreendendo a deficiência mental*. São Paulo: Scipione, 1989.

Maria Cristina Marquezine, Maria Amélia Almeida, Eliza Dieko Oshiro Tanaka organizadoras; apresentação Sadao Omote. Londrina: Ed. UEL, 2001.

MARQUES, P.L. O filho sonhado e o filho real. Piracicaba-SP: *Revista Brasileira de Educação Especial*. Vol II, nº3, 1995. p.121-125.

MARX, C. *O trabalho alienado (1.Manuscrito)*, In: Fernandes, F.(org.),Marx/Engels: História, São Paulo, Ática, 1983

MAZZOTTA, Marcos J.da Silveira. *Educação especial no Brasil: História e políticas públicas*. São Paulo: Cortez,1996.

_____. *Fundamentos da educação especial*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, Série "Cadernos de Educação", 1982.

_____. *Política nacional de educação especial*. Caderno CEDES, n.23, São Paulo: Editora Cortez/Centro de Estudos Educação e Sociedade-CEDES, p.5 a 15,1989.

_____. *Educação escolar: comum ou especial*. São Paulo: Pioneira, 1987.

MEAD, Margaret. *Macho e Fêmea*. Tradução de Margarida Maria Moura. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

MEIRELES,C. "Arte de ser feliz", In: FAGALI, Eloísa Quadros. *Psicopedagogia institucional aplicada: aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula*.Petrópolis, RJ:Vozes,1993, p.68-69.

MELETTI, S.M.F. *O significado do processo de profissionalização para o indivíduo com deficiência mental*. Dissertação de mestrado em educação especial. São Carlos: UFSCar, 1997.

MILLER, Nancy B. *Ninguém é perfeito*. Tradução Lúcia Helena Reily. Campinas, SP: Papirus, 1995.

MORENO, J.L. *Psicodrama*. (Trad.: Álvaro Cabral, da 1.ed. de 1946, em inglês). São Paulo: Cultrix, 1987.

_____. *Lãs palabras Del padre*. (Trad.: Jaime Ortiz, da 2. ed., de 1971, em inglês). Buenos Aires: Vancu, 1976.

_____. *Fundamentos de psicodrama* (Trad.: Maria S. Mourão Neto, da 1. ed. em inglês, de 1959). São Paulo: Summus, 1983.

_____. *O teatro da Espontaneidade*. (Trad.: Maria S. Mourão Neto, da 2.ed. em inglês, de 1973) São Paulo: Summus, 1984.

NAFFAH Neto, Alfredo. *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo: Plexus Editora, 1997.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. *Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky*. São Paulo: Scipione, 1993.

OMOTE, Sadao. *Aparência e competência em educação especial*. In: DIAS, Tarcia Regina da Silveira, MENDES, Enicéia Gonçalves, DENARI, Fátima Elizabeth et al. (Orgs.). *Temas em educação especial 1*. São Paulo:1990, p.11-16.

_____. *Deficiência e Não-Deficiência: recortes do mesmo tecido*. Revista Brasileira de Educação Especial 2 Vol.I, UFScar/UNIMEP.

_____. *Reações de mães de deficientes mentais ao reconhecimento dos filhos afetados: um estudo psicológico*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 1980. Universidade de São Paulo.

PAÍN, Sara. *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

PAULA, L.A.L. *Ética, cidadania e Educação Especial*. "Revista Brasileira de Educação Especial 4. Vol II, Piracicaba: UNIMEP/UFScar, 1996.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PESSOTTI, Isaías. *Deficiência Mental: da superstição à ciência*. São Paulo: T.A.Queiroz/EDUSP, 1984.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *Psicologia da vida cotidiana*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Teoria do vínculo*. Seleção e organização Fernando Taragano; tradução Eliane Toscano Zamikhiuwsky. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

PINEL, AC. A. *Restauração da Vênus de Milo: dos mitos à realidade sexual da pessoa deficiente*. In RIBEIRO M. (org) *Educação sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos n.º 307-325.

POLLAK, M. *Memória e Identidade Social*. Revista Estudos Históricos 10. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1992.

QUEIROZ, A. M. e RAMOS, J. *Educação Especial. Modelos de serviços para o educando com retardo mental*. São Paulo: APAE, 1979, p.21.

QUEIROZ, M.I.P. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991 HALBWACHS, M. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.

QUEIROZ, S.F. "E agora eu vou andando", In: FAGALI, Eloísa Quadros. *Psicopedagogia institucional aplicada: aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993, p.58.

ROCKWELL, E., EZPELLETTA, J. La escuela: relato de um processo de construcción inconcluso. *Dialogante*. (2):26-47, 1983.

_____. Pesquisa participante. São Paulo: Cortez, 1989.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. *O homem que confundiu sua mulher com um chapéu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SARTRE, P. J. *O imaginário*. Tradução, Duda Machado. Editora Ática, 1996.

SARUP, Madan. *Marxismo e educação; abordagem fenomenológica e marxista da educação*. Tradução, Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SAVIANI, Dermeval. *Política e educação do Brasil. O papel do Congresso Nacional na legislação do ensino*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, Campinas: Autores Associados, 1988.



SCHAFF, Adam. *O marxismo e o indivíduo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SCHNEIDER, D. "Alunos excepcionais: um estudo de caso de desvio", In: Velho, G. (org.), *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. *Diretrizes de atuação e ações prioritárias, Integração*, ano 5, nº11. 1994.

SILVA, A G. *O movimento apaeano no Brasil: um estudo documental (1954-1994)*. Dissertação de mestrado em Educação. São Paulo: PUC, 1995.

SILVA, Otto Marques da. *Uma questão de competência*. São Paulo: Memnon, 1993.

SMITH, L.M. Na evolving logic of participant observastion, educational ethnographic, and other case studies, *Review of Research in Education*. (6): 316/77, 1979.

SPRADLEY, J. P. *The ethnographic interview*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1980.

STAKE, R.E. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional*. Educação e Seleção. Fundação Carlos Chagas, nº7, Jan/Jun, 1983, 19-27.

_____. *Pesquisa qualitativa/naturalista: problemas epistemológicos*. Educação e Seleção. Fundação Carlos Chagas, nº7, Jan/Jun, 1983, 19-27.

SZASZ, Thomas. *A fabricação da loucura*. Tradução, Dante Moreira Leite. 3ª ed. Editora Guanabara, 1971.

_____. *Cruel Compaixão*. Tradução, Ana Rita P. Moraes. Campinas, SP: Papirus, 1994.

_____. *O mito da doença mental*. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1979.

TOMASINI, Maria Elisabeth Archer. *Educação Especial e Deficiência Mental: Da extração do saber ao exercício do poder*. Florianópolis, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de Santa Catarina.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VALENTE, Rossana Maria Seabra Sade. *Um estudo descritivo de uma Instituição educacional para pessoas portadoras de distúrbios emocionais*. São Carlos, 1995. 14,15,16, 104,105 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos.

VELHO, Gilberto (org.). *Desvio e divergência, uma crítica da patologia social*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

VIDAL, G.D. *Memória Operária: "Um Estudo de Caso com a utilização do método de História Oral"*. (Re)Introduzindo a história oral no Brasil/organização José Carlos Sebe Bom Meihy. São Paulo: Xamã, 1996.

WINNICOTT, W.D. *O brincar & a realidade*. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1975.

ANEXO



ANEXO

RELATO DIÁRIO DE CAMPO

IDA AO SHOPPING E ENCONTROS COM AMIGAS.

Uma quarta-feira ensolarada. Cheguei na casa de Nicanor por volta das 15:00 horas, toco a campainha e o cachorro Babico, late e a porta abre. A mãe de Nicanor abre o portão. Entro e vou para a cozinha, o pai de Nicanor está arrumando o fogão, a irmã almoça eu sento-me na mesa com a irmã e peço um copo de água. Converso com a mãe e a irmã. Nicanor não apareceu, esta no seu quarto arrumando-se para sairmos. Pergunto a irmã de Nicanor, se estava indo com frequência para São Paulo. Ela me diz "*Vou na próxima semana e depois vou para o Rio de Janeiro em um Congresso*".

Depois conversamos sobre cidades, me perguntam sobre Curitiba, se é uma boa cidade de viver, sobre o frio e o como é o povo.

Nicanor chega, me da Oi, pega um copo de água da garrafa que esta sobre a mesa, bebe água, levanto-me para sairmos, enquanto termino a conversa com a mãe de Nicanor e sua irmã, ele mantém-se em silêncio.

Despeço-me da família, a mãe nos acompanha até o portão, nós despedimos, ele diz para mãe "não fique preocupada, após o Shopping, vou na casa do tio" esse é o tio que é padre. A mãe responde "Tudo bem, eu sei que você se cuida". Eu brinco dizendo "ele é ajuizado".

Ao sairmos falo para Nicanor, que tal irmos até o Café que fica próximo de sua casa. Ele não gosta muito da idéia, eu explico que o Shopping é lado oposto de sua casa, porém irmos ao Shopping foi nosso combinado e ele não abre mão do passeio. Diz "deixamos para próximo encontro, para irmos no Café", fica algumas quadras de sua casa.

Vamos caminhando até o Shopping, conversamos sobre sua amiga (uma vizinha), ele diz que ela gosta de conversar com ele, passa por um momento difícil e ele procura dar apoio (eu às vezes tenho dificuldades de compreender o que Nicanor fala).

Nicanor continua me contando sobre suas amizades, agora fala sobre um amigo que ofereceu um ponto para ele trabalhar com o carrinho de pipoca, diz "posso ter um bom lucro, estou pensando sobre o assunto".

Nicanor me convida para ir na casa de sua tia, eu agradeço, deixando para um outro dia, que ele tenha avisado

sobre minha visita. Eu pergunto se a tia é casada com o tio, ele sorri e diz *"não ele é padre, ele teve oportunidade de casar, mas preferiu a religião"*. Eu justifico o que disse, pensei que ele era da religião evangélica, porém não seria padre e sim pastor e poderia ser casado. Ele afirma *"meu tio é católico"*.

● ● Chegamos ao Shopping, estamos suando, o dia esta muito quente, Nicanor me fala sobre a loja de suco que há no meio do Shopping, eu proponho irmos tomar um suco, ele quer primeiro ir na loja de uma moça que trabalhava na Doceria de sua irmã e agora trabalha em uma loja de roupa no Shopping, ele a considera muito legal e a chama de amiga.

Eu me manifesto em ficar sentada bebendo meu suco, enquanto ele vai dar oi para a moça. Estou pegando meu suco quando Nicanor retorna, pergunto o que houve, a moça estava ocupada e não pode lhe dar atenção, voltou um pouco aborrecido. Indago se vai querer um suco e aponto a placa de sabores, acabo lendo para ele, que permanece olhando e não consegue ler, e fala *"minha vista não anda boa"*.

Nicanor pede suco de maracujá, mais uma vez eu pago, neste dia ele me diz que precisa pagar, falo que já paguei, ele sorri.

Estamos sentados, quando se aproxima uma jovem, ela olha Nicanor e lhe saúda, ele a convida para sentar. Ela aceita e começam a conversar, a moça pergunta sobre a família de Nicanor, como vai a irmã dele que mora em São Paulo, sobre a saúde de seu pai, ele está muito entusiasmado com a conversa e também pergunta sobre a mãe da moça. Eu fico apenas escutando a conversa dos dois que pelo assunto parece que não se encontram à bastante tempo.

Após uns 15 minutos a moça se despede de nós dois e vai embora. Nicanor me olha e diz "*Viu como sou querido, possuo muitos amigos*".

Sáímos do Shopping e nós despedimos, Nicanor vai para a casa de seu tio e depois fala que deve passar no supermercado, gosta de ver os preços e passear no mercado. Nicanor me dá um beijo e marcamos nosso próximo encontro para próxima semana.

